



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

MICHELE ALVES DE MELO

**MATÉRIA E ILUSÃO: SOCIEDADE E LITERATURA EM BALZAC E
MARX**

MANAUS

2015

MICHELE ALVES DE MELO

**MATÉRIA E ILUSÃO: SOCIEDADE E LITERATURA EM BALZAC E
MARX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Coelho de Paiva

MANAUS

2015

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M528m Melo, Michele Alves de
Melo, Michele Alves de. Matéria e Ilusão: sociedade e literatura em Balzac e Marx / Michele Alves de Melo. 2015
100 f.: 31 cm.

Orientador: Marco Aurélio Coelho de Paiva
Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Literatura. 2. Sociologia. 3. Balzac. 4. Marx. I. Paiva, Marco Aurélio Coelho de II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

MICHELE ALVES DE MELO

**MATÉRIA E ILUSÃO: SOCIEDADE E LITERATURA EM BALZAC E
MARX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Banca examinadora

Prof. Dr. **Marco Aurélio Coelho de Paiva** - Presidente
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. **Ernesto Renan de Freitas Pinto** - Membro
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dra. **Lileana Mourão Franco de Sá** - Membro
Universidade Federal do Amazonas

MANAUS

2015

DEDICATÓRIA

Ao único, rei **Eterno**.

Ao meu esposo, **Wheidima Carneiro de Melo**,
meu amado.

Aos meus familiares e amigos mais chegados que
irmãos.

AGRADECIMENTOS

Ao único, infinito em sabedoria, misericordioso e cheio de bondade e amor.

À Universidade Federal do Amazonas pela capacidade de lapidar meu conhecimento, podendo acrescentar mais capital simbólico.

Ao Programa de Pós graduação em Sociologia, aos professores que em meu caminho passaram grata pelos incentivos e dicas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por fomentar minha pesquisa.

Ao professor Marco Aurélio, meu orientador que sempre se dispôs aos diálogos e discussões, por sua dedicação.

À minha vovó, fonte de toda inspiração que tenho ao correr atrás de meus objetivos.

Aos meus familiares que sempre compreenderam minhas atitudes quando estava debruçada aos meus livros.

Aos meus amigos que muitas das vezes deram seus ouvidos aos lamentos e ideias surgidas num repente de uma conversa e diziam: nada ver Chele!

Ao Wheidima Melo, dono do meu coração e dedicação, obrigada por estar ao meu lado.

*Ser radical significa tomar as coisas pela raiz.
Mas para o homem a raiz é o homem mesmo. **KARL
MARX***

RESUMO

O trabalho intenta apresentar uma abordagem da teoria marxiana da modernidade em conexão com algumas obras de Balzac. Objetiva-se, assim, compreender os laços possíveis de serem identificados entre um determinado arcabouço teórico canônico no âmbito das ciências sociais e um conjunto de obras literárias. A abordagem empreendida não se limita a focalizar a questão da luta de classes ou o modo como a infraestrutura econômica interfere na superestrutura política e ideológica, tal como geralmente os estudos acerca do marxismo salientam, mas sim ao modo como os dois autores, devotados a atividades intelectuais distintas, podem ser articulados. A investigação demonstra como Marx em muito se apropriou do modo de abordagem proveniente das narrativas literárias de Balzac e converteu tais ganhos para uma análise científica da realidade instaurada pelo mundo moderno. A despeito das diferenças de posicionamentos político e ideológico existentes entre Marx e Balzac, uma visada crítica da sociedade burguesa inaugurada pelo autor francês em muito contribuiu para o autor alemão consolidar o seu próprio ponto de vista revolucionário da modernidade.

Palavras-chave: Literatura; Sociologia; Balzac; Marx

ABSTRACT

The work intends to present an approach to Marxian theory of modernity in connection with some works of Balzac. The purpose is thus to understand the possible ties to be identified among a certain canonical theoretical framework within the social sciences and a number of literary works. The approach taken is not limited to focus on the issue of class struggle or how the economic infrastructure interfere in the political and ideological superstructure, as generally the studies about Marxism stress, but the way the two authors, even devoted to distinct intellectual activities, can be articulated between themselves. This research shows how much Marx appropriated the approach method from the literary narratives of Balzac and converted these gains to a scientific analysis of the reality established by the modern world. Despite the differences of political and ideological positions that exist between Marx and Balzac, an aimed critique of bourgeois society inaugurated by the French author contributed greatly to the German author to consolidate his own revolutionary point of view of modernity.

Keywords: Literature; Sociology; Balzac; Marx

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – AS INTERFACES ENTRE A SOCIOLOGIA DE MARX E A LITERATURA	13
1.1 Convergências entre Literatura e Sociologia.....	16
1.2 Marx, o mouro	22
1.3 Marx e sua história com a literatura	24
1.4 Marx e Balzac: um diálogo	31
1.5 Lukács, o intermediador de Marx e Balzac.....	35
CAPÍTULO II – AS REGRAS DA ILUSÃO	40
2.1 A realidade em Pai Goriot	40
2.2 A casa Vauquer e suas revelações	42
2.3 Indivíduos ou personagens	45
2.4 “Espelhos” da sociedade.....	52
2.5 Sociedade, indivíduo e dinheiro	56
2.5.1 O indivíduo e o papel do dinheiro.....	58
2.5.2 A representação do dinheiro e seu poder.....	60
CAPÍTULO III – INDIVÍDUO E SOCIEDADE	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

INTRODUÇÃO

Ao se iniciar uma pesquisa, inúmeras ideias e possíveis caminhos surgem quanto aos modos de se conduzir ou abordar o tema e o objeto que se toma para análise. Mas, como fazer? Remover entraves e barreiras que eventualmente venham a bloquear ou dificultar o exercício de vincular uma dada maneira de apreender teoricamente o objeto ao material empírico selecionado é, em última instância, a execução da própria pesquisa. Esses “obstáculos” existem, por seu turno, para que a pesquisa esteja adequada a determinado conjunto de regras e normas instauradas pelo campo científico, regras e normas que são invariavelmente tomadas como rígidas, sem uma flexibilidade muitas vezes necessárias para possíveis resoluções um pouco mais distantes de certos padrões estabelecidos.

Independentemente de haver entraves, pois eles sempre existirão, o enfrentamento deve ocorrer de maneira rigorosa, mas não rígida (BOURDIEU, 1989). Os grupos de pesquisa existentes, em sua maioria, tendem a investir na formação de novos pesquisadores a partir de uma ramificação em forma de pequenos projetos de pesquisa devidamente atrelados a projetos mais abrangentes. Quando de um primeiro contato com a atividade de pesquisa, as dificuldades aparecem de todas as formas e por todos os lugares, deixando o pesquisador muitas vezes preocupado com o que pode resultar. Porém, as dificuldades devem ser transformadas em estímulo.

O objetivo da presente pesquisa foi compreender os laços possíveis de serem identificados entre um determinado arcabouço teórico definido como canônico no âmbito das ciências sociais, mais precisamente da área de sociologia, a partir de um conjunto de obras literárias. Dessa forma, buscou-se estabelecer um diálogo entre a literatura e a sociologia a partir das obras de Balzac e de Marx, tomando-se como horizonte analítico o próprio processo de criação intelectual. Nesse sentido, a ênfase do trabalho não recai sobre a questão da luta de classes ou do modo como a infraestrutura econômica interfere na superestrutura política e ideológica, tal como geralmente os estudos acerca do marxismo salientam, mas sim ao modo como dois autores devotados a atividades intelectuais distintas podem ser relacionados de maneira dialógica.

São conhecidas a relevância e a influência dos trabalhos de Marx para os estudos econômicos e mesmo para as abordagens políticas e filosóficas acerca do mundo moderno.

Mas não foram somente David Ricardo ou Hegel os autores decisivos a influenciar a consecução do projeto marxiano. Shakespeare e Balzac, dentre outros autores, foram igualmente decisivos para a montagem dessa perspectiva inovadora. A partir de uma reflexão sobre os costumes da sociedade moderna, é possível indagar o que poderia ter chamado a atenção de Marx nas diferentes obras literárias com os quais manteve contato desde a sua formação. Os textos literários, como se sabe, podem expressar de diferentes maneiras não só certos aspectos da realidade, mas são também instrumentos cruciais para o delineamento da própria realidade.

A partir das cartas de Marx endereçadas a Engels, e vice-versa, pode-se perceber fortes indícios quanto ao tipo de influência que determinados autores e obras (e Balzac de maneira destacada) impactaram o autor de *O capital*. De maneira explícita, Balzac é citado como um autor cuja obra forneceu ferramentas decisivas para os desdobramentos da análise do capitalismo. Os processos de transformação histórico-social, quando vinculados ao estudo da arte, tendem a ganhar novas conotações e, desse modo, uma intersecção entre as duas áreas podem transformar-se em um instrumento de interpretação e compreensão da realidade social.

De acordo com Luiz Costa Lima (2002), cabe ao pesquisador ter cuidado ao tomar a obra literária como possível instrumento de compreensão da sociedade. Tal cautela justifica-se na medida em que a obra literária não deve ser tomada como uma expressão fiel da realidade, mas sim como uma forma de representação, além de ter que cumprir regras próprias para a sua formulação do ponto de vista da linguagem. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi feito um levantamento prévio de trabalhos acerca de Marx que tangenciam essa perspectiva, e os resultados nos mostraram que existem poucos trabalhos, principalmente quando se utiliza Marx em cruzamento com a literatura. Embora existam abordagens, vale destacar, que recorram à literatura no sentido de visualizar a questão do conflito entre classes sociais e a sua dissolução em determinados “poemas” e/ou narrativas.

Compreender as interpretações que os sujeitos históricos produzem sobre determinadas práticas culturais e experiências são tão importantes quanto compreender essas mesmas práticas e experiências, pois a história não é menos uma forma de ficção do que o romance é uma forma de representação histórica.

Assim como Bourdieu (1989) afirma não existe uma fórmula pronta, encontrar uma abordagem teórico-metodológica que dê conta da riqueza e da complexidade da literatura em contato direto com a sociologia é um passo importante e difícil. O gênero romanesco tem suas raízes firmemente fincadas no tempo histórico e em contextos socioculturais específicos e, mesmo no plano da fantasia, tem um conteúdo de verdade e um notável poder de revelação, de descoberta e interpretação da realidade.

Partindo do entendimento de que cabe ao campo sociológico a tarefa essencial de perceber como esses documentos estão fincados no tempo histórico e em contextos socioculturais e, também, quais tipos de interpretação da realidade ele estetiza, deve-se buscar dar conta de um conjunto de elementos que compõem as obras literárias: autor, leitor, estilo, enredo e valor, pois são partes integrantes de um todo. As possibilidades de se tratar a fonte literária como um documento marcado por representações sobre a sociedade, a cultura, a religião e o mundo, do modo como é destacada por vários autores, o texto literário deve tanto ter suas peculiaridades internas quanto suas relações com o contexto histórico-cultural.

O fato de a análise dos textos de Balzac vir atrelada a informações sobre a história cultural dos camponeses, da classe burguesa e de seus mais obscuros caminhos, das relações sociais, não significa que a ficção seja tomada como um espelho da realidade, mas sim como uma construção assentada em preocupações realistas, resultando na explicitação de muitos elementos da realidade.

O presente trabalho de pesquisa é uma continuidade de trabalhos anteriores então destinados a promover um primeiro contato com a atividade de pesquisa. Os desdobramentos então atingidos naqueles primeiros passos foram aqui esmiuçados e expostos. Esse esforço investigativo, em sua estrutura final, foi dividido em três partes. No primeiro capítulo, buscou-se apresentar uma breve exposição do surgimento da sociologia e de sua consolidação como disciplina científica, destacando a existência de uma interface entre a sociologia e a literatura. Também se enfocou o papel de Marx para a consolidação de uma dada perspectiva analítica no âmbito das ciências sociais, com um recorte e um direcionamento a privilegiar o diálogo entre sociologia e literatura, diálogo esse corporificado em Marx e Balzac.

No segundo capítulo, a análise centrou-se nas obras de Balzac: *O pai Goriot*, *A pele de onagro*, *Eugênia Grandet*, *Ascensão e queda de César Birotteau*,

Ilusões perdidas e a novela *O coronel Chabert*, todas abordadas em conexão com o arcabouço teórico de Marx. O modo como Balzac concebe a burguesia como classe social, assim como a relação da burguesia com o dinheiro, ganha importância quando associada ao pensamento de Marx na medida em que sua análise sobre o capitalismo se assenta em tais formulações. O foco desse capítulo, portanto, recaiu sobre esses elementos: classe (burguesa) e dinheiro. Assim, foi possível avaliar como uma determinada abordagem literária entranhou-se, de algum modo, nas análises sociológicas de Marx.

No terceiro capítulo, enfim, uniram-se os elementos apresentados no capítulo anterior, juntamente com outros conceitos (alienação, mercadoria, etc.), e enfocou-se os liames existentes entre Marx e Balzac. A obra de Balzac, mais especificamente, pôde nos revelar o quanto a perspectiva adotada por Marx foi crucial para a consolidação do materialismo histórico e também para os futuros desdobramentos analíticos alcançados pelo o autor de *O capital*.

CAPÍTULO I

1 AS INTERFACES ENTRE A SOCIOLOGIA DE MARX E A LITERATURA

O processo de constituição da sociologia como ciência, pode-se dizer, começou a delinear-se no início do século XIX com a obra de Augusto Comte. A partir de uma analogia entre as diferentes fases de desenvolvimento de um único indivíduo, desde a sua infância até a maturidade, o autor francês tomou como objeto da “física social” as etapas evolutivas pelas quais a humanidade deveria passar. Tendo em vista os problemas então acarretados pela modernidade e, em função disso, a desagregação da ordem feudal tradicional, Comte vislumbrou a possibilidade de resgatar uma estabilidade social já perdida a partir da fundamentação de uma maneira de pensar/conhecer nova e suficientemente legítima para impor uma ordem moral renovada. Um período histórico caracterizado pela transição entre o Antigo Regime e a era moderna e, por conta disso, pela proliferação de estudos inovadores então destinados a dar conta das bruscas e profundas transformações em curso. Mudanças no âmbito não só da política e da economia, mas também na ordem moral e social a impor novos modos de ver e perceber a própria realidade. As próprias estruturas dominantes haviam perdido suas forças e estavam buscando, de alguma forma, restabelecerem-se. Novos modelos eram postos a prova e vários conflitos começaram a surgir e a exigir uma reflexão mais detida acerca dos fenômenos sociais.

A Revolução Francesa e a Revolução Industrial inglesa deflagraram importantes processos de transformação da vida social, alterando de maneira significativa a estrutura econômica, política e cultural das sociedades tradicionais. Novas posturas foram definidas em função dessas mudanças, tais como: a secularização dos costumes, a aceitação de novas formas de pensamento, a não manutenção de posições já consolidadas por grupos sociais dominantes, dentre outras. Tais mudanças, por sua vez, propiciaram a alteração de tradições intelectuais vigentes, viabilizando a emergência de uma nova ordem social a partir das brechas e fissuras abertas pela desagregação da sociedade feudal. Novos grupos sociais emergiram e se articularam em prol de novos valores, gerando

posicionamentos políticos e culturais distintos daqueles grupos sociais que ainda detinham prestígio e poder político.

Além das mudanças no plano econômico e político, outras dimensões da vida social foram igualmente alteradas, tais como aquelas vinculadas ao modo como o conhecimento era produzido. Houve, nesse sentido, implicações decisivas para a configuração da ciência moderna e, não menos importante, da própria produção literária. Esse processo de mudanças, por sua vez, aconteceu nos distintos países europeus e em ritmos diferenciados, mais fortemente na Inglaterra e na França, mais demorado na Alemanha e, depois, se expandiu para os outros cenários. A própria configuração de um conhecimento específico voltado para os fenômenos sociais, por seu turno, ganhou contornos diferenciados em função, precisamente, de uma menor ou maior aceleração das mudanças modernizantes em cada país a partir da expansão do industrialismo, bem como do grau de permanência de tradições então sobreviventes. Mas, em todos os contextos, uma ciência acerca dos fatos sociais, uma sociologia, intentou buscar um entendimento mais racionalizado acerca das transformações dos processos sociais atrelados à modernidade.

No século XIX, uma ciência dos fatos sociais apresentou-se inicialmente com pretensões não só em “detectar” ou diagnosticar os problemas sociais acarretados pelas transformações provocadas pelo industrialismo, mas também em indicar os caminhos mais acertados para “resolver” tais problemas. A legitimidade alcançada pelas ciências naturais no decorrer dos séculos anteriores era, agora, transplantada para o âmbito dos fenômenos sociais, conforme apregoava o pensamento positivista. Mas essa transposição, obviamente, não seria aceita de modo pacífico, a depender do contexto político e cultural a adotar a perspectiva explicativa de uma sociologia positiva.

Na França, por exemplo, a sociologia só ganhou maior legitimidade como ciência, a despeito dos esforços pioneiros de Augusto Comte ainda na primeira metade do século XIX, com o empenho de Émile Durkheim e sua equipe já em finais do século, e muito em função das possibilidades abertas pelo contexto político favorável a mudanças e alterações que vinham se processando na sociedade francesa. Mesmo assim, como destaca Lepenies (1996), o acirramento político com

os setores mais tradicionais e conservadores não deixou ileso o modo como a sociologia foi aí delineada.

Já na Alemanha, por sua vez, e dada a peculiaridade não só do seu contexto político e econômico, mas também em função da própria situação institucional da academia alemã, a sociologia foi alvo de severas contestações quanto à sua validade científica por parte da *intelligentsia* germânica (cf. Ringer, 2000). Confundida como parte do processo de modernização (ou seja, como uma das facetas do industrialismo), a sociologia na Alemanha só gradativamente alcançou certo *status* de ciência, e mesmo assim com características bastante peculiares. Paradoxalmente, no entanto, ela atingiu certo prestígio em função da necessidade de entender-se melhor o que já ocorria de forma inexorável: a sociedade alemã vinha se modificando profundamente em sua estrutura social graças aos processos de modernização. Nesse sentido, como ressalta Ringer (2000), a sociologia conseguiu firmar-se como disciplina dotada de alguma legitimidade e com algum reconhecimento na medida em que propiciava um entendimento da concretude desse processo de modernização.

Desse modo, quando se pensa em sociologia, pensa-se quase automaticamente nos seus autores clássicos e fundadores: Marx, Durkheim e Weber. Os três, dentre outros, inauguraram abordagens próprias acerca da realidade social. As vertentes teóricas por eles abertas foram decisivas para a consolidação de uma tradição sociológica. Na medida em que a sociologia se encarrega de compreender os fenômenos sociais nas diferentes formas sociais e culturais, adotando uma diversidade de métodos, se faz necessário conhecer de forma breve como foram os passos galgados até aqui.

A sociologia, nesse processo, vale salientar, a despeito de suas pretensões científicas, não pode ser dissociada das mudanças que foram introduzidas na esfera estética durante o século XIX, uma vez que a arte e a literatura converteram-se em instâncias relativamente independentes e em instrumentos expressivos de uma “realidade” já em processo de fragmentação, impossibilitada de ser apreendida em sua totalidade. Mesmo constatando-se que cada um dos autores tomado como clássico da sociologia tenham inaugurado uma abordagem própria com um método específico para o desenvolvimento de suas análises e diagnósticos acerca do

mundo moderno, é possível identificar uma convergência entre eles em relação a alguns aspectos. Por exemplo, quanto à emergência da modernidade a partir de um íntimo diálogo com a literatura.

Karl Marx foi um dos autores que instaurou um discurso acerca do capitalismo a ponto de, mesmo nos dias presentes, ainda propiciar questionamentos múltiplos sobre esse modo de organização da sociedade moderna e suas respectivas fissuras. Seus caminhos foram árduos e cheios de obstáculos, mas sua pretensão foi maior, alcançando grande êxito no percurso de suas análises sobre o capitalismo. Mesmo que suas obras não sejam dotadas de uma homogeneidade mais orgânica, dada a sua variedade e diferentes facetas, é possível identificar um “projeto arquitetônico” subjacente a essa multiplicidade de escritos. Marx não deixou de estabelecer metas e objetivos tendo em vista a construção de uma obra abrangente acerca do capitalismo, “e que deveria construir do mesmo modo como se constrói uma obra artística” (cf. SILVA, 2012).

Para tanto, Marx dialogou e fez convergências teóricas com diferentes áreas de conhecimento, sempre apoiado na importância do processo histórico como elemento esclarecedor para o entendimento da realidade humana. Sabemos ainda que ele enveredou pelo caminho prioritário da economia na medida em que esse ramo poderia fornecer as possíveis chaves de entendimento dos fatores que, em última instância, determinavam um delineamento mais objetivo da realidade. Porém, vale salientar, e para além dos diferentes ramos de conhecimento, a literatura converteu-se em fonte crucial para as análises de Marx na medida em que as obras literárias viabilizavam o manejo expressivo de seu inusitado modo de percepção da modernidade. William Shakespeare e Honoré de Balzac são exemplos de autores pelos quais Marx sempre demonstrou interesse e admiração.

O diálogo de Marx com a literatura nos proporciona fazer um exercício analítico de seus diferentes textos na medida em que viabiliza novas maneiras de compreender suas abordagens e variações quanto ao seu ponto de vista do entendimento da sociedade moderna.

1.1 Convergências entre literatura e sociologia

Mesmo antes de a sociologia se consolidar como uma ciência, alguns autores já haviam posto em prática certo exercício de análise “sociológica” então escorada no modo como as obras literárias tematizavam e abarcavam os costumes da sociedade. Mesmo que desprovido de um cunho sociológico em seu sentido estrito, era a literatura que se apresentava como forma expressiva mais adequada de entendimento da realidade social e seus costumes. Segundo Lepenies (1996), Balzac pretendeu empreender uma análise da sociedade de um modo similar aos estudos de Buffon acerca da natureza: “[...] quer analisar as espécies sociais que constituem a sociedade francesa, e escrever a história da moral, que a maioria dos historiadores, concentrados com o brilho e na miséria das conquistas militares e das ações do Estado, esquecem de relatar” (CF. LEPENIES, 1996, p. 14).

A partir dos argumentos de Lepenies, pode-se dizer que Balzac estava vinculado a uma concepção de história natural ainda assentada no princípio da não dissociação entre ciência e literatura. Dessa forma, não é difícil identificar nesse projeto balzaquiano os indícios da fundação de uma ciência acerca do social. O próprio Balzac elaborou esse projeto com o intuito de escrever o que ele inicialmente chamou de *Estudos sociais*, depois modificado para *A comédia humana*. Nesse sentido, é importante levar em conta não só suas concepções analíticas acerca da nascente sociedade moderna, mas também a singularidade de seu estilo, pois, segundo Marx, foi a peculiaridade do estilo de Balzac que o fez imaginar-se (ele, Marx) como o herói do conto *A obra-prima ignorada* (CF. LEPENIES, 1996).

As ciências sociais pareciam condenadas a sofrer, a princípio, um modo de intervenção analítica proveniente da abordagem literária. Porém, em função da necessidade de vincular-se aos procedimentos então consagrados pelas ciências naturais, a sociologia necessitava equiparar-se aos modos de análise já desenvolvidos pelos métodos correntes das ciências naturais. Embora cada contexto cultural onde a sociologia emergiu como disciplina científica tenha equacionado de maneira distinta essa dupla relação com a literatura e com a ciência, não é possível desconsiderar a presença decisiva da abordagem literária da sua constituição.

Foi nesse sentido que as ciências sociais ganharam um delineamento específico dentro do contexto cultural alemão, por exemplo. Diferentemente do contexto francês, que propagava o positivismo como modelo analítico das ciências naturais, a intelectualidade alemã buscou alternativas outras no sentido de reforçar a especificidade cultural e histórica, avessa, portanto, a regras gerais a definir uma dada realidade. Os historiadores, por exemplo, puderam e podem utilizar as obras literárias como fontes históricas na medida em que elas viabilizam uma interpretação acerca de uma dada realidade. Tal raciocínio pode ser desdobrado sem maiores problemas para as artes de um modo geral. Ora, a sociologia, de uma forma ou de outra, também se debruçou sobre obras literárias como fonte e meio de entendimento da realidade social.

Ao se compreender que a arte e a literatura podem ser consideradas vias confiáveis para a apreensão da realidade social, elas transformaram-se em instrumentos auxiliares para o entendimento das mudanças da sociedade em sua totalidade. Essa totalidade, por sua vez, deve ser considerada em suas múltiplas dimensões a abranger várias esferas dessa realidade social: a esfera religiosa, política, econômica, intelectual e estética. Como parte da cultura, a arte, segundo Guyau (2009), ganha importância justamente na medida em que se transforma numa atividade intrínseca ao homem. Ora, é o homem quem cria sua cultura de forma subjetiva ao objetivar suas criações, transformando a sociedade por meio de olhares diversos que o direcionam para uma forma precisa de percepção. O olhar do homem tem um conhecimento prévio, é ele quem determina uma possível percepção do mundo, tornando-se um referencial para a compreensão da realidade social. É também através da arte que podemos encontrar explicações para algumas situações que acontecem no nosso cotidiano, como os próprios escritores realistas nos propõem.

Em meio às mudanças histórico-sociais, a produção artística e literária, de modo geral, converteu-se em alvo de investigações sociológicas passíveis de revelar nuances específicas acerca da realidade social. Na medida em que a produção artístico-literária no mundo moderno tende a revelar o caráter fragmentado da nova realidade histórica, as questões relativas à representação da vida social também tendem a aproveitar-se, de um modo ou de outro, dos eventuais ganhos propiciados na esfera estética. Vale notar que é precisamente no âmbito da esfera estética que

as questões relativas a um maior afastamento ético tendem a converter-se em eixo central a estruturar a própria busca de uma autonomia da produção artística. Ora, na medida em que tal postura começa a migrar também para o âmbito da produção do conhecimento sociológico, mesmo que de maneira incipiente, aos poucos certos entraves e tabus vão sendo quebrados, trazendo à tona novas maneiras de abordar a realidade social.

Com o objetivo de enfatizar as várias possibilidades de análise das obras literárias que contribuíram (e ainda vêm contribuindo) para possíveis modos de representação da realidade social, citaremos fragmentos de alguns autores que se enredaram nessa prática. Na concepção de Jean-Marie Guyau (2009), a ideia da existência de um “gênio criador” quanto ao fazer artístico é defendida. O artista conseguiria, a partir da sua subjetividade, modificar a percepção de algo já consolidado na sociedade. Seu desafio seria apresentar o porquê das emoções fazerem parte dessa solidariedade social. Essas emoções vão mudando constantemente, não sendo possível relacioná-las com o contexto. O artista cria uma sociedade móvel e ideal. Sua caracterização enquanto “gênio” reside na necessidade de penetrar na imaginação por intermédio da sensibilidade. Guyau (2009) afirma, ainda, que esse desdobramento e despersonalização que só o artista seria capaz de possuir acabam representando um perigo para esse “gênio”, pois, em razão dessa flexibilidade, ele poderia chegar a ser comparado com um “louco”. O “gênio” seria uma modificação acidental das faculdades e de seus órgãos em um sentido favorável à novidade. Desse modo, conclui Guyau (2009), é precisamente esse caráter de sociabilidade inerente ao fazer artístico que torna a arte um objeto de estudo da sociologia.

[...] a arte é – por intermédio do sentimento – uma extensão da sociedade a todos os seres da natureza, e mesmo aos seres concebidos como acima da natureza ou, enfim, aos seres fictícios criados pela imaginação humana. A emoção artística é, portanto, essencialmente social. Ela tem como resultado ampliar a vida individual, fazendo com que ela se confunda com uma vida mais ampla e universal. *A finalidade mais elevada da arte é produzir uma emoção estética de um caráter social.* (cf. GUYAU, 2009, p. 103-4) (grifos meus).

Tal argumentação esclarece o fato de a arte poder converter-se em objeto de análise sociológica na medida em que o aspecto subjetivo subsiste em uma exterioridade objetivada e então representada. Tal relação entre subjetividade/objetividade indica, por seu turno, a pertinência para uma avaliação da

arte e da literatura como meios de representação da realidade. O artista expressa sua subjetividade por meio da materialização das ideias que transitam na vida cotidiana e, por intermédio dessa materialização, ele desperta a subjetividade do outro. Nesse aspecto, o artista pode ser compreendido como aquele que, a partir de um mundo idealizado, possui a capacidade de exprimir as relações intersubjetivas que povoam e configuram o mundo material de diferentes modos, seja por meio da pintura, da literatura, da música, dentre outras formas de expressão artística.

Outro modo de apreensão da arte pela sociologia é a concepção de uma estética sociológica, tal como formulada por Roger Bastide (1979). Se a genialidade é algo que se encontra para além da própria arte, é a própria arte, por seu viés, que pode se converter em objeto da sociologia na medida em que é produto do próprio homem em interação, seja ele “gênio” ou não. Por ser produto de um contexto social e histórico específico, é a produção artística, ao fim e ao cabo, que acaba por expressar as angústias e anseios da sociedade, mesmo que canalizadas pela subjetividade do artista.

A arte não só tem uma função social como também emprega para realizar meios sociais, isto é, “processos que se impõem à fantasia do artista”. [...] os poetas e artistas superpõem e, em parte, substituem a nossa sensibilidade natural, inata, inculta, diferente em cada um de nós e essencialmente incomunicável, uma sensibilidade coletiva, semelhante para todos e, como tal, impressionável às vibrações do meio social, precisamente porque nasce dele. (cf. BASTIDE, 1979, p. 9).

A arte exerce influência na vida social. Ao expor seus ideais por meio de sua obra, o artista faz emergir certo entendimento acerca da realidade social. Ele faz refletir em sua obra, de alguma forma, uma dada representação acerca da realidade até então não claramente delineada, contribuindo para modificar a percepção da própria realidade. O fato é que o artista tentará sempre “reinventar” o mundo na medida em que outros aspectos ideacionais da realidade serão considerados, e isso pode ser, para alguns, uma mistura entre o real e o ilusório, insinuando, assim, certas barreiras para que elas se revelem como objeto sociológico.

Apesar de existirem fatores que sugerem essas impossibilidades de se fazer uma análise sociológica da arte, ainda assim, para Jean-Marie Guyau (2009) e para Roger Bastide (1979), a estética é uma dimensão expressiva da sociedade que, por sua vez, não fornece uma fórmula precisa para se abordar. Desse modo, cabe ao

estudioso buscar as ferramentas que melhor lhe auxiliem para uma aproximação entre a arte e o objeto próprio da sociologia. Nesse contexto, o artista surge como inovador, tomando para si a responsabilidade de expressar a sociedade por meio da arte.

Após alguns esforços de ordem teórica para ajustar a produção artística e literária ao campo de investigação sociológica, os seus desdobramentos se voltaram para os estudos interdisciplinares, com destaque para os estudos relacionados à literatura. De acordo com Luiz Costa Lima (2002), cabe ao pesquisador precaver-se no sentido de não tomar o texto literário, por exemplo, como expressão direta da realidade social, mas sim como um meio que exige um tratamento específico das questões relacionadas à linguagem. A realidade social só poderá ser apreendida, diz o crítico, de maneira indireta pela via própria que a linguagem impõe enquanto um meio de criação artística.

É possível identificar algumas obras no âmbito das ciências sociais, como as de Karl Marx, por exemplo, onde a utilização da literatura converte-se não só em uma estratégia de exposição do autor ao propiciar o uso de metáforas expressivas, mas também uma fonte de inspiração para identificar o próprio modo de apreensão de uma dada realidade. Como estamos falando das eventuais contribuições da literatura para a consolidação da investigação sociológica, faz-se necessário apresentar mais alguns fragmentos do próprio Marx acerca da cultura, da arte e da literatura, agora em diálogo com Engels e outros autores.

Por exemplo, quando Marx discorre acerca do dinheiro e cita Shakespeare, no Timon de Atenas, ato IV, cena 3:

Ouro? Amarelo, brilhante, precioso! Não, ó deuses!
 Não suplico em vão. Simples raízes, ó céus puríssimos!
 Um pouco dele faz do preto, branco, do feio, belo,
 Do falso, verdadeiro, do baixo, nobre, do velho, novo, do covarde, [corajoso.
 Ó deuses, por que é assim? Ele suborna os vossos sacerdotes
 E os vossos servidores e arranca ao convalescente o travesseiro;
 Este escravo amarelo dissolve vínculos sagrados,
 Bendiz o maldito, torna a lepra amorável, honra os ladrões
 E dá-lhes lugar entre senadores oferecendo-lhes títulos, [genuflexões e
 elogios;
 Arranja noivo para a viúva envelhecida
 E perfuma com o bálsamo de um dia primaveril
 Aquela que é mandada fora do hospital porque deita pus pelas [feridas.
 Metal desgraçado, ó ordinária meretriz do gênero humano,
 Que semeia a discórdia entre os povos!

E em seguida,

Ó, tu doce regicida, amável divorciador
 De filho e pai! Brilhante profanador
 Do mais puro leito de Himeneu! Valente Marte!
 Sedutor eternamente jovem, terno e amado,
 Cujo esplendor dourado funde a neve sagrada
 Que descansa junto ao seio puro de Diana! Deus visível
 Que irmana as coisas da Natureza absolutamente contrárias
 E as obriga a se beijarem! Ó, tu, que sabes todas as línguas
 Para todas as finalidades! Ó tu, pedra de toque de todos os [corações!
 Pensa que o homem, teu escravo, se rebela!
 Que a tua força, que gera as querelas em que os homens se [entrededoram,
 Os aniquile a todos,
 Para que os animais possam ter o império do mundo! (CF. MARX &
 ENGELS, 1979).

A partir dessa citação, pode-se compreender plenamente a potência atribuída ao dinheiro enquanto força social. Quando da transformação do ouro, são acrescentadas a ele inúmeras possibilidades e vantagens, além de desvantagens, que proporcionam mudanças de todo tipo. Na relação entre indivíduo e sociedade, o dinheiro pode ser considerado o veículo condutor e de articulação entre eles e, em muitos de seus direcionamentos, pode levar tanto o indivíduo quanto a sociedade a fins destrutivos e alienantes e, ainda, causar mutações irreversíveis.

Marx, ao resgatar Shakespeare em sua descrição sobre o dinheiro, ressalta que ele descreveu claramente, como poeta, a verdadeira natureza do dinheiro. Um elemento que Marx estabeleceu como parte integrante da lógica capitalista e que por ele foi detalhada e visualizada como parte também operante dessa lógica.

Como o pensamento de Marx foi mudando ao percorrer a história da humanidade? De que modo ele conseguiu radicalizar e empreender a ideia de revolução? Para compreendermos e buscarmos conhecer as inspirações de suas ideias, segue um pequeno relato de sua formação como o intelectual.

1.2 Marx, o mouro

Apesar da importância de Marx para a sociologia, em particular, e para as ciências sociais, de um modo geral, deve-se salientar que o tipo de formação intelectual pelo qual ele passou era então caracterizada pelo humanismo do século XIX, principalmente caso consideremos a situação do ensino alemão. Atuou como jornalista político e arriscou-se até mesmo pela poesia. Como muitos jovens alemães

de sua geração, tentou enveredar pela carreira literária (SILVA, 2012). Karl Heinrich Marx nasceu em Trier, na Alemanha, a 5 de maio de 1818. Um dos primeiros filhos de uma família judaico-alemã foi batizado numa igreja protestante da qual o pai era advogado bem-sucedido, tornando-se membro para garantir respeitabilidade social.

Antes de ir para a universidade, Karl Marx já era um ávido consumidor de livros e vinho. Aos 18 anos de idade adentra a universidade e então divide seu tempo entre os livros e as tabernas. Após algum tempo, Marx se transfere para a Universidade de Berlim para dar continuidade a sua graduação em direito. Nesse momento de sua vida acadêmica, ele observa que os estudos eram bem mais rígidos e que deveria dedicar-se com mais afinco. Recebe influências da filosofia de Hegel e de Feuerbach e, em seguida, começa a desenvolver sua própria filosofia. Faz sua tese de doutorado sobre a *Diferença entre a filosofia natural de Demócrito e Epicuro*. Quando deixa a Universidade de Berlim, pensa em trabalhar em uma universidade alemã, porém seu plano é frustrado, pois Frederico Guilherme, *kaiser* da Prússia, barra todos aqueles candidatos ligados à filosofia de Hegel.

Marx consegue um cargo como jornalista, o que, por algum tempo, lhe rende alguns bons resultados até receber uma promoção para o posto de editor. Como chefe, Marx era considerado um trabalhador dedicado, infatigável e muito querido por todos ao seu redor, o que resultou num apelido dado pelos colegas que o chamavam de “Mouro”, devido suas feições morenas e barbadas. Rapidamente o jornal *Rheinische Zeitung (Gazeta Renana)* passa a incomodar as autoridades prussianas, o que leva ao seu fechamento em 1843. Marx toma duas decisões: casar com Jenny von Westphalen, sua namorada de infância, e abandonar seu país e morar em Paris. Ao deparar-se com a cidade então considerada “o centro revolucionário da Europa”, percebe que ali o ambiente parece propício para a fermentação de suas ideias agora transformadas no que ele acreditava ser a revolução. A resposta para tudo que estava acontecendo com as transformações na economia, política e cultura.

Logo se tornou comunista e começou a pensar num projeto de revolução. Primeiramente elaborando um programa intelectual completo para mudar a economia, tendo em vista que a política já estava em processo de transformação. Foi a partir daí que Marx iniciou um intenso estudo sobre economia nas obras de

Adam Smith e de seu sucessor, David Ricardo. Passou por dificuldades financeiras, conseguiu mais uma vez um cargo de editor, agora na revista *Deutsch-Französische Jahrbucher (Anuário Franco-Alemão)*, onde Engels escrevia artigos. Apesar de já ter tido contato com Engels, foi somente nessa revista que seus laços de amizade se estreitaram, amizade esta que se tornaria determinante para os trabalhos posteriores de ambos. As dificuldades de Marx perduraram até que Engels começou a auxiliá-lo financeiramente. Seus trabalhos passaram a ser concebidos e concretizados a duas mãos. A admiração de Engels por Marx era profunda, o que não foi ruim, porque Marx encontraria em Engels o conselheiro e amigo para todas as horas.

Com a publicação de artigos que não eram bem vistos pelas autoridades, mais uma vez acontece o que já havia ocorrido no decorrer de sua trajetória: fecharam-se as portas e, como consequência, o expulsaram do país. Marx refugiava-se em Bruxelas com a família. Nesse momento, Marx e Engels são encarregados de redigirem um manifesto para uma organização trabalhista e, assim, nascia o que seria considerado mais tarde um dos maiores sucessos editoriais de toda a história mundial: o *Manifesto do Partido Comunista*, escrito com o objetivo de “abrir os olhos” daquela classe (os proletários) que, para Marx, seriam portadores históricos de uma luta a ser travada contra a burguesia (MARX E ENGELS, 1995).

Marx transitou, desde então, por vários lugares em busca de uma fixação para sua residência. Tal fato se deu em função do seu modo de pensar e de reagir acerca do que estava ocorrendo em seu entorno, ou seja, sempre incomodando as autoridades a partir do que escrevia. Nessas recorrentes viagens, e dadas as circunstâncias da vida, Marx perdeu também sua família e superou o desânimo e a dor da perda se dedicando ainda mais aos seus estudos na busca pela descoberta dos fenômenos e das leis que regem o capitalismo. Essa perspectiva foi acentuada por alguns resenhistas da principal obra de Marx, *O capital*. E o próprio Marx fez questão de ressaltar quando escreveu o prefácio da segunda edição da obra:

[...] Descoberta essa lei, investiga ele, em pormenor, os efeitos pelos quais ela se manifesta na vida social. [...] Em consequência, todo o esforço de Marx visa demonstrar, através de escrupulosa investigação científica, a necessidade de determinadas ordens de relações sociais e, tanto quanto possível, verificar, de maneira irrepreensível, os fatos que lhes servem de base e de ponto de partida. (BLOCK *apud* MARX, 2013).

Marx, com o apoio de Engels, desenvolveu vários conceitos que perdurariam até os dias atuais, sendo utilizados pelos mais diversos tipos de análise a respeito do capitalismo. Um destaque, aliás, que já havia sido suscitado por Engels em seu pronunciamento no funeral de Marx: “Seu nome e sua obra haverão de perdurar através das eras...”. Segundo o autor de uma das biografias de Marx, Strathern (1940), “menos de 70 anos depois, um terço do mundo já conhecia as ideias de Karl Marx”.

1.3 Marx e sua história com a literatura

Uma análise sociológica da literatura implica uma ampliação das possibilidades heurísticas e epistemológicas de uma investigação acerca da realidade social. Sendo a literatura uma forma expressiva da própria realidade, tal como a ciência, ela revela-se pertinente como mecanismo de desvelamento de determinadas situações ou tramas, principalmente porque incorpora a imaginação como fator crucial de aproximação com o real. A relação entre realidade e ficção, portanto, propicia uma imersão em um mundo próprio da criação intelectual e literária.

Ao longo do tempo, mudanças significativas ocorreram em relação à produção artística e literária, mudanças estas que apontaram em diferentes direções, mas sempre com o objetivo de dotar de maior autonomia a esfera própria da estética. Tais mudanças ficaram mais explícitas quando ocorreram as revoluções de ordem política, tal como a Revolução Francesa, por exemplo, que promoveu uma reviravolta em termos de representação para além do aspecto propriamente político, afetando todo o tecido social em termos de um novo entendimento da ordem moral. Ainda no século XVII, por exemplo, era a nobreza de corte responsável pela definição do gosto artístico, impondo, portanto, formas de representação artística em consonância com a sua condição de classe dominante. Mas, ainda no âmbito da sociedade de corte, a arte de artista foi impondo-se à arte de artesão na medida em que os artistas foram gradualmente redefinindo os modos de se fazer arte e, por sua vez, de representar a realidade (CF. ELIAS, 2001). Dessa forma, ao promoverem inovações do ponto de vista artístico, também começaram a explicitar as eventuais fissuras sociais existentes na realidade social.

Nessa perspectiva, a corte foi perdendo a sua condição de instância única de legitimação e consagração das obras artísticas e literárias (embora se deva levar em consideração não só as especificidades contextuais dos diferentes países, tais como a França e a Alemanha, mas também as diferentes modalidades artísticas), e os marchands, juntamente com os salões e os próprios destinatários das obras de arte, passaram a determinar o caráter dessa produção artística. As transformações políticas ocorridas com o advento da modernidade, do ponto de vista da produção artística e intelectual, viabilizaram a criação e a expansão de um mercado de consumo anônimo, desatrelando parcialmente os artistas e os intelectuais das amarras então representadas pelos patrocinadores e mecenas.

As mudanças representacionais então ocorridas na pintura, por exemplo, também podem ser identificadas no âmbito da literatura caso consideremos os processos de alteração estilística ocasionados, de algum modo, pelas transformações implementadas pela modernidade. Foi no âmbito da literatura que a incorporação de uma nova maneira de representar a vida cotidiana se viabilizou, fazendo surgir uma nova perspectiva para retratar o mundo burguês em ascensão, a despeito das eventuais recusas ou adesões que os diferentes escritores poderiam ter a respeito de uma sociedade secularizada. Dentre as transformações expressivas pelas quais a arte passou, vale destacar aquelas que estão alicerçadas na própria subjetividade dos artistas e o enfoque que passou a ser dado à representação da vida cotidiana. Aí é possível perceber como as diferentes mazelas políticas, econômicas e sociais nas quais os indivíduos estão imersos ganham contornos mais nítidos conforme os estilos adotados. Nesse tipo de abordagem, deve-se destacar a análise contextual de Arnold Hauser (1994) ao enfatizar e vincular a produção artística e literária ao ambiente e meio social e histórico que viabilizou essa produção.

Até o século XVIII, os autores se limitavam a ser apenas os porta-vozes de seu público, cuidavam do espírito de leitores da mesma forma que os criados e os funcionários zelavam por seus bens materiais. Aceitavam e confirmavam os princípios morais e os critérios de gosto geralmente reconhecidos [...]. O escritor não conhecia o angustiante problema de ter de escolher entre diferentes possibilidades subjetivas, nem o problema moral de ter de optar entre diferentes camadas da sociedade. Somente a partir do século XVIII é que o público se divide em dois diferentes campos e a arte em duas tendências rivais. (CF. HAUSER, 1994, p. 730-1).

A partir de então o artista utiliza-se de sua subjetividade como meio de expressão da própria realidade e, ao mesmo tempo, move-se neste “mundo” tal como um jogador num tabuleiro de xadrez. Conhecer e ter uma relação íntima com o “tabuleiro de xadrez” poderia garantir-lhe maior ou menor autonomia, a depender de sua capacidade de apreender as regras do jogo. É deste modo que as representações artísticas ganham outras conotações e, além da pintura no século XIX, também se desdobram no plano da criação literária. Na visão de Hauser (1994), dentro do contexto francês, essa fase na literatura foi inaugurada pelos romances de Stendhal e Balzac quando retrataram cenas do cotidiano da época.

[...] Os escritores do período convertem o romance naturalista num instrumento para sondar o homem e auscultar o mundo, adequando-o desse modo ao gosto e às necessidades de um público que odeiam e desprezam. (Cf. HAUSER, 1994, p. 730).

Honoré de Balzac foi um autor que se destacou em sua época pelo fato de ter figurado a realidade social a partir de uma perspectiva que poderia ser denominada de materialista. Essa perspectiva foi apresentada amplamente no seu projeto literário intitulado *A comédia humana*, um conjunto de obras destinado a conter uma quantidade significativa de narrativas a esmiuçar os costumes da sociedade francesa. Trata-se de um conjunto de romances que foram divididos por Balzac em três partes: “Estudos de costumes”, “Estudos analíticos” e “Estudos filosóficos”. Essa visão panorâmica acerca dos costumes sociais forneceria, de alguma forma, certo modelo analítico para as pretensões da sociologia como eventual ciência da sociedade. Tal intento pode ser confirmado quando se verifica os termos e os propósitos explicitados no prefácio de *A comédia humana* escrito pelo próprio Balzac.

A despeito das dificuldades para levar adiante um tal projeto ambicioso, o autor de *O pai Goriot* construiu sua arquitetura romanesca como um vasto estudo dos costumes da sociedade francesa em processo de transição entre o mundo antigo e a emergência da sociedade moderna, sem tergiversar sua própria posição crítica acerca do mundo burguês em ascensão. *A comédia humana* constituiu-se a partir da possibilidade então criada pelo seu autor em estabelecer um paralelo entre as sociedades humanas e o mundo natural. Na medida em que, dentro daquele contexto histórico e cultural, fazer ciência ainda não se distinguia claramente do fazer literário (cf. Lepenies, 1996), as leituras do próprio Balzac incluíam obras

daqueles ainda considerados cientistas/naturalistas e que o instigaram a pensar sobre a relação entre a humanidade, a animalidade e os meios naturais específicos.

Genial observador do seu tempo, Balzac soube como ninguém captar o “espírito” do século XIX. A França, os franceses e a Europa no período entre a Revolução Francesa e a Restauração têm nele um pintor magnífico e preciso. Friedrich Engels, numa carta a Karl Marx, disse: “Aprendi mais em Balzac sobre a sociedade francesa da primeira metade do século, inclusive nos seus pormenores econômicos (por exemplo, a redistribuição da propriedade real e pessoal depois da revolução), do que em todos os livros dos historiadores, economistas e estatísticos da época, todos juntos”. (Cf. MACHADO, 2006, p.7-8).

Assim como Marx, outros autores também reconheceram as contribuições de Balzac e a influência em suas obras. Para Lukács (1965), por exemplo, Balzac é considerado um autor crucial para desvelar as relações sociais inauguradas pelo mundo moderno a partir de um novo estilo literário, estilo este que fez a vida social ser visualizada de maneira às vezes cruenta e que era própria da essência da sociedade capitalista. A escrita literária, dessa forma, não pode ser apartada do processo histórico, pois o escritor, necessariamente, está inserido em um contexto a interferir, de um modo ou de outro, na criação. O escritor, direta ou indiretamente, precisa compreender a totalidade do mundo, pois só assim ele conseguirá visualizar de forma mais ou menos ampla a dinâmica e a complexidade dos fatos. Ou seja, a narração deve predominar frente à descrição, conforme a distinção estabelecida por Lukács (1965) em seu famoso ensaio “Narrar e descrever?”.

Nesse sentido, Lukács (1965) afirma que “a narração distingue e ordena. A descrição nivela todas as coisas” (p. 62), ou seja, quando se narra, se colocam em relação os diferentes momentos do trecho da narrativa que farão com que o todo se faça presente nas partes, não se perdendo a noção de totalidade da obra em si. Ora, tal estratégia narrativa se faz presente nas obras de Balzac de maneira clássica, segundo Lukács (1965), podendo-se concluir que foi em função de tal modo de narrar que a obra do autor de *A comédia humana* exerceu tanta influência sobre Marx e Engels para a compreensão da sociedade capitalista enquanto uma realidade histórica totalizadora.

Nessa perspectiva, a relação entre Homem e Sociedade, entre o individual e o coletivo só pode ser expressa plenamente pelo artista/literato quando houver a quebra do dilema entre o narrar ou o descrever. Tal questão está diretamente ligada

ao autor, e é ele que, como escritor, deverá definir sua posição perante o advento e consolidação do capitalismo. Lukács (2009) ressalta também o modo como os escritos acerca da relação entre sociedade e indivíduo são apresentados por meio do romance enquanto um gênero literário próprio do mundo moderno, remetendo ao surgimento da sociedade burguesa os fundamentos dessa nova épica representada pelo romance.

[...] Ela significa apenas que Balzac, em sua obra, desenvolve até o fundo as contradições mais profundas da sociedade burguesa e figura a interpenetração dinâmica destas contradições como forças motoras desta sociedade. (CF. LUKÁCS, 2009, p. 204).

Esse destaque de Lukács nos indica mais uma possibilidade de verificação acerca dos motivos que teriam atraído Marx como leitor e admirador das obras de Balzac: será que foi essa postura crítica do autor francês em relação à burguesia ao mundo moderno, mesmo adotando o ponto de vista da nobreza? Na visão de Lukács, já então um adepto do materialismo histórico, ressalta: “É verdade que o Marx da maturidade sempre acalentou o propósito de expor num alentado ensaio de suas ideias sobre Balzac, seu escritor preferido” (cf. LUKÁCS, 2009, p. 87). Mesmo que suas preocupações o levassem para mais próximo da economia e da política, devido a sua problemática central, o capitalismo, Karl Marx também dedicou boa parte de seus estudos à arte, como já indicado por vários autores. Uma esfera da vida social que o incitou a escrever várias páginas em sua juventude.

Marx dialogou com inúmeros autores de sua época e do passado, particularmente na fase inicial de sua formação intelectual, e se valeu de diversas tradições filosóficas e intelectuais, seja readaptando-as ou mesmo convertendo-as para os seus propósitos. Sua identidade teórica, por assim dizer, também se faz por contrastes, além das inevitáveis assimilações. Em um caso ou outro, Marx não deixa de dialogar ativamente com a produção intelectual de autores que lhe forneceram pontos de apoio e elementos de contraste. Como afirmação de tais atos, é possível perceber em algumas das principais obras de Marx frases ou expressões que são analisadas e formuladas com cuidados literários, contribuindo para uma explicitação do seu pensamento acerca de um tipo de sociedade permeada por contradições: burguesia *versus* proletariado, capital *versus* trabalho, apropriação *versus* alienação, estrutura social *versus* aparência social, etc. (cf. SILVA, 2012). Lembre-se aqui que ele também escreveu poemas e tentou desenvolver algumas criações literárias que

não foram bem sucedidas (cf. KONDER, 1999). Seus diversos escritos incluíram importantes reflexões acerca da arte como fonte de educação dos sentidos humanos, como humanizadora das criaturas.

Em uma de suas obras, *A ideologia alemã*, fez uma referência direta à arte ao relacioná-la com o comunismo:

[...] à medida que for superada a divisão da sociedade em classes, à medida que os artistas não se acharem mais na dependência de determinadas classes sociais e dos interesses particulares dessas classes, a criação artística será mais livre e alcançará resultados melhores. Nem todos os artistas se transformarão em gênios, mas todos os artistas que forem realmente geniais poderão se desenvolver sem entraves, isto é, poderão trabalhar com independência, sem estarem presos às injunções do mercado capitalista. (CF. MARX & ENGELS *apud* KONDER, 1999, p. 47).

Esses comentários e outros acerca da arte e da literatura acompanharam Marx em todo o seu trajeto como autor e estudioso do capitalismo, sempre utilizando vários fragmentos de autores da literatura para exemplificar seu pensamento e suas posições sobre o capitalismo. Por exemplo, quando cita a primeira parte do ato 1, cena 4, do *Fausto* de Goethe:

Com os diabos: Ambas as mãos e os pés são, na verdade – E a cabeça e forças viris – teus:
 Porém, tudo a que recentemente me entrego
 Será, por isso, menos totalmente meu?
 Se tiver seis cavalos no meu estábulo,
 Não me serão as suas forças também cedidas?
 Movo-me com rapidez, o mais completo dos homens,
 Como se possuísse pernas de sete metros.
 (Cf. GOETHE *apud* MARX E ENGELS, 1979).

Depois de fazer tal citação, Marx empreende sua análise de modo a enveredar o leitor a obter uma melhor compreensão acerca do que está sendo proposto. No caso da citação acima, Marx a utiliza para explanar a essência do dinheiro, um elemento de suma importância para o processo de troca instaurado pelo capitalismo, e onde ele destaca a potência social que está à disposição do “homem que tem dinheiro”. O dinheiro é revestido de uma potência elevada na sociedade capitalista, e aquele que o possui também se reveste de tal poder. Mas quem possui o que: o homem possui o dinheiro ou o dinheiro apropria-se do homem? A importância dessa pergunta será retomada mais adiante, mas o fato é

que Marx percebeu as implicações dessa relação já no âmbito da produção literária e as articulou ao seu problema, além de saber utilizá-los a seu favor para fazer a crítica ao capitalismo.

Os vínculos entre Marx e a literatura estão ressaltados na sua própria escrita e na sua ânsia em se fazer entender por meio de metáforas. Mesmo antes de enveredar pelos caminhos da análise econômica e social em sua juventude, Marx se fazia autocríticas como pretendo escritor, o que determinou a definição de seu estilo (cf. Silva, 2012). Marx foi um autor centrado em cumprir seus objetivos. Metade de seus escritos foram publicados aos fragmentos devido a sua própria exigência com o acabamento de suas obras. Porém, com *O capital*, foi diferente, pois quando indagado por Engels pela demora para o término de sua produção, argumentava dizendo:

[...] Não me decido a mandá-lo para ser impresso antes de vê-lo inteiramente terminado. Sejam quais forem as deficiências que possam ter, a vantagem de meus escritos é que eles são um todo artístico, o que só se consegue com o meu método de não deixar jamais que cheguem à impressão antes de estarem terminados. (Cf. carta de MARX para ENGELS, 31 de julho de 1865).

Após quase dois anos dessa carta, Marx publica o primeiro volume de *O capital* que, segundo ele, havia atingido aquele “todo artístico”. Um posicionamento que, para muitos estudiosos de suas obras, destaca seu estilo. Segundo Silva (2012), “essa obra é uma das únicas que podemos considerar com o critério artístico e científico do próprio Marx”. A presença de um estilo literário em Marx é fato e está estampado em suas obras e textos desde sua juventude. Ao amadurecer como autor e escritor, vai se utilizando dos mais diversos autores como referências literárias para o desenvolvimento de sua pesquisa. Mas como se deu o diálogo entre Marx e Balzac?

1.4 Marx e Balzac: um diálogo

A importância conferida à literatura e à arte por parte de Marx e Engels chegou a um determinado ponto que ambos consideraram a esfera estética tão importante quanto a ciência para um entendimento adequado da realidade em sua

totalidade. Embora haja uma autonomia relativa de ambas as esferas, da arte e da ciência, os dois autores jamais negaram o fato de uma interligação iluminadora entre elas, propiciando uma compreensão do desenvolvimento dos processos sociais (MARX & ENGELS, 2010). A presença da literatura na formação de Marx fez com que, especificamente em relação às obras de Balzac, Engels percebesse nelas uma relevância fundamental para que o próprio Marx tivesse alcançado certas perspectivas analíticas em relação à sociedade burguesa. Marx e Balzac, dessa forma, e a despeito dos propósitos de ambos em suas obras quanto ao entendimento da própria sociedade burguesa, tendem a adotar perspectivas semelhantes quanto ao caráter materialista para um delineamento do mundo moderno. Para tal entendimento, no entanto, será necessário resgatar todo o contexto em que ambos nasceram, viveram e que, ao fim e ao cabo, possibilitou a construção de um arcabouço intelectual consagrado a vislumbrar a sociedade burguesa moderna.

Autores do século XIX, embora de períodos distintos, ambos vivenciaram um período permeado por intensas mudanças históricas cruciais para o advento da modernidade, e isso nas diversas esferas sociais: na economia, na política e na cultura. Marx e Balzac, dessa forma, foram dois formuladores capitais para um entendimento adequado do próprio caráter de tais mudanças e transformações históricas. O século XIX foi fortemente marcado pela problemática econômica e social que se manifestou por meio da divisão entre grupos sociais, além do avanço vertiginoso do processo de industrialização. Essa aceleração dos processos industriais chamou a atenção de Marx que, dados os fracionamentos e acirramentos de interesses entre grupos sociais emergentes, se empenhou em compreender e combater os efeitos causados pelas revoluções então em curso.

Uma visão dessa cisão entre distintos grupos sociais foi esboçada em várias obras de Balzac. Em *Os camponeses*, por exemplo, Balzac concebe uma relação de preocupação com a construção de uma sociedade dotada com o máximo de solidariedade e ordem social, e o mínimo de conflito. “A preocupação com o restabelecimento de uma ordem social livre das trapaças e conspirações dos camponeses, e pautada no desarmamento desse mesmo grupo”, um sentimento destacado em uma dedicatória ao amigo Sylvain-Pierre-Bonaventure Gavault (GARCIA, 2012).

Embora enfrontado em questões de ordem econômica e política, Marx não descartava a importância de uma tradição artística acumulada como uma espécie de arsenal a ser utilizado para uma compreensão adequada da nova realidade em processo. Tal como destacado por sua filha Eleanor logo após a morte do pai: “a obra de Shakespeare era uma espécie de Bíblia em sua casa”. Do mesmo modo, Balzac foi outro autor central para uma contribuição decisiva nas reflexões marxianas, e isso na medida em que a caracterização da burguesia, por exemplo, tal como descrita pelo autor de *O pai Goriot*, foi elaborada de um modo como poucos autores teriam até então conseguido mostrar. Nele também é possível identificar a importância e a influência do dinheiro nas relações sociais, bem como o desdobrar de suas ações, dramas e vivências em uma sociedade entrelaçada por vários grupos sociais.

Balzac foi um autor que, ao longo da sua vasta obra, nos apresentou um delineamento perverso da sociedade francesa do século XIX ao adotar uma perspectiva “materialista”. Perspectiva essa que visava denunciar o caráter arrivista próprio do mundo burguês. Seus romances, pode-se dizer, caracterizam-se por tramas destinadas a denunciar a degradação moral dos indivíduos por meio da subjugação aos ditames do dinheiro. Embora Balzac deva ser considerado politicamente um conservador por conta de sua filiação ideológica à nobreza aristocrática, foi precisamente em função dessa posição ideológica que sua crítica aos costumes da burguesia ganhava uma virulência até então inédita, principalmente do ponto de vista da abordagem literária.

Para Marx, no entanto, esse tipo de opinião acerca da posição ideológica de Balzac não exerceu nenhuma influência negativa, pois seus interesses pelas obras do autor francês residiam na maneira deste abordar e compreender a sociedade burguesa. Como o próprio Marx ressalta, as obras de Balzac:

[...] refletiam tão profundamente a realidade da época que assumiam até uma significação revolucionária, pois mostravam a estrutura social como uma coisa que estava sendo transformada e precisava mesmo ser submetida a uma transformação. (CF. MARX *apud* KONDER, 1999).

A admiração e a influência da obra de Balzac sobre Marx podem ser avaliadas em função dos próprios projetos esboçados pelo autor de *O capital* em fazer um estudo mais aprofundado da obra do autor francês. Logo após a conclusão de *O capital*, assim pensava Marx, se dedicaria a tal empreitada. Porém, e infelizmente, a morte chegou antes para Marx e não lhe deu tempo para executar esse projeto. Os relatos de Marx que fazem referência às obras de Balzac demonstram o quanto o primeiro toma o segundo em apreço, o que nos faz querer compreender e entender o destaque e a percepção de Marx ao se deparar com os escritos de Balzac e que o orientou de algum modo a aprofundar mais suas análises.

A arte tem uma influência significativa na vida social. O artista expõe em suas obras certo ideal, além de um entendimento da própria sociedade que o faz viver. Ele projeta em suas obras uma idealização da própria realidade dentro dos limites do imaginário que, por sua vez, pode modificar a percepção de alguns que conseguem, como ele, entender e valorizar tal ideal projetado. O fato é que o artista tentará reinventar o seu mundo, e isso pode ser, para muitos, simplesmente algo irreal e impossível de um ponto de vista estritamente sociológico. Dentre as muitas formas de expressão da realidade social que as manifestações literárias e artísticas propiciam, podemos destacar, conforme Auerbach (2000), os estudos para a compreensão das transformações em diferentes contextos. Por exemplo, quando, em um de seus textos, Auerbach analisa o romance *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, o crítico destaca a relação entre ficção e realidade que o autor deliberadamente criou em seu romance, ressaltando o afastamento do herói do mundo no qual já não se achava capaz de viver (um herói problemático, portanto). Ou seja, quando da efetivação já operadas as mudanças do ponto de vista da realidade social, o autor percebeu que, por intermédio da sua obra, poderia criar algo que desse a esse um suporte para enfrentar esse novo mundo. *Dom Quixote* apresenta um mundo de ilusão com meios e momentos a conduzir o herói problemático da trama ao engano em função de não saber diferenciar a realidade da ilusão.

Uns se suicidam, outros se entregam à loucura, e ainda existem aqueles que criam novas formas expressivas para lhes auxiliar na vida cotidiana. E isso faz parte dessa nova dinâmica social, cheia de artimanhas e labirintos que devem ser enfrentados. Um dos criadores dessas ferramentas para auxiliar o enfrentamento de

tal realidade é o artista, o autor que lança mão da imaginação para acrescentar novas perspectivas, tendendo a expressar aquilo que os indivíduos querem ou vivem. O próprio Marx, dessa forma, deixa explícito o quanto Balzac foi um grande colaborador de sua época ao nos retratar, por meio de seus romances, os costumes e as mudanças em processo na França da primeira metade do século XIX. Tal afirmativa pode ser comprovada em um de seus primeiros trabalhos, *Sobre o suicídio* (2006), onde ele, Marx, relata alguns exemplos de suicídios que um antigo arquivista da polícia, Jacques Peuchet, tinha registrado. Nesse livro do jovem Marx, estão pautados vários fragmentos que o autor pontuava em seu caderno de anotações, mas que jamais publicou. Michael Löwy destaca o entusiasmo de Marx pelas obras de Balzac que se fazem presentes nesse livro “insólito”:

Seu entusiasmo por Balzac é bem conhecido, tanto que confessa ter aprendido muito mais sobre a sociedade burguesa em seus romances do que em centenas de tratados. É claro que Peuchet não é Balzac, mas suas memórias apresentariam uma variante de qualidade literária: basta lembrar que um dos seus episódios inspirou *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas. (MICHAEL LÖWY apud MARX, 2006, p.15).

Embora as possibilidades sejam inúmeras, na citação acima é possível perceber um dos traços que chamou a atenção de Marx para a obra de Balzac. Por exemplo, as representações da sociedade burguesa e seus efeitos sobre a vida dos indivíduos. Em *Os camponeses*, por exemplo:

[...] Algumas seitas se comoveram, e gritam pela voz de seus escritores:

—Trabalhadores, levantai-vos!!- do mesmo modo que já se disse ao Terceiro Estado:—Levanta-te!! Vê-se bem que nenhum desses Eróstratos teve coragem de mergulhar nos confins da roça para estudar a conspiração do camponês contra o rico... Trata-se aqui de esclarecer, não o legislador de hoje, mas o de amanhã. [...] (BALZAC, 1954).

Nesse trecho, Balzac fala de uma possível conspiração dos camponeses contra os ricos (burgueses), e sugere que seu estudo literário servirá para esclarecer os legisladores do futuro sobre o perigo que o dito grupo representaria. Uma possibilidade engendrada por ele e que pôde auxiliar o trabalho de Marx e Engels

quanto ao *Manifesto do Partido Comunista* pois, se refletirmos acerca do pensamento de ambos, há uma aproximação quando Marx e Engels narram que:

A nossa época, a época da burguesia [...] a sociedade inteira vai se dividindo cada vez mais em dois campos inimigos, em duas grandes classes diretamente opostas entre si: burguesia e proletariado [...] o lugar da manufatura foi ocupado pela grande indústria moderna. (MARX E ENGELS, 1998, p. 46).

Marx e Engels nos mostram o processo de transformação e divisão da sociedade e, se atentarmos para o texto de *Os camponeses*, de Balzac, situado no contexto histórico francês, tal fato já estava sendo destacado, pois, segundo Ortiz (1998), a economia da população francesa em meados de 1850 era de responsabilidade dos camponeses (75% da população francesa), depois chamados de trabalhadores da indústria. Tal como os posicionamentos de Marx, as ideias dos autores que utilizam a literatura e a arte como instrumentos de análise nos demonstram que todos consideram a esfera estética como algo passível de ser verificado pela sociologia.

1.5 Lukács, o intermediador de Marx e Balzac

A partir da perspectiva de Lukács desenvolvida em *O romance histórico*, o autor nos relata que “somente no romance, cuja matéria constitui a necessidade da busca e a capacidade de encontrar a essência, o tempo está implicado na forma”, sendo o tempo considerado a resistência que está no interior da vida no caminho contrário ao presente. Uma formulação que Lukács encontra em Marx na medida em que busca levar adiante o problema de refletir sobre a temporalidade possivelmente atingível e aberta ao presente em direção ao futuro, ou seja, esclarecer as possibilidades de aproximação entre a história e a forma, transformando-os em elos decisivos ao afirmar que “todo conhecimento histórico é um conhecimento de si” (LUKÁCS, 2011, p.11). Nesse caminho, a ideia do pensamento está no critério de adequação ao gerar a realidade e, como o real é “totalidade concreta do devir”, Lukács procura desvelar a relação entre criação artística e a consciência social no que tange às suas estruturas recíprocas, pois o indivíduo não existe sem história.

No pensamento de Lukács, a obra de arte não reflete somente a consciência coletiva, não é redutível a ela, como no marxismo vulgar. Pelo contrário, ela constitui

um vínculo entre as forças artísticas produtivas e as relações de produção, como o esquema marxista de totalização da história por meio de categorias que permitem a “apreensão do aspecto vivo da economia”.

Após compreender e incorporar aspectos da análise de Marx, Lukács buscou seguir a perspectiva marxiana, relacionando-a com a arte e a literatura. Seu pensamento sobre a construção histórica perpassa pelas variações ao longo do tempo, podendo ir e vir. É a partir da compreensão da intensificação da divisão social do trabalho, da fratura entre o público e o privado e do entendimento sobre o romance social do século XVIII que ele direciona sua análise para uma conversa direta entre passado e presente. Lukács nos mostra ainda a existência de uma correspondência com a fase desenvolvida da sociedade burguesa em uma das obras de Balzac, exprimindo “o domínio das condições sociais sobre um indivíduo e a realização da necessidade social por meio da cadeia de acasos aparentes da vida individual” (LUKÁCS, 2011 p. 22). Como exemplo disso: “Acalma-te”, disse Lousteau a Luciano de Rubempré, em *As ilusões perdidas*, de Balzac, “aceita os homens pelo que realmente são: meros instrumentos”.

Ao trazermos uma das primeiras obras de Marx para esse diálogo, *A ideologia Alemã*, podemos perceber que, ao criticar a filosofia idealista (aquela que “desce do céu para a terra” porque encontra-se descolada da realidade histórica), Marx e Engels nos afirmam: “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX E ENGELS, 2007). Para um diálogo com tal perspectiva, podemos citar uma fala do coronel Chabert, da novela de Balzac *O coronel Chabert*, que, ao tentar restaurar a sua vida dada como perdida, se dirige ao advogado, Sr. Derville:

[...] Para falar a verdade, naquela época, e ainda hoje em alguns momentos, o meu nome me é desagradável. Gostaria de não ser eu. A consciência de meus direitos me mata. (BALZAC, 2008).

A vida é o primeiro pressuposto para se “fazer história”, e viver conforme seus pensamentos significa comer, beber, ter moradia, vestir-se e algumas coisas mais. Então, fazer história significa produzir os meios dessa manutenção. A história, para Marx e Engels, é um processo dinâmico e não meramente uma coletânea de fatos passados. E seus movimentos ocorrem pelas possibilidades que o ser humano tem ao se adequar ao meio. Nesse sentido, Lukács aproxima Balzac de Marx

quando destaca o autor francês como o último representante de uma literatura realista dedicado à problemática histórica. Sua base está na experiência histórica vivida e emaranhada por um começo e um fim de um ciclo histórico carregado sobremaneira pelos problemas contemporâneos. Um caso particular que se expande para o acesso a uma pormenorizada caracterização das paixões e das relações sociais francesas na fase de expansão do capitalismo.

Para Lukács, Balzac é um autor que se aproxima da história para apresentar suas fissuras em seus romances de costumes. A partir de 1848 percebe-se um declínio da forma histórica e realista do romance, dando lugar a uma narrativa predominantemente descritiva, transformando o que era dinâmico em estático, gangrenando as relações entre o presente e a história. Segundo o autor, é nesse mesmo período que, nos termos de Marx, a burguesia conhecia e tinha noção de todas as armas que havia forjado contra o feudalismo, mas que começavam a ser direcionadas contra ela.

A despeito dos vínculos do autor de *O pai Goriot* com a perspectiva da nobreza francesa decadente, a lucidez quanto aos fundamentos da sociedade capitalista não é encontrada em outros autores, e as suas obras acabam por expressar o que parece embasar o projeto de Marx no âmbito da ciência. Como esclareceu Engels em uma de suas correspondências:

Balzac, que considero de longe o maior mestre do realismo de todos os Zolas do passado, presente e futuro, proporciona-nos na sua *Comédie Humaine*, uma história maravilhosamente realista da sociedade francesa, descrevendo, no estilo de crônica, quase ano por ano, de 1816 a 1848, a pressão crescente da ascensão da burguesia sobre a sociedade de nobres que se estabeleceu a partir de 1815 e voltou a instalar, na medida do possível, o padrão da *vieille politesse française*. Descreve como os derradeiros resíduos daquela, para ele, sociedade modelo sucumbiram gradualmente até a explosiva intrusão dos vulgares endinheirados ou foi corrompida por eles [...] (MARX e ENGELS, 1979, p.71).

É nesse sentido preciso que Balzac encontra-se a meio caminho entre o vislumbre da sociedade moderna, em processo acelerado de fragmentação (e o acirramento da luta de classes é um desses elementos desagregadores), e a sociedade antiga, quando tal totalidade ainda era possível ser representada literariamente. Para um primeiro esforço das possibilidades apontadas até então

nesse diálogo entre as obras balzaquianas e as “ideias marxianas”, buscaremos observar, a partir do romance *O pai Goriot*, os traços mais visíveis dessas observações, pois, ao retomarmos as leituras das obras em análise, constatamos que a partir do romance acima citado poderíamos aprofundar o nosso pensamento no desenvolver da pesquisa. As obras balzaquianas trazem semelhanças entre si, posturas, relações entre os personagens e formas de representação da moderna.

Segundo Rónai (2012), “quase tudo tem significação, até as irregularidades, as assimetrias, as aparentes inconseqüências [...] tudo se liga, tudo se explica, tudo é coordenado pela síntese” de Balzac. E os enigmas e mistérios despertam em seus leitores o prazer de mergulhar e compreender o mais profundo de suas obras.

Mas como realizar tal tarefa, já que a apreensão da obra de um autor sempre possui diversos caminhos? Caminhos que, ao mesmo tempo, nos propõem e dispõem possibilidades que podem desembocar em certezas e incertezas, a depender dos pontos de vista adotados e dos grupos que irão interpretá-los. A interpretação de um texto literário, por seu turno, está na dependência direta dos modos como os próprios estudos acerca da literatura se modificam e, assim, propiciam novas abordagens. Em determinados momentos históricos, a perspectiva de desenvolvimento da literatura vai se modificando e inserindo uma visão de mundo mais real, diferentemente de tempos já passados (BAKHTIN, 2002).

O romance, por exemplo, incorpora todas as mudanças ocorridas ao longo do tempo histórico, como se um molde determinado fosse se redefinindo com as atuais transformações. Ele viabiliza possibilidades distintas em cada obra realizada pelo autor. Cada obra é uma obra. O romance leva em conta o pluralismo linguístico, as relações interculturais e também os extratos superiores e inferiores, consegue misturar os estilos ao fazer com que o autor dialogue com seus contemporâneos (BAKHTIN, 2002). Como muda o contexto, mudam também as formas do pensamento. Se em um determinado momento prevalece a concepção da sociedade como uma realidade derivada do indivíduo, em outro momento esse raciocínio se inverte (WATT, 1996). Desse modo, o realismo surge como uma pretensão de retratar, através da obra literária, a vida cotidiana e todas as problemáticas existentes na relação indivíduo e sociedade, buscando ressaltar a maneira como é apresentada.

O aprofundamento da divisão social do trabalho empreendida pelo mundo moderno viabilizou novas possibilidades recheadas de vantagens e desvantagens. O autor, agora, exerce seu ofício como alguém especificamente devotado para a tarefa da produção de bens simbólicos. A delimitação de uma esfera própria do trabalho intelectual afetou diretamente o modo de a literatura ser concebida. Uma preocupação mais específica com a linguagem como o meio de representação da realidade acabou por alterar as formas romanescas.

CAPÍTULO II

2 AS REGRAS DA ILUSÃO

As transformações ocorridas ao longo do século XIX acerca dos processos de formação social podem ser atribuídas a diferentes fatores. O fato de tais mudanças terem ganho maior expressão na esfera econômica, por sua vez, fez com que, em um primeiro momento, uma compreensão da modernidade fosse reduzida aos processos de produção e circulação da riqueza. O próprio processo histórico, nessa medida, estaria mais bem delineado em seus movimentos precisamente em função de tais fatores materiais provenientes da ordem econômica.

Dada a necessidade de aproximar as obras de Balzac então voltadas para a análise e a crítica dos costumes nascentes de uma sociedade burguesa e suas possíveis influências sobre os modos de abordagem levados a cabo por Marx em seu modo peculiar de abordar a sociedade capitalista, faz-se necessário iniciar essa relação a partir daquela que é a obra central da vasta produção literária do autor francês: *O pai Goriot*.

2.1 A realidade em *O pai Goriot*

Como já foi retratado por alguns autores, não existe uma fórmula única que venha a responder possíveis indagações acerca da análise de uma obra literária (BOURDIEU, 1996). Para um pesquisador que intenta empenhar-se em tais análises, é pertinente criar uma série de mecanismos que o auxiliem nessa empreitada e, assim, trazer à tona uma possibilidade de avaliar a dimensão material, cultural e simbólica presentes na obra analisada. O contexto histórico e social em que o autor está inserido já nos propicia algumas informações acerca das estratégias então utilizadas para ultrapassar eventuais barreiras interpostas pelas próprias relações sociais. Em contextos de crise, por exemplo, a viabilidade para ultrapassar tais barreiras aumenta, possibilitando ao autor escapar de determinados controles, deixando-o mais “livre” para criticar a realidade que o cerca (LIMA, 2009).

O romance *O pai Goriot* narra a história do amor sem limites de um pai de origem burguesa por suas filhas, porém elas o desprezam dada a sua condição social rebaixada de comerciante. O único elo de amor existente entre eles reduzia-se a algumas peças da prataria que ele tinha em sua casa, principalmente “um prato e uma tigela, cuja tampa representava duas rolinhas que se beijavam, presente de sua mulher” (BALZAC, 2008, p.65). A contraposição entre o amor, como um sentimento nobre, e os bens materiais converteu-se na literatura de Balzac em uma estratégia de crítica à sociedade burguesa nascente, uma sociedade voltada somente para a busca insaciável de “ouro e prazer”. Esse binômio era considerado o início, o fim e o meio de tudo, e com a capacidade de atropelar tudo e todos.

Embora a obra não tenha uma divisão formal em capítulos, podemos dividi-la em seis partes e constatar que a narrativa é permeada por um conhecimento do narrador que vai além dos limites internos e externos, transitando pelo presente, futuro e retomando o passado, e com o único fim de denunciar os males causados na vida dos indivíduos após as revoluções que resultaram numa reviravolta nos contextos político, econômico e social francês. Ao se deparar pela primeira vez com a obra, o leitor imagina que a narrativa discorrerá acerca da história de um velho senhor que enriqueceu durante a Revolução Francesa ao vender trigo a preços exorbitantes, e que agora, em sua velhice, estava fadado a viver em uma pensão com costumes simples. O fato de afirmar ter duas filhas que o amam, embora o visitem somente de vez em quando e às escondidas, converte-se em objeto de ceticismo por parte dos demais moradores da pensão. Para os inquilinos da pensão de madame Vauquer, essa conversa não passa de asneiras, embora exista um locatário que acredita no velho, Eugène Rastignac, estudante de direito que sonha em ascender e conquistar Paris.

Embora o ponto de partida da narrativa seja a figura do velho Goriot, existem, porém, outros elementos na obra que indicam o porquê das condições de vida desse personagem e os segredos implicados nas peças de prata e ouro, além das suas saídas corriqueiras para determinados lugares com o objetivo de pagar dívidas e continuar com sua mesquinha. Outros acontecimentos narrados estão impregnados de possibilidades para se pensar acerca dos motivos daquela situação inusitada do velho Goriot. Eis o mistério que buscaremos revelar, além do objetivo

maior que é travar uma relação com alguns trabalhos de Marx e seus pressupostos sobre a história humana.

Quando Balzac detalha em seus textos os diferentes ambientes de suas narrativas, tal como ocorre com a descrição minuciosa da pensão Vauquer, com seus odores, sujeira, mobiliário, alimentos, etc., tal fato se dá como estratégia para caracterizar cada personagem que ali se encontra. Do mesmo modo podemos citar a casa do Sr. Grandet no romance *Eugênia Grandet*. A preocupação com tais minúcias objetiva reforçar uma caracterização de todos os personagens a partir de um princípio material (LUKÁCS, 2011).

Começemos pela pensão da Sr.^a Vauquer, com uma fachada na qual está escrito CASA VAUQUER e, abaixo, “pensão burguesa para ambos os sexos etc.”. Já podemos ver o primeiro indício do que o autor buscava relatar a respeito das posturas humanas: uma senhora fascinada pelo dinheiro que não se preocupava em melhorar seu estabelecimento. Tal como relatado pelo narrador, um ambiente com odores desagradáveis, com móveis sujos e empoeirados, um ambiente sombrio e cheio de pessoas com os mais profundos segredos, cobertos pela mesma ambição de poder e dinheiro, não demonstrando suas intenções, suas misérias e “suas monstruosidades curiosas” (BALZAC, 2008, p. 28). Tal ambição pode estar vinculada à “forma pela qual os homens produzem seus meios de vida, dependendo, sobretudo, da natureza dos meios de vida já encontrados e que eles precisam reproduzir” (MARX E ENGELS, 1998, p.25). Para Marx e Engels não se trata somente de um ponto de vista, mas vai além de uma única forma de manifestar ou determinar a vida, pois depende de suas condições materiais de produção.

2.2 A Casa Vauquer e suas revelações

Em meio aos odores e objetos variados que constituem a pensão da Sr.^a Vauquer, os personagens passam a ser caracterizados em função da própria descrição então empreendida acerca do estabelecimento. O ambiente, os móveis e suas localizações, o jardim, a estrutura e seus cômodos, o pátio com animais que convivem harmoniosamente, podem, diretamente, mostrar ao leitor possíveis elementos que estão interligados aos locatários dessa pensão.

Ao compararmos o tipo de pensão que a Sr.^a Vauquer especifica como sendo uma pensão burguesa, já de imediato podemos encontrar uma categoria que diz muito sobre quem seriam esses indivíduos burgueses¹. E será que, de fato, o são? Podem até ser assim considerados, como é o caso do velho Goriot, porém outros personagens que se fazem presentes na pensão tendem a ser indivíduos oriundos da vasta “classe média” (aposentados, funcionários públicos, comerciantes que rompem com o estigma da servidão), dependentes de mesadas e ajudas de familiares ou até mesmo oportunistas.

A variação do comportamento de cada morador da pensão pode ser relacionada com a perspectiva de Marx ao comentar que “a produção das ideias, de representações e da consciência está, a princípio, diretamente vinculada à atividade material e ao intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real” (MARX e ENGELS, 1998, p.21).

Outro elemento importante para entendermos o modo como o autor articulou as relações entre os personagens e o ambiente em que conviviam, é a localização da pensão e sua estrutura espacial. Um espaço isolado, indesejado por muitos, parecido ao de uma prisão, por onde trafegar era difícil e até os cavalos não conseguiam. Enfim, uma estrutura precária, de aspecto estranho e odor mofado e rançoso. Ambientes que refletem não só a exploração da proprietária da pensão sobre os seus inquilinos, mas também um modo de caracterizar cada personagem por intermédio desse ambiente exterior, como o próprio narrador salienta: “[...] enfim, toda pessoa explica a pensão, como a pensão implica sua pessoa” (BALZAC, 2008, p. 23). Uma situação, evidentemente, que desagrada a todos os que residem nessa pensão. Até mesmo o mais despreocupado dos inquilinos se sente constrangido por estar em meio a paredes que lembram um presídio deteriorado, porém, ali se mantém acomodado com o sentimento de que seus sonhos estão presos e não poderão se libertar.

¹ Tanto faz se esse cidadão “burguês” é empresário ou dona-de-casa. O interesse dele é somente juntar dinheiro sem se importar com as necessidades dos seus semelhantes. Os típicos burgueses nunca participam de doações para instituições de caridade ou algo parecido, tendo em vista que são egoístas e materialistas.

A pensão pode ser considerada o palco onde as interações entre os personagens se dão e o ambiente onde podem ser observadas as inúmeras situações por eles vivenciadas. Tais situações podem estar relacionadas a amores não correspondidos, desilusões, desejos, necessidades materiais, intrigas, frustrações, tudo atrelado ao objetivo de conquistar algum status mais favorável. Os cenários e as roupas nos fornecem certas informações, mas por si só não conseguem desvencilhar inteiramente quem é ou foi aquele personagem, pois, para tanto, é necessário apreender como algumas conversas e pistas são indicadas pelo narrador. Situações que podem ser tipificadas pelas mudanças que os próprios personagens empreendem a cada espaço/tempo. Como salienta Lukács:

[...] Marx diz que as categorias econômicas são “formas de existir, determinações da existência”, ele não apenas exprime de maneira filosoficamente clara o caráter material das categorias econômicas, como também mostra como e a partir de onde, na economia, a determinidade da vida humana pode ser figurada na literatura. (LUKÁCS 2011, p. 358).

Lukács (2011) continua sua argumentação ao mostrar que a possibilidade trazida pela literatura está “nas formas ontológicas imediatas da vida humana, nas quais se efetua o metabolismo de cada homem singular com a natureza e a sociedade” (p.358). Os personagens e a Casa Vauquer estão unidos por uma pré-história concreta do presente, por objetivos comuns e das reviravoltas, de voltar a ter espaço e fazer parte da sociedade parisiense. Da parte da Sr.^a Vauquer, seu o objetivo era casar com o “velho” Goriot e, assim, voltar ao meio social, pois, de acordo com o narrador, ele estava excluído da sociedade pelas próprias filhas. Cada um direciona suas ações em prol do mesmo objetivo, como o caso de Rastignac que, ao se aproximar de Goriot, só o faz com a intenção de tirar proveito para adiantar seus passos rumo ao almejado sucesso. Essa ambição era tamanha que, a cada personagem enfocado pelo narrador, uma estratégia específica é revelada como mecanismo de cobiçar a vida de maneira mais egocêntrica possível.

Um exemplo mais veemente desse tipo de postura por parte dos personagens ocorre quando o “velho” Goriot está arrumando as pratarias junto a Sr.^a Vauquer e, ao ver as peças, ela deslumbra-se. Goriot responde: “[...] Foi o primeiro presente que me deu minha mulher [...] A senhora compreende? Eu preferia cavar a terra com as minhas mãos do que me separar disso” (BALZAC, 2008, p. 34). O

raciocínio acima revela o apego de Goriot às coisas materiais, não em relação a objetos “sem valor”, mas sim em relação aos objetos que gerassem algum retorno financeiro se assim fosse necessário, a despeito de trazer lembranças sentimentais. Nessa mesma cena percebemos a intenção da Sr.^a Vauquer em reviver os prazeres de uma vida já passada por intermédio do “velho” Goriot. Ambições que se mostram transparentes no decorrer do romance por meio de estratégias, articulações e pensamentos dos diferentes membros da pensão, todos voltados para o alcance de status social a viabilizar um trânsito pelo *grand monde* parisiense.

Balzac nos apresenta uma diversidade de personagens e suas mais sórdidas facetas e intenções na incessante busca por um vínculo estreito com os setores da alta sociedade parisiense. Podemos ver que o desejo da Sr.^a Vauquer foi frustrado quando pediu para uma amiga sondar o velho Goriot com a intenção de saber um pouco mais sobre ele e descobrir a melhor maneira de conquistá-lo. Um fracasso. A cena preparada pelas duas trouxe alguns efeitos que, por fim, resultou em mais prejuízos para a Sr.^a Vauquer. A partir dessas circunstâncias, onde perde o que já não possuía, ela começa a maquirar uma vingança contra a “vítima”, o Sr. Goriot.

A narrativa mostrará várias situações que remeterão para um único caminho, o Sr. Goriot. A dramaticidade não ficará presa somente ao ódio da Sr.^a Vauquer e sua vingança, mas também aos personagens que estão ao seu redor em busca da realização de seus sonhos, tais como: Rastignac, Vautrin, Sylvie, as próprias filhas do Sr. Goriot, Bianchon e os outros. Em meio aos desdobramentos do enredo, o narrador inicia outras narrativas em paralelo, como a de Victorine, ou ainda transforma o protagonista em coadjuvante e vice-versa, trocando os papéis e dando ao leitor a impressão de que outros poderiam ser os protagonistas. Mas sempre mantendo a característica própria quanto ao estilo de delinear os personagens a partir do modo como os diferentes cenários e ambientes são definidos.

2.3 Indivíduos ou personagens

Criar personagens baseados na sociedade em que se está inserido é uma das características da literatura moderna, principalmente a partir de detalhes e modos de como tais personagens se portam para conquistar ou manter-se no poder, ou ainda fazer parte do meio social. Uma tarefa nada fácil, mas que os clássicos do realismo em suas obras conseguiram ao contemplar todas as potências sociais. Pensar nos personagens como indivíduos é destacar o olhar do autor acerca “[...] da alma coletiva, da qual cada habitante é tributário, mas que é algo mais do que a soma das almas individuais que encerra” (RÓNAI, 2012, p. 137). De acordo com Rónai (2012), Balzac mistura o elemento humano numa sociedade completa e envolvida de outros fatores, como a história, o ambiente, a tradição, demonstrando fielmente essas relações.

No romance *O pai Goriot* percebe-se um emaranhado de histórias que envolvem a diversidade de personagens que estão ali inseridos na Casa Vauquer, mas que acabam se direcionando ao Sr. Goriot, mesmo que indiretamente. Situações relatadas pelo narrador em um contexto de transformações, emergentes do processo de expansão do capitalismo onde o sentido de viver e suas relações estavam sendo transformados em superficialidades permeadas por interesses que se encaminhavam para os fins mais cruéis.

Os personagens figurados por Balzac nessa obra expressam os modos de vida de indivíduos que habitavam Paris no começo do século XIX em meio a contrastes que distinguiam uns dos outros. A indignação de Rastignac, por exemplo, ao saber o que acontecia entre o velho Goriot e a Sr.^a de Restaud, faz com que Paris seja comparada a um lamaçal. Conforme os argumentos de Rónai (2012), a situação de Paris era precária, não tinha rede de esgoto nem pavimentação na maioria das ruas. Eram vielas estreitas e escuras, cheias de lixo pelos cantos e a lama como principal característica, e que, ao mesmo tempo, servia de critério para separar as diversas classes sociais a compor a sociedade parisiense. Mas um lamaçal que Vautrin (conhecedor de tudo e de todos) caracteriza como “bem estranho”:

[...] os que nele se sujam de carruagem são pessoas honestas, os que se sujam a pé são vagabundos. Tenha a infelicidade de pegar seja o que for, você vai ser exposto na praça do Palácio da Justiça como uma curiosidade. Roube um milhão, será apontado nos salões como uma preciosidade. Pagam-se trinta milhões à polícia e à justiça para manter essa moral. Bonito! (BALZAC, 2008, p. 65).

Segundo Vautrin, quem tem poder e dinheiro deve explicitá-los de maneira ostensiva, embora tal argumento deva manter-se “soterrado” para não ir de encontro à “moral destacada por esses bons costumes”. Uma época de arrivismos a reproduzir

situações degradantes na sociedade francesa do século XIX, onde os indivíduos que haviam perdido seus bens buscavam a todo custo recuperá-los, enquanto os “burgueses” ganharam espaço e se fortaleceram acumulando mais bens e abrindo passagem para o surgimento de outras classes. No ambiente da Casa Vauquer, todos os personagens tinham projetos e sonhos: uma de conhecer seu pai e ser reconhecida como filha (caso de Victorine); outro de ser rico e poder andar pelas ruas de Paris sem nenhum desprezo (caso de Rastignac); outra de voltar a ter a vida que tinha na juventude de riqueza e prestígio (caso da Sr.^a Vauquer). A relação de Rastignac com o Sr. Goriot, a princípio, pareceu mais um caso de aproximação por interesse inconfessável, mas no final das contas revelou-se certo afeto, com Rastignac a observá-lo, segui-lo e se aproximar cada vez mais. Ao mesmo tempo, descobre que o “velho” Goriot foi explorado, abandonado e ignorado pelas filhas. Indignado com o mundo que o cerca e com as atitudes das filhas do Sr. Goriot, Rastignac parte para a batalha incentivado por sua prima, uma viscondessa em busca de vingança.

Ora, o comportamento desses personagens, ao adotar atitudes interesseiras, retratava o que de fato ocorria, segundo Balzac, na sociedade francesa de então. O arranjo de um bom casamento para as filhas, tal como arquitetado por Goriot, com o pagamento de um bom dote, justificava-se em função de um sobrenome nobre e títulos socialmente relevantes para garantir algum prestígio a ambas, embora, como contrapartida, restasse apenas o desprezo pelo próprio pai justamente em função da sua origem social. Rastignac, por seu turno, resolve mergulhar na sociedade parisiense com o objetivo de punir as filhas do Sr. Goriot. Sua vida de estudante é deixada de lado em prol do seu projeto de conquistar uma posição na alta sociedade parisiense. Para isso Rastignac é apoiado por um personagem que parece ser uma espécie de *alter ego* de Balzac, Vautrin, definindo todas as coordenadas e diretrizes para o alcance de seus objetivos.

Para Vautrin, o segredo para uma vida bem sucedida não residiria na existência de um amor correspondido ou mesmo na manutenção de sentimentos nobres e elevados como honra, mas em vencer a qualquer custo, a despeito de tais sentimentos. Rastignac seguiu seus conselhos sem hesitação. Ao dar início a seu projeto, Rastignac buscou conhecer o passado do “velho” Goriot e entender exatamente o que houve para que a situação dele fosse aquela. Ao descobrir o que ocorrera, ele só confirma o que sua prima já havia lhe dito. Depois de receber a resposta das cartas então enviadas para a sua família, parte para o “ataque”. Uma abordagem, porém, cheia de reviravoltas, pois Rastignac, ao mesmo tempo em que queria se vingar das filhas do Sr. Goriot, acaba por envolver-se sentimentalmente com as agruras do velho, o que o deixava confuso e, às vezes, indeciso em continuar a sua empreitada.

Vale salientar aqui o modo como Balzac constrói seus textos ficcionais sempre adstritos aos modos como uma dada realidade se lhe apresenta. Embora a ficção nunca seja uma reprodução fiel do que de fato seja a realidade, mas sim uma preapresentação, a literatura moderna sucumbiu aos ditames de um realismo que teve em Balzac um dos nomes responsáveis a conferir ao romance, segundo Lukács, um novo direcionamento para o gênero na sociedade burguesa. Segundo Rónai (2012), Balzac foi um dos primeiros escritores a descobrir a sobrevivência da luta de todos contra todos sob a amável hipocrisia dos salões e dos cafés.

Retomando o enredo de *O pai Goriot*, após a prisão de Vautrin, a Sr.^a Vauquer seria forçada a expulsar a Srt.^a Michonneau. A pensão não seria mais a mesma, pois uma enxurrada de acontecimentos poria fim aos anseios de muitos dos seus inquilinos, desde a doença de Goriot até a tristeza da Sr.^a Vauquer. O mesmo poderíamos pensar a respeito das ações de alguém premido em um momento de crise, seja financeira, amorosa ou em meio a uma convulsão social. Nesse turbilhão, o indivíduo isolado não vê além de sua própria tragédia, de seu fracasso e enxerga apenas um precipício, não conseguindo pensar em possíveis alternativas que o leve a se desviar de tal fim. No caso do Sr. Goriot, a morte foi chegando “aos poucos”. A dedicação às filhas era sua obsessão, a ponto de vender tudo para poder beneficiá-las. Rastignac percebe a dedicação do pai para com as filhas, porém verifica a ausência de reconhecimento por parte de ambas. O problema não estava atrelado somente à falta de contato e aproximação entre Goriot e os genros, ou em relação ao poder dos genros sobre as filhas e a relação que eventualmente elas mantinham fora do casamento. Mas estava atrelada à vida e à “consciência” do próprio Goriot. Um emaranhado de relações que respingaram em Rastignac e em suas ambições. Seu caminho rumo à alta sociedade parisiense estava quase bloqueado por inúmeras dificuldades e humilhações, pois lhe faltava o principal, o dinheiro. Gasta suas forças e recusa as orientações de Vautrin, mas não consegue resistir aos encantos e presentes da baronesa de Nucingen, uma das filhas de Goriot. O dinheiro para Goriot era o meio pelo qual poderia receber algum afeto de suas filhas. Para Rastignac, por seu turno, significava o meio para conquistar seus objetivos. Uma relação de amor e vingança marca a vida de Rastignac a partir de sua amizade com Goriot, um ato de bondade e de caráter, a princípio, que se transforma no decorrer da obra na realização de um desafio, de compensar “um homem que em vida era bravo e honesto, que jamais levantou a voz para alguém, que não incomodava ninguém e que nunca fez mal algum” (BALZAC, 2008, p. 295).

Rastignac, em muitos momentos, reflete sobre a sociedade parisiense ao se deparar com o “velho” Goriot já adoentado. A sociedade é como um oceano de lama em que o homem mergulharia e ficaria afundado até o pescoço. De acordo com Rastignac, acerca

da reflexão de Vautrin, a sociedade tem três expressões: a Obediência, a Luta e a Revolta. “[...] A Obediência era tediosa; a Revolta, impossível; e a Luta, incerta” (BALZAC, 2008, p. 263). Interessante ressaltar que, uma vez sabedor das consequências de seu plano caso o levasse adiante, Rastignac poderia ser atingido pelas armas e amarras da sociedade francesa. Porém, já havia feito um pacto sem volta, pois, ele gostaria de fazer parte da sociedade disponibilizando todos os mecanismos e instrumentos necessários para o alcance de prestígio: dinheiro e poder. Ora, essa alienação, tal como explicitada em Marx e Engels (1998), reside justamente no fato de os indivíduos buscarem apenas seu interesse particular, “que para eles não coincide com o interesse coletivo – o geral é de fato a forma ilusória da coletividade”. A fortuna se faz presente e Rastignac está mais próximo do que imagina, pois se estivesse aceito o acordo com Vautrin de iniciar um romance com Victorine, suas possibilidades se “abririam como uma flor que desabrocha pela manhã” e a chance de se tornar rico e detentor de status e poder se tornaria real. No entanto, Rastignac resolve direcionar seu objetivo para um único caminho, o amor de Delphine, uma das filhas de Goriot. Mas por que Rastignac resolve seguir esse caminho?

O narrador relata que, em função do fato de Rastignac cultivar sentimentos sinceros e profundos pelo Sr. Goriot, tal como um filho, ele empenhou-se em propiciar todas as alegrias possíveis ao ancião e também por entender que poderia ser mais rápido e fácil o caminho escolhido para o alcance de seus objetivos. Mas não foi possível nem viável, pois o “velho” Goriot já estava destinado à morte. Sua morte foi ocorrendo conforme os ponteiros de um relógio e, já perto do fim, o Sr. Goriot reflete sobre suas filhas. Em um primeiro momento ele recorda de quando elas eram pequenas e o quanto elas o amavam e lhe faziam carinho; em um segundo momento desabafa para Rastignac: “Eu sabia. É preciso morrer para saber o que se é para os filhos” (BALZAC, 2008, p. 276). E aconselha Rastignac: “Ah, meu amigo, não case, não tenha filhos” (BALZAC, 2008, p. 276).

Goriot tinha consciência de que seu dinheiro era o único vínculo com suas filhas. Quando chegou ao fim, não restou nem a consideração delas para com ele. Uma de suas últimas frases foi: “O dinheiro compra tudo, até mesmo filhas” (BALZAC, 2008, p. 277). Ainda em relação a suas decepções, Goriot diz que o mundo não é belo e que ele pôde constatar isso. A bajulação de suas filhas estava presente quando ele tinha recursos financeiros, a sociedade assim o enxergava, como o dono do dinheiro e, por isso, o respeitava, mas com o respeito que se deve ao dinheiro. Isso antes, agora não mais. O dinheiro do Sr. Goriot não é originário de herança ou de apostas em jogatina, mas foi conquistado a partir de suas atividades como comerciante.

Após consumada a morte do Sr. Goriot, um dos locatários faz o seguinte comentário: “Um dos privilégios da boa cidade de Paris é que aqui se pode nascer, viver e morrer sem que ninguém preste atenção na gente” (BALZAC, 2008, p. 292). Depois do enterro, Rastignac retoma seu plano, ou seja, a conquista e, ao mesmo tempo, a vingança, agora não somente contra as filhas do velho Goriot, mas também contra a sociedade a que tanto almejava pertencer.

Um final, no entanto, que não se encerra. Uma das características de Balzac é que ele constrói suas tramas pensando e articulando uma obra com a outra, deixando o leitor com os pensamentos aguçados, imaginando o que poderia acontecer caso o autor continuasse o romance em uma segunda parte, por exemplo. Não se chamaria mais *O pai Goriot*, tendo em vista a morte do personagem, mas poderia ser Eugénie de Rastignac. Imaginemos e pensemos a respeito do que poderia ocorrer.

Na perspectiva marxiana, o ideal pode ser apreendido a partir da demonstração de como a consciência humana apropria-se do mundo, diferentemente de como ele realmente é, isto é, deformado nas suas mais diversas conexões. Porém, para o homem vir a compreender tal universo é necessário um árduo trabalho mental a mergulhar em um profundo rio e, com esse mergulho, compreender o que se encontra por trás dessas categorias reificadas (mercadoria, dinheiro, valor, etc.) a determinar a vida cotidiana dos homens, a verdadeira essência delas, as relações sociais. Considerando o comentário de Lukács, ninguém descreveu a burguesia tão bem como Balzac. Ele foi um dos poucos, senão o único, que demonstrou a influência do dinheiro nas relações sociais, no desdobrar de ações individuais, dramas e vivências na sociedade de que fazem parte.

O romance, de um modo geral, está encerrado por parâmetros que não necessariamente possam ser observados na vida real. Não os romances de Balzac: estes nem começam e nem acabam. Cada um traz sementes que vão germinar além do seu final e, por sua vez, apresentam o desenvolvimento de sementes já lançadas em um ou mais romances anteriores. Mesmo com a morte do principal personagem de *O pai Goriot*, os demais continuam sua própria vida à espera de uma narração própria, como foi o caso de Rastignac. Se em um romance a figuração desse personagem aparenta certa felicidade, em outro o encontraremos infeliz. De um romance para outro os personagens envelhecem. Os membros de uma determinada família, por seu turno, possuem, cada um, sua própria história, mesmo que contada em obras diversas e destinadas a formar um conjunto de personagens a cumprir ora um papel de coadjuvantes, ora de personagens principais. Para o aumento da ilusão romanesca, as personagens criadas pelo autor vivem misturadas a

peças da vida real: o poeta Canalis, inventado por Balzac, dá-se com Chateaubriand, e o pintor Schinner, outra criação sua, é aluno de Gros e frequenta Girodet (cf. RÓNAI, 2012).

O conhecimento acerca da realidade não está limitado aos domínios supostamente bem demarcados da ciência. No plano artístico e literário também encontramos possibilidade de formulação de um conhecimento sobre os fatos e ocorrências do mundo, principalmente em relação ao mundo social. Pode-se dizer que o romance formula, de alguma forma, um conhecimento acerca dos seres humanos e da vida em sociedade tal como as ciências humanas buscam deslindar. Por outro lado, pode-se dizer, ainda, que a arte e a literatura constituem-se enquanto fontes primordiais sobre a própria vida. Para enfatizarmos esse entendimento, vale a citação de Lukács quanto ao entendimento de um fragmento de Marx:

O que Marx disse sobre as instituições jurídicas vale também para as formas literárias. Elas não podem se situar acima da sociedade que as gera. Já que tratam das leis, das contradições e dos problemas mais profundos de uma época, também não devem se situar acima no sentido de antecipar as perspectivas do desenvolvimento por meio de projeções utópicas e românticas de seu ser no presente. Seu significado se encontra em seu realismo, em seu profundo e fiel espelhamento do que realmente é. Pois o que realmente é contém as tendências que conduzem ao futuro de modo mais forte e nítido que os mais belos sonhos e projeções utópicas. (LUKÁCS, 2011, p.420-421).

Ao fornecer informações e pistas ao longo de suas narrativas, o autor abre possibilidades de compreensão para o leitor e torna possível resgatá-las à medida que o texto avança. Uma das intenções do autor é determinar algumas atitudes ou comportamentos das personagens. Desse modo, o narrador cria uma ponte e promove certa articulação entre as partes que compõem o romance, estabelecendo um vínculo entre as personagens e o ambiente no qual estão inseridos. O autor cria, desse modo, um vínculo entre a realidade e a obra, trazendo à tona saberes e interesses oriundos da própria sociedade que são convertidos em problemática literária. Os romances históricos, nesse sentido, ganham certa prioridade do ponto de vista de um gênero que investe no realismo como expressão literária.

Seguindo a linha de raciocínio apontada pelos autores acima relacionados, podemos continuar a análise da narrativa ao trazer à tona mais alguns elementos. Nos romances *Eugênia Grandet*, *A pele de onagro* e na novela *O coronel Chabert*, intrinsecamente ligados pelo movimento interno das relações entre personagens em busca de seus interesses materiais, cada obra traz consigo os efeitos da sociedade capitalista em processo de consolidação. Para Lukács (1997), “as indagações de Marx e Engels no campo da arte e da literatura estendem-se ao inteiro desenvolvimento da sociedade humana”. Suas

determinações estão voltadas para as verdades que os processos sociais direcionam, a verdade dos destinos individuais.

2.4 “Espelhos” da sociedade

A verdade do processo social é também a verdade dos destinos individuais. De que modo, entretanto, torna-se visível tal verdade? Não somente para a ciência, mas também para o conhecimento prático do homem em sua vida cotidiana, essa verdade da vida só se pode manifestar por meio da própria *práxis*, no conjunto dos atos e ações do homem. “É através da *práxis*, apenas, que os homens adquirem interesse uns para com os outros e se tornam dignos de ser tomados como representação literária” (LUKÁCS, 1965, p. 58). Quando pensamos na perspectiva marxiana e em seu percurso para desvelar a lógica do capitalismo e seu impacto sobre os indivíduos, é possível perceber o quanto essa compreensão do capitalismo como modo de produção está atrelada às de Balzac.

Dando ênfase àquilo que Balzac já havia percebido e demonstrado em sua ficção ao esmiuçar, de alguma forma, a sociedade burguesa, intenta-se neste tópico explicitar, de maneira concisa, as ideias de Marx quanto à formação da consciência do homem perante o mundo em sua materialidade. Para tanto apresentaremos trechos e fragmentos de algumas obras de Balzac referentes à condição humana e suas relações com as concepções de Marx quanto à dominação da sociedade capitalista sobre os indivíduos e o quanto ela os aproximam e os excluem.

A novela *O coronel Chabert* narra a trajetória de um prestigioso oficial do exército então responsável pela expansão territorial francesa e que fora dado como morto em uma determinada batalha. Como, de fato, ele não havia morrido, o seu retorno ao convívio social após certo tempo gera situações inusitadas do ponto de vista do modo como a sociedade burguesa se configura. A despeito de seus esforços, inclusive do ponto de vista jurídico, ele não é reconhecido como sendo quem de fato era e, portanto, permanece na sua condição de morto. O modo como o próprio Chabert conta sua história a Derville, um advogado a quem ele recorre, diz muito da existência dos indivíduos em uma sociedade burguesa:

Minha morte foi comunicada ao imperador que, por prudência (ele gostava um pouco de mim, o chefe!), quis saber se não haveria chance de salvar o homem a quem devia esse rigoroso ataque. Enviou dois médicos-cirurgiões a fim de me reconhecerem e trazerem para a ambulância, dizendo-lhes, talvez um pouco negligentemente, pois estava muito ocupado: “Vejam se porventura meu pobre Chabert ainda vive!”. Os dois malditos cirurgiões, tendo me visto ser pisoteado pelos cavalos dos dois regimentos,

certamente se abstiveram de me tomar o pulso e disseram que eu estava morto.

- [...] Ah, senhor, rever Paris! Era um delírio que eu não... [...] Num belo dia, senhor – continuou o cliente –, num dia de primavera, me abriram as portas e me deram algumas moedas, alegando que eu falava sensatamente sobre todos os assuntos e não dizia mais ser o coronel Chabert. Para falar a verdade, naquela época, e ainda hoje em alguns momentos, o meu nome me é desagradável. Gostaria de não ser eu. A consciência de meus direitos me mata. Se minha doença me tivesse tirado toda a lembrança de minha existência passada, eu teria sido feliz! Teria me alistado novamente.

- [...] que há em nossa sociedade três homens, o padre, o médico e o homem da justiça, [...] o mais infeliz dos três é o advogado, quer ver se repetir os sentimentos maus, nada os corrige, nossos escritórios são esgotos que não se pode limpar. Quantas coisas aprendi exercendo minha profissão! Vi um pai morrer num celeiro, sem um vintém, abandonado por duas filhas a quem dera quarenta mil libras de renda. Vi queimarem testamentos, vi mães despojando os filhos, maridos roubando suas mulheres, mulheres matando os maridos, servindo-se do amor que lhes inspirava para torná-los loucos ou imbecis, etc. Um desabafo de um entendedor das leis que via a todo o momento o poder causar impunidade e aniquilar socialmente os indivíduos. (BALZAC, 2008, p.31,32 – 78, 79).

A existência dos indivíduos em sociedade parece estar reduzida a certo aspecto utilitário. Tudo parece dotado de algum sentido desde que um propósito, construtivo ou destrutivo, enrede a vida dos indivíduos em suas relações. No entanto, a percepção individual da própria realidade está limitada, impossibilitada de desvelar “a verdade do mundo” e, portanto, condenada às suas aparências. Marx, em uma de suas inúmeras conclusões acerca da relação homem/conhecimento/mundo, argumenta que os filósofos apenas limitavam-se a interpretar o mundo, e, de fato, a verdadeira tarefa da filosofia deveria voltar-se para transformá-lo. Para tal transformação, o autor confere à história e ao processo histórico a tarefa de constituir a “verdade deste mundo”, desmascarando a alienação humana. Não é difícil identificar nas obras de Balzac os mesmos intentos, embora por caminhos e pontos de vista distintos. Quando Marx critica a religião e o posicionamento filosófico de Hegel, seu esforço teórico concentra-se em entender a libertação do “homem da fantasia, para que possa pensar, atue e configure a sua realidade como homem que perdeu as ilusões e reconquistou a razão, para que ele gire em torno de si mesmo e, assim, em volta do seu verdadeiro sol” (MARX e ENGELS, 2004, p.22).

Em outra obra de Balzac, *A pele de onagro*, um jovem cientista em início de carreira, Raphael de Valentin, resolve apostar seu dinheiro numa casa de jogos como última cartada para vencer na vida; perde tudo. Ao sair daí desnortado, apenas o suicídio lhe parece a melhor solução. Porém, refletiu acerca das várias

situações que o conduziram a tal momento desesperador, chegando a pensar se valeria ou não continuar vivo. Induzido a adentrar em uma loja de antiquários, sua sensação é a de uma viagem através dos tempos, sua mente passando pelos mais diferentes cenários, culturas e momentos históricos. É neste local que sela o pacto demoníaco ao aceitar certo talismã, uma pele de onagro, capaz de lhe realizar todos os desejos. Desde então a sua vida ganha outro ritmo, começa a viver intensamente e sem freios. As duas figuras femininas entre as quais ele se encontrava, Pauline e Fedora, convertem-se em símbolos a expressar as forças sociais a atuar sobre o indivíduo. De um lado, o “amor puro e verdadeiro” a dar vazão à subjetividade, e, de outro, conforme salienta o próprio narrador, a sociedade como força objetiva. O pacto demoníaco faz com que essa relação entre desejos subjetivos e interditos objetivos da sociedade desemboque em um desfecho trágico.

Como você, eu estava então na miséria, mendigava meu pão. No entanto, atingi a idade de cento e dois anos e fiquei milionário: a desgraça deu-me a fortuna, a ignorância instruiu-me. Vou revelar-lhe em poucas palavras um grande mistério da vida humana! O homem esgota-se por dois atos instintivamente realizados que secam as fontes de sua existência. Dois verbos exprimem todas as formas que essas duas causas de morte possuem: Querer e Poder. Entre esses dois termos da ação humana, há outra fórmula que é a dos sábios, e devo a ela a minha felicidade e longevidade. Querer nos queima e Poder nos destrói, mas Saber deixa o nosso frágil organismo num perpétuo estado de calma. Assim o desejo, ou querer, está morto em mim, morto pelo pensamento; o movimento, ou o poder [...] coloquei minha vida no cérebro que não se desgasta e que sobrevive a tudo. (BALZAC, 2008, p.58).

A pele de onagro e sua magia “conferem a seu possuidor a faculdade de satisfazer todos os desejos, mas se encolhe após a satisfação de cada um deles; extraordinário talismã que significa a mocidade, o sopro vital, as energias do corpo e da alma” (RÓNAI, 2012, p.55). No fragmento acima destacado é possível relacionar diretamente com os argumentos de Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista*:

Tudo o que é sólido e estável se volatiliza, tudo que é sagrado é profanado, e os homens são finalmente obrigados a encarar com sobriedade e sem ilusões sua posição na vida, suas relações recíprocas. (MARX e ENGELS, 1998, p.48).

Em *Eugênia Grandet*, Balzac ressalta a vida de um avaro que acumulou fortuna ao longo do tempo, sempre racionando ao máximo seus gastos e, assim,

seguia a lógica de uma vida burguesa quanto aos modos da nova classe social em ascensão. Muitos eram os interessados na sua fortuna, tal como abutres a observar sua presa. Por conta disso, o comportamento do “velho” Grandet era o mais estranho possível, pouco sociável, sovina e de uma rudeza sem igual, chegando a racionar comida para a sua própria família. Enredado por esse modo de vida, o avarento Grandet, no entanto, repassou seu modo de vida avarento para a própria filha, Eugênia, que, após a morte dos pais, continua a viver uma vida de contenção material extrema. A opção de Eugênia em fazer acumular ainda mais a fortuna herdada de seu pai em detrimento de entregar-se a um amor romântico é bastante indicativa do quanto as forças sociais tendem a suprimir anseios e desejos individuais.

- Um comerciante, [...] Grandet lembrava o tigre e a jibóia. Sabia esconder-se, abaixar-se, observar longamente a presa até dar o bote. Depois, abria a garganta de sua bolsa, engolia um monte de escudos e se deitava calmamente, como a cobra que digere impassível, fria, metódica. Ninguém o via passar sem experimentar um sentimento de admiração mesclado de respeito e terror.

- [...] Mãe e filha eram responsáveis por toda a roupa da casa e empregavam tão conscienciosamente os seus dias nesse verdadeiro trabalho de operárias que, quando Eugênia queria bordar uma gargantilha para a mãe, era obrigada a perder algumas horas de sono, enganando o pai para conseguir alguma luz. [...] Não era o único deus moderno em que se tem fé, o Dinheiro em todo o seu poder, expresso por uma só fisionomia? [...] Seus sentimentos ofendidos sem que o soubessem, mas vivazes, e o segredo de sua existência, constituíam unicamente material.

- [...] o amor, no matrimônio, é uma quimera. Hoje minha experiência me diz que é preciso obedecer a todas as leis sociais e reunir, ao casar-se, todas as convivências requeridas pela sociedade. [...] Esta história é a tradução imperfeita de algumas páginas esquecidas pelos copistas no grande livro do mundo. (BALZAC, 2006, p.21,22)

O dinheiro funciona como um dos mediadores cruciais no âmbito da sociedade moderna. Como ressalta Lukács, “o dinheiro como extensão do homem, como poder sobre outros homens e circunstâncias”. A burguesia, dado o seu destino em acumular dinheiro, agia sem escrúpulos e rompia com todos os sentimentos que as famílias tinham entre si e, ao fim e ao cabo, as reduzia a simples relações de dinheiro. Cabe recordar que, no campo, o mesmo processo ocorria: fazendas se transformam em “fábricas agrícolas” e os camponeses que ali permaneciam se transformavam em proletários camponeses (BERMANN, 2007). Segundo o autor, Marx admirava a burguesia não pelos seus feitos em si, mas porque foram “os primeiros a mostrar do que a atividade humana era capaz”. A

burguesia sabia, como nenhuma outra classe dominante anterior, manipular o que estava em suas mãos, o dinheiro, e o usava da maneira mais astuta possível para reificar os indivíduos que, “livremente”, aceitavam seu novo papel de servos. Como exemplo pode-se citar a criada Nanon do romance de Balzac.

Para Marx, as formas do conhecimento humano estão diretamente atreladas às experiências, percepções e sensações provenientes do contato entre os homens e destes com o mundo material. Seu método materialista, portanto, estava voltado para os modos de interação que ocorriam entre os homens e o mundo à sua volta, onde certa dissipação social tendia a fazer-se necessária para que os indivíduos compreendessem que estavam imersos em um oceano de incertezas. Na sociedade burguesa, “o trabalho vivo é apenas um meio para aumentar o trabalho acumulado. Na sociedade comunista, o trabalho acumulado é apenas um meio para ampliar, enriquecer, promover o processo de vida do operário” (MARX e ENGELS, 1998). Assim, na sociedade burguesa, o passado domina o presente e, inversamente, na sociedade comunista o presente visaria dominar o passado.

2.5 Sociedade, indivíduo e dinheiro

Com a emergência da modernidade e a expansão do capitalismo, as relações entre os indivíduos foram permeadas por interesses diversos, tais como o dinheiro, o poder, o status e em prol de uma posição social mais estável. Os indivíduos foram engolidos por esse mundo avassalador e as suas consciências foram bloqueadas, tornaram-se míopes e aprisionadas a ponto de não conseguirem se livrar de certas amarras. Pensar acerca da individualidade na sociedade capitalista é, paradoxalmente, imaginar uma singularidade em meio a um turbilhão de forças a transformar a todos em uma massa informe. Afirmar uma individualidade implica o entendimento de uma convergência de forças contrárias, ou seja, uma a realçar a singularidade do indivíduo e outra a vinculá-lo ao todo. O dinheiro, nesse sentido, converte-se em um elo primordial para que os indivíduos vinculem-se uns aos outros na sociedade capitalista.

O dinheiro sempre foi considerado como um meio a deturpar, corromper e alienar o indivíduo, mas também pode ser considerado como um intermediador crucial para enlaçar a todos. Daí provêm o verdadeiro poder do dinheiro, ou seja, da própria sociedade enquanto entidade de onde emanam as forças contraditórias a aproximar e a afastar os indivíduos uns dos outros. Nesse sentido, é a ambição que nos conduz ou a escolher ou a agir de uma determinada forma que, posteriormente, direcionará nossas condições futuras. Mas quais seriam as funções do dinheiro além de “suprir” as necessidades cotidianas?

Em sua função geral, “o dinheiro confere, por um lado, um caráter impessoal, anteriormente desconhecido, a toda atividade econômica, por outro lado, aumenta, proporcionalmente, a autonomia e a independência da pessoa” (SOUZA, 1998). O seu caráter impessoal e sem cor, e em oposição a outros valores, deve ser reforçado ao longo da história sociocultural, pois o dinheiro (moeda) tende a servir como meio de troca com uma diversidade de coisas transmutadas em mercadoria. O dinheiro não tem uma característica única, o que o habilita para diferentes papéis e serviços, reforçando o seu caráter representacional. Seu estímulo gera ainda divisões que resultam em individualismo, formação de grupos, tudo em busca de interesses comuns, tal como Souza (1998) argumenta:

Gostaria de mostrar dois exemplos que parecem apresentar corretamente a sutileza da fronteira possibilitada pelo dinheiro. Trata-se da fronteira entre as uniões de interesses, por um lado, e a separação dos mesmos, por outro. (SOUZA, 1998, p. 3).

Souza (1998) apresenta esses dois vieses, demonstrando que o dinheiro estabelece na vida humana um nível de interesse tão comum e abrangente para todos os homens como nunca foi possível na época da economia natural. O dinheiro traz muitas garantias, igualdades, desigualdades e certa representação de algo universal, representação esta que teve um papel tão importante quanto na atualidade da história sociocultural, mesmo que em períodos e civilizações anteriores já se sinalizasse esse momento de penetração total do dinheiro. Entretanto, existem outros fatores nesse cenário, pois o dinheiro faz parte de um sistema capitalista que se espalhou rapidamente tal como uma pandemia, e que se alastrou e dominou toda a sociedade ocidental, inicialmente, e as sociedades orientais, depois. Um fato que surpreende estudiosos até os dias atuais que se debruçam sobre o campo econômico é a flexibilidade desse sistema consolidado e a sua facilidade em ressurgir das cinzas, sempre com mais força e poder.

Mesmo que a representação acerca do dinheiro existente nas obras literárias não seja utilizada de maneira recorrente pelas abordagens sociológicas, de algum modo a literatura contribuiu para uma compreensão mais abrangente acerca do dinheiro. Esse destaque é percebido numa diversidade de autores, Shakespeare, Goethe, Balzac, Flaubert, Baudelaire, dentre outros, que trouxeram em suas obras elementos que subsidiaram abordagens acerca do próprio capitalismo.

2.5.1 O indivíduo e o papel do dinheiro

Pode-se dizer, segundo Marx em *O capital*, que o capitalismo como sistema econômico e social surgiu e espalhou-se por todas as sociedades, submetendo as diversas tradições culturais aos ditames de sua lógica. Nesse sentido, faz-se necessário analisar a emergência da modernidade e suas consequências. Ao analisar o processo de constituição e de formação da sociedade capitalista, Marx salienta um dos aspectos peculiares da modernidade, qual seja, a cada momento de crise ocorre um rearranjo de suas forças a impulsionar o volume de produção de riqueza. Refletir acerca do sistema capitalista é, portanto, tentar compreender sua lógica e a repercussão que as relações de troca fizeram com que o dinheiro obtivesse tal papel de mediador universal.

A presença do dinheiro no capitalismo, mesmo que de maneira abstrata, se dá enquanto um componente que fez e faz parte de todo o contexto social desde seus primeiros passos rumo a sua afirmação, como agente ativo das relações política, econômica e sociais. É o dinheiro, ou melhor, é o que ele representa e pode proporcionar que faz com que o indivíduo se aliena.

O dinheiro, na medida em que possui o atributo de tudo comprar, na medida em que possui o atributo de se apropriar de todos os objetos, é, portanto, o objeto enquanto posse em si. A universalidade de seu atributo é a onipotência de seu ser; ele vale, por isso, como ser onipotente... O dinheiro é o alcoviteiro entre a vida e o meio de vida do homem. (MARX e ENGELS, 1979, p.63).

Nessa mediação, invertem-se os papéis: o dinheiro se estabelece como possuidor do homem e não o homem como possuidor dele, tendo em vista que o dinheiro o transforma em um ser corruptível. O dinheiro, como o próprio Marx afirma, é o alcoviteiro entre a necessidade e o objeto, entre a vida do homem e a sua subsistência. No capítulo “Mercadoria e dinheiro” de *O capital* (MARX, 2013), estão presentes o modo como a “mercadoria indivíduo” transporta seu valor para a mercadoria propriamente dita. Em tais circunstâncias, para existir a troca, é apresentado um veículo condutor, o dinheiro, que tem um papel fundamental para a relação entre as mercadorias. Nesse sentido, percebemos a fragmentação de uma estrutura que estava presente no momento da troca, a valorização do indivíduo pela mercadoria, implicando num duplo caráter social. Essa duplicidade pode ser analisada da seguinte forma: em um primeiro momento se tem uma “mercadoria” que raciocina e tem vontades que perpassam as suas possibilidades, de modo a necessitar de fontes para a sua subsistência. Em contrapartida, em um segundo

momento, “essa outra mercadoria” recebe um valor que lhe foi agregado por aquela que a construiu, e que na maioria das vezes a supera, se tornando supervalorizada.

O valor que é transportado para a mercadoria ocorre a partir do momento em que o indivíduo vende sua força de trabalho e se transforma em mercadoria. Para tanto, é indispensável um vínculo que interligue esse indivíduo à sua vida humana.

Marx nos indaga:

[...] não é o dinheiro o vínculo de todos os vínculos? Não pode ele atar e desatar todos os laços? Não é ele, por isso, também o meio universal de separação? Ele é a verdadeira *moeda divisionária* (*Scheidemünz*), bem como o verdadeiro *meio de união*, a força *galvano-química* (*galvanochemische*) da sociedade. (MARX 1982, p. 159).

O dinheiro tem uma dupla propriedade: a de um “deus” visível que é venerado por muitos e o de uma prostituta universal que está pronta para servir a quem quiser e desejar. Ele se torna a capacidade exteriorizada da humanidade, situação que possibilita o homem a inverter o seu papel na sociedade. Sob tais condições, o homem deixa suas características e qualidades sociais em segundo plano, passando a transformar os seus mais variados aspectos em contradições.

[...] Ele transforma a fidelidade em infidelidade, o amor em ódio, o ódio em amor, a virtude em vício, o vício em virtude, o servo em senhor, o senhor em servo, a estupidez em entendimento, o entendimento em estupidez. (MÉSZÁROS, 2011, p.36).

As ambiguidades estão expostas e suas variações podem descarrilar como um trem desgovernado no interior do indivíduo, transpondo forças que ficam fora de controle devido ao poder avassalador, prático do dinheiro.

2.5.2 A representação do dinheiro e seu poder

Balzac foi um autor que contribuiu para as reflexões sociológicas ao descrever e criticar o modo de vida burguês e, além de tudo, foi um dos poucos, senão o único, que conseguiu mostrar a influência do dinheiro nas relações sociais no desdobrar de suas ações, dramas e vivências na sociedade (LUKÁCS, 1965). Balzac apresentou o retrato da sociedade francesa do século XIX por meio de uma abordagem que pode ser denominada materialista com vistas a denunciar o caráter arrivista da época. Seus romances estão envolvidos em tramas que denunciam as características dos indivíduos que foram subjugados pelo dinheiro.

Ao analisar o romance *Ascensão e queda de César Birotteau*, por exemplo, verifica-se em seu enredo como o caráter de um comerciante, um perfumista, um homem de “honestidade ímpar” que, ao reconhecer o valor e o poder do dinheiro na sociedade, ambiciona conquistar um status social melhor, livrando-se do rebaixamento social a que estava condenado em função da sua condição de comerciante. Balzac apresentou vários caminhos para a “libertação” dos personagens do “fantasma dinheiro” no decorrer da narrativa (WEATHERFORD, 2000), mas o fantasma, em meio aos seus muitos mistérios, conseguia permanecer vagando em todos os lugares, como algo onipresente.

Em *Ascensão e Queda de César Birotteau* é retratada a escalada social de um homem e sua posterior derrocada. César Birroteau, um perfumista que consegue acumular fortuna e, com a intenção de conseguir mais prestígio e reconhecimento perante a alta sociedade, usa a sua fortuna acumulada para tais objetivos, não logrando êxito. Ao confiar seu dinheiro a terceiros, no entanto, sua riqueza se esvai e tenta reconquistá-la na justiça. A partir de então começa uma sucessão de perdas e quedas que o conduzem a uma vida medíocre, perdendo, por fim, a sua honra. De acordo com Balzac, este é o retrato de uma ambição desmedida e da cobiça pelo dinheiro fácil.

O papel desempenhado pelo dinheiro dentro de tais enredos e cenários pode ser melhor compreendido nas obras de Marx que, justamente, mostram como o dinheiro surge como um poder disruptivo e que faz com que qualquer indivíduo, ao ter contato direto com quantidades significativas de dinheiro, seja atraído pelos aparentes benefícios e se deixe envolver de maneira a corromper seu caráter e inverter seus valores morais e éticos. É acompanhando essa lógica de argumentação que, a partir dos fragmentos do romance *Ascensão e queda de César Birotteau*, verificaremos os fatos que transcrevem a ideia do dinheiro sobre o indivíduo.

Tudo começa quando Birotteau almeja fazer parte da alta sociedade parisiense. “[...] As grandezas serão sua perda. Você não ouve, ei-la a chegar, a nossa perda. Para representar um papel político, é preciso dinheiro; nós o temos?” Uma prudente advertência de sua esposa que ainda arremata: “[...] case nossa filha, venda a loja, vamos voltar para sua terra!” Birotteau conseguiu “sua fortuna” a duras penas. Uma fortuna, no entanto, que não lhe possibilitou um desfrute de um status social mais elevado. Antes, ao trabalhar com os Ragon, era explorado e comparado a um cão, confinado em seu canto (há referências similares no romance *Eugênia Grandet* da postura do “velho” Grandet em relação à criada Nanon).

[...] à noite seus pés encontravam-se dilacerados pelo duro solo da cidade, e seus ombros, partidos. Essa rude aplicação do **cada um por si**, o

evangelho de todas as capitais, levou César a achar a vida em Paris dura demais. À noite, ele chorava, lembrando sua Tours, onde o camponês trabalha à vontade, onde o pedreiro coloca sua pedra em doze tempos, onde a preguiça mescla-se sabiamente ao trabalho. (BALZAC, 2009, p.36) (grifos do autor).

Mesmo com os seus repentes de “consciência” de quem foi no passado, César Birotteau deu continuidade a seus planos e, mais tarde, casou-se, continuando sua empreitada para se manter burguês.

[...] Toda existência tem seu apogeu, uma época em que as causas agem em relação direta com os efeitos. Esse meio-dia da vida, em que as forças vivas equilibram-se e criam-se em todo seu brilhar, é comum não apenas aos seres organizados, mas também às cidades, nações, ideias, instituições, comércios, empresas, que, como os povos nobres e as dinastias, nascem, elevam-se e caem.

[...] A História, reafirmando as causas da grandeza e decadência de tudo o que existia no planeta, podia advertir o homem sobre o momento em que deve cessar o pleno jogo de todas as faculdades, mas nem os conquistadores, nem os atores, nem as mulheres, nem os autores ouvem a voz salutar. (BALZAC, 2009, p.63).

A vida parisiense impõe as suas vicissitudes a todos aqueles que se encontram enredados na busca pelo dinheiro, status e poder, com as idas e vindas dos indivíduos na desenfreada procura por seu “heroísmo”. Porém, os acontecimentos põem os homens em uma via de mão dupla, obrigados a enfrentar dilemas e a colocar a razão em segundo plano e, inversamente, as euforias e enganos da vida os direcionam para um caminho muitas vezes sem volta. As metamorfoses da vida estão em todo lugar. O homem é considerado, a um só tempo, sujeito/objeto. As coisas ganham valor inestimável e aquilo que se reduzia a uma mera relação de troca é modificada em valores de interesses egoístas.

O caráter humano e misterioso da arte de transformar e se transformar estava disseminado nas mentes mais perspicazes. César Birotteau, por exemplo, usava a natureza para fazer perfumes e outros produtos que serviram de degraus para sua acumulação e fortuna e, depois, de rampa para o seu deslize fatal, sua morte. É uma das evidências que o ser humano, por sua atividade, modifica do modo que lhe é útil a forma dos elementos naturais (MARX, 2013). Na obra de Balzac existem alguns exemplos desse poder advindo do homem, tais como: a pomada das sultanas para as mãos e a água carminativa para face com o objetivo de sumir com as espinhas indesejadas, o óleo cefálico, produto que prometia fazer crescer os cabelos, etc. “O dinheiro não tem ouvidos, ele não tem coração, ele não

distingue ninguém, ele invade o indivíduo e estimula aos mais escabrosos meios de tê-lo e mantê-lo, no dinheiro o homem se aliena numa coisa onipotente” (SILVA, 2012). Nos *Grundrisse*, Marx usa a metáfora Cristo-Dinheiro:

É importante notar que a riqueza enquanto tal, ou seja, a riqueza burguesa encontra a sua expressão mais dinâmica no valor de troca, posto como *mediador* e como vínculo entre ele mesmo e o valor de uso, chegados a seu ponto extremo. Este ponto, uma vez que une os contrários e em última análise parece uma potência superior e unilateral frente aos extremos, conduz necessária e dialeticamente ao seguinte resultado: *aparece como a sua própria mediação*, como o sujeito cujos momentos são extremos, dos quais suprime o caráter de pressupostos a fim de colocar-se a si mesmo, mediante tal supressão, como o único fator autônomo. Assim, na esfera religiosa, Cristo – mediador entre Deus e o homem e simples instrumento de circulação entre um e outro – se converte na unidade daqueles: homem-Deus, e como tal adquire mais importância que Deus; os santos adquirem mais importância que Cristo; os sacerdotes são mais importantes que os santos. (Marx, 2013) (grifos do autor).

A analogia e a comparação entre a divindade e o dinheiro nos fazem perceber que tal consagração ao meio que justifica os fins está em todos os âmbitos. O dinheiro determina e intermedia as relações entre os indivíduos, “ele é uma relação social convertida em uma coisa material dotada de poderes” (SILVA, 2012). Assim como já percebemos em algumas partes das obras de Balzac, destaquem-se mais alguns fragmentos que ressaltam o poder do dinheiro sobre o personagem/indivíduo.

Em *O pai Goriot*: quando Delphine conta ao pai que está presa ao marido pelo dinheiro e o “velho” Goriot diz:

[...] Saber que você está tranquila e feliz no que se refere ao dinheiro, esse pensamento aliviava todos os meus males e acalmava meus desgostos. O *dinheiro é a vida. A moeda faz tudo*. (BALZAC, 2011, p. 240) (grifo do autor)

Levou consigo tudo de valor que possuía, foi fazer algum tipo de tráfico que acabou esgotando suas forças. (BALZAC, 2011, p. 259)

O desespero do senhor Goriot no seu leito de morte: Oh, não quero mais estar doente. Elas ainda precisam muito de mim. Suas fortunas estão comprometidas. E a que maridos estão entregues! Precisamos curar-se! (Ai, que dor terrível, ai, ai) O senhor vê, é preciso curar-me, pois elas precisam de dinheiro e sei como ganhar. (BALZAC, 2011, p. 275)

O dinheiro compra tudo, até mesmo filhas. Oh, meu dinheiro! Onde ele está? Se eu tivesse tesouros para deixar, elas me medicariam, cuidariam de mim; eu as ouviria, eu as veria. (BALZAC, 2011, p. 277)

Ora, ainda sou perspicaz, nada me escapou, tudo seguiu seu destino e partiu meu coração. Eu via muito bem que tudo era fachada, mas o mal não tinha remédio. Não conseguia dizer nada. Além disso, algumas pessoas da

sociedade perguntavam ao ouvido de meus genros: “Quem é aquele senhor ali?”. “É o dono do dinheiro, é rico”. “Ah, diabos!”, exclamavam, e olhavam-me com o respeito que se deve ao dinheiro. (BALZAC, 2011, p. 278)

Em Ascensão e queda de César Birotteau:

Todos têm razão. Dinheiro! Dinheiro!”, gritava, para si mesmo, o perfumista pelas ruas, como fazem todas as pessoas engolfadas nessa turbulenta e fervilhante Paris, que um poeta moderno chamou de cuba. (BALZAC, 2009, p. 188).

Du Tillet, antigo empregado de Birotteau, diz: “Posso anular comercialmente este homem”, pensava, “tenho direito de vida e de morte sobre ele, sobre sua mulher que me enxotou, sobre sua filha, cuja mão me pareceu por algum tempo toda a fortuna. Tenho o dinheiro de que ele precisa, contentemo-nos, assim, a deixar esse pobre simplório nadar na ponta da corda que lhe estenderei.” (BALZAC, 2009, p. 206)

Claparon, o banqueiro, disse a Birotteau depois de uma pausa: golpes desse tipo demandam homens. Há o homem que tem ideias e nenhum centavo, como todos aqueles que têm ideias. Esse tipo de gente pensa e esbanja, sem prestar atenção em nada. Imagine um porco vagando por um campo de trufas! Ele é seguido por um gaiato, um homem de dinheiro, que fica aguardando o grunhido provocado pelo achado. Quando o homem de ideias encontra um bom negócio, o homem de dinheiro bate-lhe ao ombro e lhe diz: O que é isso? Você se mete na boca de um forno, meu bravo, sem ter fígado suficiente para isso; aqui estão mil francos, deixe esse negócio comigo. Bem! O banqueiro chama os industriais. Meus amigos, mãos à obra! Vamos explorá-lo! Morte ao embuste! Mintamos até a morte. [...] o público entra com o dinheiro e a receita fica em nossas mãos. O porco é enfim enfiado sob o telhado com algumas batatas e os demais chafurdam em dinheiro. Aí está, meu caro senhor. Entre nos negócios. O que o senhor pretende ser? Porco, peru, palhaço, milionário? Pense nisso: eu lhe mostrei a teoria dos empréstimos modernos. (BALZAC, 2009, p. 231-232).

Em A pele de onagro:

Nossa sociedade atual, último termo da civilização, distribuiu o poder conforme o número de combinações, e chegamos às forças chamadas indústria, pensamento, dinheiro, palavra. (BALZAC, 2008, p. 77).

Ai! Nunca nos falta dinheiro para os caprichos, só discutimos o preço das coisas úteis e necessárias. Esbanjamos dinheiro com dançarinas e regateamos com um operário cuja família espera faminta, o pagamento de um serviço. (BALZAC, 2008, p. 123).

- Bravo! – Replicou Taillefer. – Está compreendendo a fortuna, ela é um diploma de impertinência. Você é um dos nossos! Senhores, um brinde ao poder do dinheiro. O Sr. de Valentin, seis vezes milionário, chega ao poder. Ele é rei, pode tudo, está acima de tudo, como todos os ricos. Para ele, agora, *Os franceses são iguais perante a lei* é uma mentira inscrita na abertura da Constituição. Ele não obedecerá às leis, elas é que lhe obedecerão. Não há cadafalso nem carrasco para os milionários!

- Sim – replicou Raphael -, eles mesmos são seus carrascos. (BALZAC, 2008, p. 188).

Em Eugênia Grandet:

Os sovins não creem numa vida futura. O presente é tudo pra eles. Esta reflexão lança uma luz horrível sobre a época atual, onde, mais do que em qualquer outro tempo, o dinheiro domina as leis, a política e os costumes. [...] Chegar **per fas et nefas** (Por bem ou por mal) ao paraíso terrestre do luxo e dos vaidosos prazeres, petrificar o coração e macerar o corpo em busca de bens passageiros, como antigamente se suportava o calvário em busca dos bens eternos, eis o pensamento geral! [...] Quando essa doutrina tiver passado da burguesia ao povo, o que será do país? - Acabou, Sr.^a Grandet. (BALZAC, 2006, p. 88).

O dinheiro aparece como um agente ativo a transformar o ser humano em um ser excessivamente apegado a ele, descontrolado, levando-o ao esquecimento de seu valor real, de sua vida. O dinheiro se torna o dono de tudo, do status, da riqueza e do prestígio e que, a cada vez que é transferido para as mãos de outros, se modifica, desgastando o seu “dono” real a ponto de colocá-lo à beira de um precipício. Esse papel que o dinheiro representa na vida do ser humano, tal como um “sedutor”, fez com que todos os personagens das obras de Balzac aqui analisadas perdessem muito, e, na maioria das vezes, as próprias vidas.

“[...] O dinheiro faz assim de cada uma dessas forças essenciais algo que em si ela não é, ou seja, o seu contrário” (MARX, 2004, p. 160). César Birotteau foi à bancarrota quando pensou que seu leque de relações sociais e seus clientes eram bons pagadores. Sua relação com os banqueiros, madames e tabeliães geraram toda a tempestade pela qual passou por causa de sua ânsia de status que o dinheiro havia sinalizado. Em uma das partes de *Ascensão e queda de César Birotteau* observa-se que o desespero do protagonista foi ao seu extremo, induzindo-o a pensar em suicídio. Todos em derredor achavam que, por ele ser um homem de caráter, os problemas financeiros não o abalariam. Mas ocorreu o contrário, tal como Marx (2004) apontou nos *Manuscritos*, isto é, o dinheiro e o seu poder alteraram o caráter e a personalidade daquele homem inebriado pelas possibilidades abertas pelo próprio dinheiro.

A engrenagem movida pelo dinheiro e as consequências nefastas narradas em *Ascensão e queda de César Birotteau*, segundo Balzac, são ocorrências a mimetizar o que de fato afetava a sociedade francesa do século XIX. O enredo do romance, portanto, pode ser encarado como uma fábula das vicissitudes burguesas.

[...] “Quem sou eu no meio desta máquina?”, perguntou-se Birotteau, inteiramente aturdido pelo movimento daquela usina intelectual na qual se preparava o pão de cada dia da oposição, na qual se ensaiavam os papéis da grande tragicomédia representada pela esquerda. (BALZAC, 2009, p. 195).

A esquerda era representada pelos jornalistas sustentados pelos banqueiros e políticos. Seus padrões eram aqueles quem ditavam os improvisos e as sessões que seriam publicadas. Mais uma daquelas situações a merecer a denúncia de Balzac, pois os jornalistas de sua época, e até o próprio Balzac, que trabalhou nesse meio, eram coagidos a relatar apenas o conveniente aos olhos da sociedade. O dinheiro transformava o indivíduo de maneira a deixá-lo desfigurado. E não somente nesse sentido, ele também modificava o caráter, parte primordial do indivíduo em sua relação com a sociedade (pode-se constatar tal fato em todas as obras de Balzac aqui apresentadas).

Ao fazer-se uma conexão com *A ideologia alemã*, Marx nos mostra que a postura da classe dominante e suas ideias ditavam a expressão da “verdade”, na qual eram materializadas em figuras históricas específicas, pois o exercício da dominação apresenta “o real” segundo os seus interesses. Em paralelo, pode-se citar o posicionamento do protagonista César Birotteau encurralado por seus rivais, os banqueiros, que usam da imprensa para mascarar um “bote que estava próximo de acontecer da cobra sobre o lagarto”. O dinheiro como ferramenta assume um papel que transcende o que fora previsto na própria estruturação da sociedade capitalista. Seu valor de troca vem se transformando desde a época em que só estava presente o valor de uso, quando as relações econômicas ocorriam com o intuito crucial de suprir as necessidades dos indivíduos.

Ainda conforme os *Manuscritos* (2004), Marx salienta: “[...] O dinheiro, em virtude da propriedade de tudo comprar, de se apropriar de todos os objetos, é, conseqüentemente, o objeto por excelência” (MARX, 2004, p. 160). O mistério que está no dinheiro leva o homem a pensar que a apropriação dessa virtude de tudo comprar é o objetivo maior, alienando-se como um ser com intenções e posicionamentos egoístas, consistindo apenas em querer realizar os seus ideais. Esse caráter fetichista de querer obter o poder como algo materializado e, ao mesmo tempo espiritualizado, levou vários personagens, e de maneiras distintas, a expressarem o peso exercido pelo dinheiro na condução de suas vidas: Raphael de Valentim, Goriot, César Birotteau e o Sr. Grandet.

A certeza dos homens em pensar que, com dinheiro, tudo é possível, é, na verdade, uma incerteza que pode causar danos irreparáveis. O dano causado ao protagonista do romance *Ascensão e queda de César Birotteau* nos revela que, mesmo com sua falência nos negócios e sua morte após o rompimento de uma veia,

um segundo antes de se consumir o fato, Birotteau, em seu último suspiro, recebe a absolvição e sai de cena com sua honra intacta. Uma contradição.

É interessante ressaltar como as relações sociais entre os indivíduos eram fixadas, e ainda são, por interesses próprios de cada um, o que confirma a ideia de Souza (1998) acerca do exercício do poder por parte da classe dominante. O espírito do capitalismo também pode ser visualizado no dinheiro quando elevado a condição de um “deus”. Marx, por seu turno, nos revela que essa forma de pensar o dinheiro e, ao mesmo tempo, valorizá-lo, acaba por nos transformar em um tipo “insignificante de indivíduo” que se deixa alienar, se descontrolando de tal forma a se desconectar da natureza da qual fazemos parte, estranhando-se a si mesmo. O espírito que permeia a sociedade desde os primórdios é o que dita o modo como a sociedade vai caminhar, e isso implica numa série de situações que, se o indivíduo não souber lidar, acabará se envolvendo em problemas e situações que marcarão sua trajetória e ditarão seu futuro. Desse modo, o dinheiro é detentor de certas potencialidades gestadas e atizadas pelo adensamento social, com aspectos positivos ou negativos. De acordo com Balzac, o dinheiro, ao emergir com o capitalismo, abria possibilidades para poucos, e a maioria ficava em “desespero” na busca incessante a ocasionar lutas, desigualdade, misérias e até a morte.

Ao possuir o poder garantido e lastreado pelo dinheiro, o indivíduo sente-se investido de um poder quase desmedido. Um engano que, no desencadear das situações, logo o percebe como um mero veículo de acesso e que deve ser cautelosamente aplicado. Marx considera o dinheiro na forma de mercadoria. É o que nivela radicalmente e faz desaparecer toda a qualidade entre as mercadorias. O dinheiro é uma “coisa” que pode estar presente nas mãos de qualquer um, independentemente de cor, raça e até mesmo classe social. Porém, se não houver um controle sobre ele, o indivíduo deixa de ser o ditador das regras e passa a ser o escravo.

Balzac deu um grande destaque às representações do dinheiro na sociedade francesa de meados do século XIX muito em função do cenário que estava já estruturado em diferentes âmbitos da realidade: na política, na economia, na cultura, enfim, nas relações sociais de um modo geral. Essa energia conduzida pelo dinheiro transcende a linha do meramente ilusório e materializa-se nas próprias relações sociais. Tal poder é, na maioria das vezes, acessível apenas aos indivíduos que estão em situação social “mais favorável”. Como Marx (2004) salienta, se um

indivíduo não pode nada, não executa nada e, portanto, não consegue nada. O dinheiro é o norteador de todas as coisas. É o meio que justifica um fim. Se o indivíduo quer algo, mas não tem dinheiro, como pode ele executar esse feito se todos os meios que a sociedade capitalista impõe só podem ser realizados com o dinheiro? Marx reforça seu argumento ao dizer que “enquanto tal poder *inversor*, o dinheiro se apresenta também contra o indivíduo e contra os vínculos sociais” (2004, p.160). Então, somos nós os possuidores do dinheiro ou o dinheiro que nos possui?

O dinheiro não está disponível para todos e, paradoxalmente, é o que cada vez mais distingue os indivíduos no âmbito das relações sociais. Todas as transformações ocorridas ao longo da história nunca alteraram tanto a realidade social como a formação, o significado e o uso do dinheiro. O fato é que o advento do capitalismo trouxe o dinheiro com uma nova roupagem e, assim, firmou-se como um suporte primordial para uma nova dinâmica das relações sociais. O dinheiro, na visão de Marx, havia privado o mundo de seu valor próprio, tanto dos seres humanos quanto da natureza. O autor considera ainda que o dinheiro possa ser considerado a essência alienada do trabalho e da existência do homem. Uma essência que o domina, uma vez que ele a venera.

O uso do dinheiro não exige uma interação direta entre os indivíduos, como no âmbito de uma relação familiar, mas funciona como meio de ligação entre os seres humanos, independente do tempo e do espaço. Desse modo, o dinheiro torna-se um denominador comum que expressaria tudo em sua prática. Assim, “todas as diferenças entre as ‘mercadorias’ desaparecem diante do dinheiro, ele próprio, o nivelador radical, acabando com todas as distinções”². Mas o dinheiro também é uma mercadoria que pode cair nas mãos de qualquer um. Sua força social transforma-se em força privada dos particulares (MARX, 2013). É o dinheiro que possibilita a organização e a transformação na sociedade capitalista, confere o direito de ir e vir e de iludir quem são seus detentores. Usa-se o dinheiro como ele exerce a sua manipulação. Resultante de uma invenção social, ganha vida própria como todas as forças sociais. Enfim, o dinheiro tem vida própria (TRILLING, 1950) e, assim, cria e recria todas as possibilidades deslumbradas no mundo capitalista.

² Observações de Marx no texto de Shakespeare, *Timão de Antenas*. “O dinheiro, esse escravo amarelo constrói e desconstrói as vossas religiões, obriga a abençoar os malditos, a adorar a lepra branca; coloca os ladrões no banco dos senadores e confere-lhes títulos, homenagens e genuflexões. É ele que faz uma jovem noiva da viúva velha e gasta... Vamos argila danada, prostituta do gênero humano... (MARX e ENGELS, 1979).

Ao refletir-se acerca da relação dinheiro/mercadoria com base nos argumentos de Marx e Engels, um dos primeiros pressupostos de toda a história humana é, naturalmente, a existência de seres humanos vivos. Podemos distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo o que se queira. No entanto, os seres humanos começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse salto está condicionado pela sua constituição corporal. Ao produzirem seus meios de subsistência e existência, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material que, no capitalismo, estará comprometida em função da consciência humana poder ser corrompida. A expansão da sociedade burguesa trouxe consigo uma diversidade de meios que possibilitaram a sua estruturação, tais como os meios de troca, produção e relação social, como apontados por Marx & Engels em *O manifesto do Partido Comunista*:

A moderna sociedade burguesa, uma sociedade que desenvolveu gigantescos meios de troca e produção, é como o feiticeiro incapaz de controlar os poderes ocultos que desencadeou com suas fórmulas mágicas. (MARX e ENGELS, 1998, p.48).

Pode-se associar a essa ideia marxiana o modo como os diferentes personagens dos romances de Balzac aqui analisados estão enredados nas respectivas tramas. Na produção social de suas existências, os homens estabeleceram relações determinadas, necessárias e independentes de suas vontades. Muitas delas são direcionadas pela transformação do indivíduo em mercadoria e sua relação com as mercadorias. As coisas se convertem em pessoas e as pessoas em coisas. O mecanismo operado pelo dinheiro é quem interliga o homem a tudo, e a centralidade do próprio dinheiro é assumida por meio do crescimento contínuo de objetos alcançáveis. O dinheiro abre para o homem singular a chance à satisfação plena de seus desejos em um tempo mais curto, existindo a possibilidade de ganhar tudo o que é desejável. O dinheiro está entre o homem e suas vontades, ele é um mediador que, ao facilitar o alcance dos desejos dos homens, acaba por aumentar sua ilusão de que tudo que se queira seja mais fácil de alcançar. Como Marx ressalta:

A mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou das fantasias. Não importa a maneira como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência, objeto de consumo, ou indiretamente, como de meio de produção (MARX, 2013, p. 57).

Esse argumento aproxima-se do que Balzac já havia explicitado em suas obras, e a sua formulação destinava-se não somente a alertar a sociedade acerca das coerções exercidas por parte do poder dos dominantes, mas também para denunciar os problemas e os modos como as coisas ocorriam efetivamente. As classes sociais, os indivíduos e o dinheiro, como um todo homogêneo no âmbito de um mundo em processo acelerado de transformações, estavam alicerçados pela alienação destinada a maquiagem uma compreensão geral de todo o processo.

Segundo Lukács, Balzac retratou o “processo de transformação da literatura em objeto de troca em toda sua complexidade: do papel às convicções, às ideias, aos sentimentos dos escritores, tudo se transforma em mercadoria” (1965, p. 98). As coisas só têm vida poética enquanto relacionadas com os acontecimentos de destinos humanos. Por isso o verdadeiro narrador épico não descreve, mas narra o que elas assumem nas vidas humanas (LUKÁCS, 1965). Para Lukács, as contribuições literárias de Balzac abrem vastas possibilidades de conexão com os processos sociais em geral e suas transformações. Uma evidência a mais de tal fato é o modo como Balzac denuncia em *Ilusões perdidas* o mercado intelectual e sua degradação na sociedade burguesa.

[...] O mercado intelectual ilustrado por Balzac... [...] a transformação do espírito do capitalismo da mercadoria verifica-se diante dos olhos, como um fato novo, pleno de tensão dramática. [...] Lucien se transforma no decorrer do romance: um escritor obrigado a conformar-se com o fato de sua arte e suas convicções se reduzirem a mercadoria. (LUKÁCS, 1965, p.97).

Constata-se, portanto, que as contribuições literárias de Balzac, paradoxalmente, antecipam as percepções de Marx quanto ao entendimento do mundo burguês, onde o homem existe em função de “uma necessidade de posse” considerada abstrata e artificial. E, se abstrata, já que faz abstração do homem, é artificial, tornando “abstrato”, “artificial” e “alienado” equivalentes tanto em relação às necessidades como aos poderes (MÉSZÁROS, 2006). Segundo Rónai:

A parte mais importante do livro é o segundo episódio, as vicissitudes de Lucien em Paris, onde ele passa por uma série de ambientes. O dos jornalistas é aquele que leva Balzac a usar traços mais incisivos e as cores mais fortes, e lhe transforma as páginas numa sátira virulenta. (RÓNAI, 1978, p. 9).

O romance focaliza a produção jornalística ainda em estado nascente, e traça uma espécie de anatomia financeira da indústria editorial, bem como do fenômeno da grande imprensa e das ficções de massas. Além dos jornalistas, chamados de “negociantes de frases” e “espadachins das ideias e das reputações”, há uma descrição rigorosa no livro de vários tipos de livreiros, contratos, tráficos de influência, sistemas de benesses e modos de oscilação dos preços do prestígio pessoal, da folha de papel, dos gêneros literários e das posições políticas. Entretanto, a imprensa parece ser o assunto principal e tratado de uma forma extremante crítica e sarcástica, tendo Balzac se ocupando largamente durante a narrativa dos tráficos de influência e da corrupção. É como o próprio Rónai (1978, p. 9) se referiu: “[...] há nessa atitude uma convicção quase mística de que o jornalismo é uma verdadeira doença, que infecciona fortemente todos os que nele se metem”.

Na época de Balzac a imprensa nascia, o mercado e a mídia começavam o processo de influência no cotidiano dos indivíduos. A imprensa ia de par com o capitalismo e em conluio com os governos dos estados nacionais, expandindo o seu processo de desenvolvimento. Refletindo a respeito do papel da imprensa e da sua modificação por imposição e opressão dos detentores do poder (a burguesia e o Estado), ávidos em destacar aquilo que lhes convinha e, assim, apresentar e monopolizar o espaço de “liberdade” em sua mais complexa abrangência, pode-se dizer que *Ilusões perdidas* é uma obra dotada de diversidade de elementos que aparecem como um aparato coercitivo, com seus operadores, manipuladores e configuradores de um novo perfil humano, tal como explicado pelo personagem e *alter ego* de Balzac, Lousteau:

[...] Em Paris. Aqui há imposto pra tudo, vende-se tudo, fabrica-se tudo, até mesmo o sucesso. O segredo do êxito, meu rapaz, não está no trabalho, mas na exploração dos trabalhos dos outros. Os proprietários dos jornais são os empreiteiros das obras e nós somos os pedreiros. Quanto mais medíocre se for, mais rápido se alcança a meta, porque, caso necessário, se está disposto a engolir sapos, a ceder tudo, a adular as paixões dos pequenos sultões literários. Hoje ainda você tem escrúpulos, porque tem consciência, mas amanhã a sua consciência se curvará diante daqueles que lhe arrebatarem o sucesso. (BALZAC *apud* LUKÁCS, 1965, p. 98).

O jovem Lucien, o protagonista da trama, após perceber que somente o talento literário não seria suficiente para alcançar o sucesso tão almejado, vê-se obrigado a seguir os conselhos do experiente Lousteau: só o dinheiro e a intriga é que contam. Embora tal aconselhamento gere certo desencanto no jovem provinciano, é a absorção de tal princípio que lhe garante entrar no jogo como jornalista e, no futuro, talvez, tornar-se político de influência. Ao constatar certa semelhança na postura e nos modos de lidar com tudo e todos, é possível perceber

uma semelhança entre o personagem Lucien de Rubempré e a figura histórica de Luís Bonaparte. As ambições de ambos parecem ser o elemento de ligação entre ambos dentro de um contexto social a facilitar e incentivar o engodo e a trapaça. Como salienta Finot, personagem em *Ilusões perdidas*:

[...] Não conheço exemplos de uma fortuna tão rápida como a dele. – Em Paris, a fortuna é de duas espécies: há a fortuna material, o dinheiro que todo mundo pode amealhar, e a fortuna moral, as relações, a posição, o acesso a um certo mundo inabordável para determinadas pessoas, seja qual for sua fortuna material, e meu amigo... Ah, talvez se chame de sorte o destino de Bonaparte? (BALZAC, 2011, p. 505).

Assim como Balzac nos esquadrinha os caminhos e percalços de Lucien na sua ascensão, do mesmo modo, em um parágrafo e outro, o autor também acaba por nos revelar uma correlação entre o seu herói e a figura de Napoleão, aquele sobre o qual Marx discorreu em seu texto considerado de caráter mais político, *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. A narrativa de Balzac, dessa forma, trata dos meandros de um jogo social onde a falta de escrúpulos converte-se em regra para aqueles que almejam vencer.

[...] na vida dos ambiciosos e de todos os que só conseguem triunfar com a ajuda dos homens e das coisas, a graça a um plano de conduta mais ou menos bem concertado, seguido, mantido, chega um cruel momento em que não sei qual força os submete a duras provas: tudo falta ao mesmo tempo, de todos os lados os fios arrebentam ou se embaralham, a desgraça aparece em todos os cantos. Quando o homem perde a cabeça nessa desordem moral, está perdido. (BALZAC, 2011, p. 510).

O talento poético e a fraqueza humana de Lucien de Rubempré o reduz a um brinquedo nas mãos de todas as tendências e cenáculos literários. A senda capitalista aberta pelo processo revolucionário francês e pela era napoleônica ampliou-se a ponto de criar uma ilusão da existência de uma ponte acessível a todos para o sucesso e a ascensão social. Não somente no âmbito da esfera econômica, mas também em relação ao contexto social mais abrangente, tal possibilidade era uma inverdade, pois a imprensa e os intelectuais que estavam a ela associados recebiam um novo “modelo de divulgação” a partir da nova estrutura constituinte da lei requerente aos direitos, tal como salientado por Marx:

O inevitável estado-maior das liberdades de 1848, ou seja, liberdade pessoal, **liberdade de imprensa**, de expressão, de associação, de reunião, de ensino e religião etc. recebeu um uniforme constitucional que o tornou

inviolável. Cada uma dessas liberdades foi proclamada como direito *incondicional* do *citoyen* francês, cada uma, porém, dotada da nota marginal de que seriam irrestritas enquanto não fossem limitadas pelos “*mesmos direitos dos outros* e pela *segurança pública*”, ou por “leis” que visam mediar justamente essa harmonia de liberdades individuais entre si e com a segurança pública. Por exemplo: Os cidadãos têm direito de se associar, de reunir-se de modo pacífico e sem armas, de peticionar e expressar as suas opiniões por intermédio da imprensa ou como quer que seja. O gozo desses direitos não sofrerá nenhuma restrição, a não ser pelos mesmos direitos de outros e pela segurança pública (cap. II da Constituição francesa, § 8).

O ensino é livre. A liberdade de ensinar deve ser *gozada* nas condições fixadas em lei e sob supervisão do estado (Idem, § 9). (MARX, 2011, p.42) (grifos do autor).

Sobre o jogo político e social no qual se encontrava a sociedade francesa no período de 1848 a 1871, Marx analisa o caráter das revoluções burguesas ainda em processo e seus desdobramentos na ordem política e cultural. Nas brechas deixadas por uma burguesia em ascensão, o jogo político permite que um novo governante aproveite-se de uma situação ainda indefinida quanto a uma nova ordem social. As diferentes facções políticas e as oposições entre os distintos grupos sociais são deliberadamente embaralhadas e confundidas quanto a seus interesses no sentido de beneficiar um projeto pessoal que, por sua vez, atenderá aos anseios da classe em ascensão e fará valer seus próprios interesses como se fossem interesses gerais. O Estado converte-se em uma instituição centralizada e crucial para viabilizar o crescimento econômico e contemplar a burguesia em seu projeto de classe dominante.

É claro que não se anunciava desde o princípio essa meta, mas é o próprio Marx (2011) quem salienta: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”. Nesse aspecto podemos elencar a “particularidade” de Lucien em *Ilusões perdidas* ao pensar que, sob o império da sua própria vontade, conseguiria alcançar seus ideais. Embora ele desconhecesse, tais ideais não se efetivariam em função de o seu destino estar sob pressão e influências de forças sociais mais poderosas a determinar suas mais leves aspirações cotidianas.

Marx ressalta que o traçado das circunstâncias é que faz o presente e, que mesmo os homens se deparando com condições de existências legadas pelo passado, ainda assim eles são os únicos responsáveis pela transformação da sociedade e mudança de suas condições existenciais. Reafirmando que, para Marx, o homem sozinho não é o responsável pela construção de sua história, mas somente a conjunção de fatores leva-o a um desfecho histórico-social.

Pode-se tirar várias conclusões das narrativas escritas por ambos os autores, Balzac e Marx. Suas semelhanças quanto ao entendimento da sociedade capitalista saltam aos olhos, porém, em *Ilusões perdidas*, o dado a ser destacado é a acentuação do perfil dos personagens/indivíduos por Balzac e seus relacionamentos com a imprensa. Lucien mergulhou fundo em um oceano aparentemente desconhecido, o outro, o personagem de Marx, Luís Bonaparte, a usou como ferramenta a seu favor no jogo político, onde as intrigas aparecem como elemento central, dado o alcance e a abrangência da imprensa.

Houve vários movimentos de oscilação tanto da trilha de Bonaparte, em meio as ascensões e declínios da burguesia, quanto no caso de Lucien, quando os caminhos lhe foram postos e suas escolhas o levaram a se transformar em mera força de trabalho no plano intelectual. A imprensa, tal como representada por Balzac e explicitada na figura de Lucien de Rubempré, exagera o bem e minimiza o mal e não recua diante de um erro se dele tira algum proveito, além de desprezar o vício, se este pode lhe servir de degrau. Marx analisa o mesmo contexto centrado na figura de Luís Bonaparte quando a luta de classes na França criava circunstâncias e condições que permitiram um personagem medíocre e grotesco desempenhar o papel de herói.

Conforme destaca Silva (2012), “Marx foi vítima do jornalismo, perseguido até a época dos *Grundrisse*, por causa de seu estilo incisivo, implacável, de um escritor que nem a miséria o amedrontava”. Do mesmo modo ocorreu com Balzac, mas ambos conseguiram chegar a seus objetivos e igualmente os dois transfiguraram essas pressões em suas respectivas obras. Agregue-se a esses comentários a ideia marxiana da importância do papel do indivíduo na história, tal como estampado em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. Do mesmo modo, pode-se dizer que, para a perspectiva lukacsiana, toda a complexidade dos componentes sociais é expressa na trama das paixões pessoais e dos acontecimentos contingentes de modo desigual, complicado, confuso e não desprovido de contradições, conotando na vida de cada indivíduo em concretude com as determinações sociais.

CAPÍTULO III

3 INDIVÍDUO E SOCIEDADE

Pode-se compreender a existência de uma intrincada teia de relações na sociedade a envolver o homem, a mercadoria, a alienação e o dinheiro, onde o homem converte-se em eixo principal e os demais elementos como partes dele. A mercadoria e a alienação, bem como o dinheiro, entram como coadjuvantes, embora possam se transformar no “ator principal”, no elo a fixar o homem a essa necessidade de ter e ser reclamada pela sociedade. Poderíamos falar de cada um desses fatores e de suas influências, como já destacado nos capítulos anteriores, porém o momento é oportuno para apresentarmos como essa união ocorre em e com um único ser, o homem.

Na perspectiva marxiana, a riqueza das sociedades onde vige a produção capitalista apresenta-se, em um primeiro momento, como uma “imensa acumulação de mercadorias”, em objetos externos destinados a satisfazer as necessidades humanas, independentemente de sua natureza, seja para prover o estômago ou a fantasia (MARX, 2013). Nos romances de Balzac analisados em diálogo com as formulações de Marx, é possível verificar como o homem alienado não percebe sua transformação de valor de uso em valor de troca, além de sua condição de produzir valores de troca, ou seja, mercadorias. Nas obras de Balzac já estão destacados tais elementos. Personagens como Raphael de Valentin, Eugênia Grandet, o “velho” Goriot, César Birotteau, Lucien de Rubempré e o coronel Chabert, todos foram, de algum modo, afetados em suas respectivas tramas por esse intrincado de elementos a envolver a alienação, a mercadoria e o dinheiro.

Marx analisou a alienação em suas mais diversas formas, pois tudo o que acarretava uma fragmentação da vida e, por consequência, apartava o homem do mundo e de si mesmo, além das coisas que ele próprio criava, promoveu uma separação da consciência em relação ao entendimento da realidade como totalidade passível de apreensão. A alienação transformou o homem em um “autômato” ou em um “animal desnaturalizado”. Tudo que mergulhava o homem em uma espécie de sono do qual não parecia ser possível despertar, Marx remetia para o âmbito da alienação.

O jovem Marx encantara-se desde cedo com a percepção de que o homem, este ser concreto e natural, transformara e continuava transformando o mundo através de seu trabalho e de sua práxis, e que em um mesmo movimento transformara e continuava a transformar a si mesmo. A natureza, transformada pelo homem, “humanizara-se”, incorporara a sua face humana. O homem mudara literalmente a face da Terra, e para onde quer que olhemos, pode-se dizer, não poderemos mais deixar de enxergar a marca humana. Mas, ao mesmo tempo, ao lado deste comovente encantamento diante da capacidade humana de “transformar o mundo e de transformar a si mesmo”, Marx também encontrara a sua terrível sombra: a percepção de que este mesmo homem, neste ponto de sua análise multiplicado pela infinidade de indivíduos, também se perdera na história, se “desumanizara” e se “desnaturalizara”; em uma palavra, “se alienara” (da

natureza, de si mesmo e de suas próprias criações). A “alienação” (que tem em Marx o duplo sentido de “estranhamento” e perda de consciência) logo se tornaria o primeiro tema importante do jovem Marx – o seu objeto mais sistemático de reflexão na primeira fase de seus escritos. (BARROS, 2011, p. 14).

Esse processo de metamorfose pelo qual o homem passou, bloqueando a sua consciência por meio de uma corporificação de um objeto quase sem sentido e vulnerável às ações do mundo, pensados por Marx a partir de vários conceitos e elementos então aplicados em sua análise, podem ser encontrados nas narrativas de Balzac. O romance, na perspectiva lukacsiana, nos coloca diante da questão do “sentido da vida”, e a narrativa traz consigo um realismo que nos remete à “moral da história”, correspondendo às mudanças do mundo. As obras de Balzac aqui utilizadas para análise são expressivas quanto a essa postura complexa representada por cada personagem, pois apenas o exame de cada fragmento das obras pode nos aproximar da crítica que Marx formula em *O capital*. A partir do comportamento de cada personagem apresentado por Balzac em suas narrativas, e cada personagem enredado na vida cotidiana, é possível enxergar essa união intrincada de elementos: alienação, mercadoria, dinheiro, classe, etc.

Nas obras *Eugênia Grandet*, *Ascensão e queda de César Birotteau*, *O pai Goriot*, *A pele de onagro*, *Ilusões perdidas* e a novela *O coronel Chabert* é possível perceber como uma dada representação da burguesia³ e de seu modo de vida e, principalmente, a sua relação com o dinheiro, possibilitaram ao jovem Marx compreender as novidades do capitalismo e da classe burguesa como nova classe dominante. Aos olhos de Marx,

A burguesia desempenhou na história um papel eminentemente revolucionário. Onde quer que tenha conquistado o Poder, a burguesia destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas. Ela despedaçou sem piedade todos os complexos e variados laços que prendiam o homem feudal a seus "superiores naturais", para só deixar subsistir, entre os homens, o laço do frio interesse, as cruéis exigências do "pagamento à vista". Afogou os fervores sagrados do êxtase religioso, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades, conquistadas com tanto esforço, pela única e implacável liberdade de comércio. Em uma palavra, em lugar da exploração velada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, cínica, direta e brutal. A burguesia despojou de sua

³Entende-se por burguesia a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social, que empregam o trabalho assalariado, convertendo o médico, o padre, o poeta, o jurista, o sábio, o advogado, etc., a seus serviços (Nota de ENGELS para a edição inglesa de 1888).

auréola todas as atividades até então reputadas veneráveis e encaradas com piedoso respeito. Do médico, do jurista, do sacerdote, do poeta, do sábio fez seus servidores assalariados. A burguesia rasgou o véu do sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a simples relações monetárias. (MARX e ENGELS, 1998, p. 68).

As relações familiares tradicionais se dissolvem e se transformam em um jogo de interesses, e a burguesia é concebida como a classe social responsável por destravar todas as barreiras a encerrar os homens em um mundo fechado pela tradição. O dinheiro, dessa forma, aparece como um instrumento crucial a serviço daquela força social encabeçada pela burguesia. As possibilidades então vislumbradas pela burguesia podem ser mais bem interpretadas a partir das obras de Balzac devido às inúmeras faces frequentemente contraditórias de seus personagens, tal como ocorre na própria realidade (RÓNAI, 2012).

Para Marx, o dinheiro também é uma mercadoria.

Segundo essa aparência ilusória, uma mercadoria não se torna dinheiro somente porque todas as outras nela representam seu valor, mas, ao contrário, todas as demais nela expressam seus valores, porque ela é dinheiro. Ao se atingir o resultado final, a fase intermediária desaparece sem deixar vestígios. As mercadorias, sem nada fazerem, encontram a figura de seu valor, pronta e acabada, no corpo de uma mercadoria existente fora delas e ao lado delas. Ouro e prata já saem das entranhas da terra como encarnação direta de todo o trabalho humano. Daí a magia do dinheiro. Os homens procedem de maneira atomística no processo de produção social e suas relações de produção assumem uma configuração material que não depende de seu controle nem de sua ação consciente individual. Esses fenômenos se manifestam na transformação que gera a mercadoria equivalente universal, o dinheiro. O enigma do fetiche dinheiro é, assim, nada mais do que o enigma do fetiche mercadoria em forma patente e deslumbrante. (MARX, 2013, p. 117).

As mudanças operadas nos indivíduos nos remetem para o início do processo que atingiu as relações pessoais, os cenários, as relações de troca, os pensamentos, os ideais, etc. Na novela *O coronel Chabert* é perceptível a praticidade com que a sociedade burguesa maneja e opera suas ferramentas para a efetivação da violência simbólica e da exclusão social. A “morte” do coronel e sua reivindicação para retornar à sociedade sinalizam não só a inviabilidade da sua velha existência, mas também a inutilidade dessa existência em função dos interesses em jogo. O mundo comandado pela burguesia tornava-se cada vez mais acelerado.

Para um entendimento mais abrangente das mudanças implementadas pelo mundo burguês e da exploração do homem em suas diferentes dimensões, pode-se afirmar que a ordem burguesa foi instaurada na medida em que a violência simbólica impôs-se como uma força coercitiva em correspondência direta com a ordem material a separar e subordinar diferentes grupos sociais, tal como é possível perceber nas obras de Balzac. Os heróis problemáticos de Balzac são indivíduos dominados que não se opõem ao seu opressor, já que não é possível a percepção da própria dominação. Ocorre justamente o inverso, ou seja, o próprio oprimido considera a sua situação natural e inevitável. As concepções de mundo, as ideias e as práticas são carregadas a partir dos interesses dos dominantes, e os dominados, por seu turno, ignoram esse processo de produção e circulação de valores com a crença ingênua de que tais valores e ideias sustentam-se a si mesmas. A relação de dominação não é percebida como uma relação de coerção quando o mais forte impõe seu poder, as regras, a moral e seus costumes aos mais fracos. As instituições políticas, sociais e culturais, vale notar, em muito contribuíram no sentido de reforçarem essa visão homogeneizadora de valores, como se abarcando de maneira totalizadora o conjunto dos indivíduos. E é precisamente neste sentido de articular a dimensão simbólica ao aparato material de dominação entre grupos sociais que Bourdieu faz referência quando alude a um “poder simbólico”.

O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo, poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma “illocutionary force” mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. (BOURDIEU, 2007b, p. 14-15).

O conjunto de mecanismos de conservação e reprodução da estrutura de dominação não permite muitas opções de escape para os indivíduos aí envolvidos, verdadeira espécie de “camisa de força”. Em *Ilusões perdidas*, a “liberdade” de Lucien de Rubempré é coibida por seus desejos e pressões sociais, oriundas de seu contato com o jogo do poder. As decisões tomadas, seus pensamentos e suas ideias deveriam estar de

acordo com o percurso previamente traçado. O movimento a ser feito e as mudanças repentinas faziam parte de um contexto social em acelerado processo de transformação, pois a satisfação das necessidades humanas ocorre numa forma alienada do eu, descrito como uma criatura egoísta por natureza.

A constante busca por poder e prazer presente nas narrativas de Balzac, principalmente quando consideramos o personagem Raphael de Valentin em *A pele de onagro*, faz parte de um mundo social já governado pelo modo de vida burguês. O círculo se fecha na medida em que o personagem cada vez mais com a possibilidade de tudo possuir, porém,

[...] o enriquecimento do sujeito físico, sozinho, é o enriquecimento da mercadoria humana, que é um “ser **desumanizado** tanto **espiritual** quanto corporalmente. A luta contra a alienação é, portanto, aos olhos de Marx, uma luta para resgatar o homem do estado no qual “a expansão dos produtos e das carências o torna escravo **inventivo** e continuamente calculista de desejos não humanos, requintados, não naturais e **pretensiosos**. [...] o sentido de ter, segundo Marx, é materializada de uma forma alienada como a universalidade do dinheiro. (MÉSZÁROS, 2006, p. 163).

Essas considerações de Mézaros (2006) acerca das necessidades gerarem poder e os poderes produzirem necessidades, faz com que tais vontades levem o indivíduo a criar expectativas para compreender a complexa dialética do mundo capitalista e as suas relações sociais. É importante dizer que a condição humana proporcionou a solidificação e fixação do capitalismo, enquanto o próprio capitalismo, segundo Mézaros (2006),

Ao invés de ampliar a gama de capacidades efetivas do indivíduo, o desenvolvimento capitalista termina restringindo e negando também as potencialidades da humanidade (MÉSZÁROS, 2006, p. 258).

Marx, ao ter contato com as obras de Balzac, pôde perceber com maior clareza as mudanças bruscas e constantes pelas quais a sociedade estava passando e que afetavam diretamente o indivíduo. Desse modo, procurou abordar os seus próprios dilemas analíticos quanto ao entendimento de suas concepções acerca da sociedade capitalista. O autor de *O capital* sentiu na própria pele as angústias implicadas na sua análise a ponto de, antes de entregar o primeiro volume da sua maior obra aos editores, ter insistido com Engels para ler o conto *A obra-prima ignorada*, de Balzac. Marx dizia que a narrativa era uma pequena obra-prima “repleta da mais fina ironia”. Não se sabe se Engels leu. Porém, se assim o fez, percebeu a ironia. A novela narra as pretensões de um pintor, Frenhofer, de pintar um

quadro destinado a revelar a realidade em minúcias, a despeito da sua consciência do caráter representacional da própria pintura. Quando, finalmente, o quadro é revelado a um de seus discípulos e a um jovem pintor iniciante, estes ficam espantados e atônitos ao ver uma variedade de pinceladas dispostas de maneira aleatória e sem sentido algum em termos de uma pintura figurativa.

Ora, ao atentarmos para o enredo da novela, é possível constatar certa aproximação entre o empreendimento de fôlego por parte de Marx com o do pintor Frenhofer.

Nada em minha tela! – exclamou Frenhofer, olhando alternadamente para os dois pintores e o quadro. — Que fez você? – perguntou Porbus em voz baixa a Poussin. O velho segurou com força o braço do rapaz e disse-lhe: — Você nada vê ali, tolo! Patife! Canalha! Tratante! Para que veio então aqui? Meu bom Porbus – e continuou, virando-se para o outro pintor –, será que você também se diverte às minhas custas? Responda! Sou seu amigo. Diga, por acaso arruinei meu quadro?

Porbus, indeciso, não se atreveu a falar; porém, a ansiedade estampada na face lívida do ancião era tão comovente que ele apontou para a tela e disse:

— Veja! Frenhofer contemplou seu quadro um instante e cambaleou:

— Nada! Nada! E dediquei-lhe dez anos de trabalho!

Desabou na cadeira e chorou.

Após escorraçar os dois homens de seu estúdio, Frenhofer queima todas as suas telas e se mata. (BALZAC, 2012, p. 36).

Paul Lafargue dizia que a narrativa de Balzac “causou-lhe grande impressão porque em parte era uma descrição dos seus sentimentos”. Marx trabalhou por muito tempo em sua própria “obra-prima ignorada”. E, ao longo desse período, que só se prolongava, a resposta era sempre a mesma, idêntica à de Frenhofer, para aqueles que lhe pediam para ver o andamento do trabalho: “Não, não! Ainda preciso ajustar algumas coisas, dar alguns retoques. Sempre penso que terminei, mas quando dou uma última olhada, percebo que falta algo”.

Em 1846, quando se esgotou o prazo para entrega do livro, Marx escreveu a seu editor alemão:

Não permitirei que o publiquem sem que eu o revise uma vez mais, tanto no que concerne ao tema quanto ao estilo. Sem mencionar que um escritor que trabalha ininterruptamente não pode, ao fim de seis meses, publicar palavra por palavra o que escreveu seis meses antes. Doze anos depois, ainda longe de finalizar o trabalho, explicou que “tudo se desenrola com extremo

vagar porque, tão logo se inicia a apresentação final de temas a que se dedicaram anos de estudo, eles revelam novos aspectos e demandam reflexões mais profundas”. Perfeccionista obsessivo, Marx estava sempre em busca de novas nuances em sua paleta, estudava matemática, observava o movimento dos corpos celestes, aprendia russo por conta própria para ler livros sobre o sistema agrário daquele país. (WHEEN, 2007, p. 09).

Ou, para citar Frenhofer mais uma vez:

Ai de mim! Por um instante acreditei que minha obra estivesse concluída; mas seguramente me enganei em alguns detalhes e não descansarei enquanto não dissipar minhas dúvidas. Estou decidido a viajar. Em busca de modelos, visitarei a Turquia, a Grécia e a Ásia, a fim de comparar meu quadro com as mais variadas formas da natureza. (BALZAC, 2012, p.30).

O que houve para Marx lembrar-se de Balzac, de sua narrativa, no momento em que se preparava para apresentar sua maior obra? Por acaso teria ele medo de também ter realizado um árduo trabalho destinado a tornar-se ininteligível aos olhos de todos? A personalidade de Marx era cheia de uma “furiosa confiança e angustiante hesitação”, por isso, antes de receber as críticas, alertou no prefácio:

Presumo, naturalmente, a existência de leitores que desejam aprender algo de novo e queiram, portanto, também pensar por conta própria”. Porém, o que mais espanta acerca de sua identificação com o criador da obra-prima ignorada é o fato de Frenhofer ser um artista – não um estudioso de economia política ou filósofo, tampouco um historiador ou polemista. A “mais fina” ironia de todas na *Obra-prima* é que a tela mencionada por Balzac é a descrição perfeita de uma pintura abstrata do século XX – e o fato de seu criador ignorar isso simplesmente aprofunda a ressonância. “A questão é que onde uma época vê apenas caos e incoerência, outra, posterior ou mais moderna, pode descobrir significado e beleza”, escreve Berman. (WHENN, 2007, p. 10).

Nesse sentido, a própria incompletude da obra mais pretensiosa de Karl Marx pode estabelecer mais intersecções com o nosso tempo do que a mais acabada obra do século XX. *O capital* ultrapassa, assim, as obras bem-acabadas do século de Marx. Como Frenhofer, Marx era um modernista a frente de seu tempo, ele se via como um artista criativo, um poeta da dialética. Mesmo com defeitos, segundo ele, seus escritos tinham um todo artístico.

Se o romantismo é, como Marx reconheceu nos *Grundrisse*, a crítica à sociedade burguesa em nome de uma plenitude passada, Balzac é, evidentemente, um romântico. Marx nutria verdadeira veneração por Balzac. *O capital*, assim como a correspondência com

Engels, contém referências às intuições profundas do romancista francês. Sobre o tema, há ainda o depoimento revelador de Paul Lafargue: “Seus romancistas preferidos foram Cervantes e Balzac”. Uma admiração compartilhada com Engels que, em uma famosa carta endereçada à escritora inglesa Margaret Harkness, de abril de 1888, propõe:

Balzac, que acredito ser um mestre do realismo infinitamente superior a todo e qualquer Zola, do passado, do presente ou do futuro, oferece-nos, em sua *Comédia Humana*, a mais maravilhosamente realista história da sociedade francesa, descrevendo [...] a pressão cada vez maior que a burguesia ascendente exerceu sobre a nobreza restaurada em 1815 [...]. Ele descreve como os últimos resquícios dessa sociedade, a seu ver, exemplar, sucumbiram, pouco a pouco, diante da intrusão do *parvenu* vulgar da finança, ou foram por ele corrompidos [...]. Aprendi mais [com Balzac], mesmo no tocante a detalhes econômicos (por exemplo, a redistribuição da propriedade real e pessoal após a revolução), do que em todos os livros de historiadores, economistas e estatísticos profissionais da época, tomados em conjunto. Sem dúvida, em política, Balzac foi um legitimista; sua grande obra é uma perpétua elegia a deplorar a irremediável decomposição da alta sociedade; suas simpatias se dirigem para o lado da classe condenada a morrer. Mas, apesar disso, sua sátira nunca é mais mordaz e sua ironia mais amarga do que quando põe em cena esses aristocratas [...]. (ENGELS).

Engels atribui tal lucidez de Balzac ao que chama de “triunfo do realismo” sobre seus “preconceitos políticos”, mas podemos também nos perguntar se, como ocorre com Carlyle, tal lucidez não estaria “estritamente associada” a essa nostalgia do passado. Sua ironia amarga no que toca à aristocracia de sua época não seria, assim, inspirada exatamente pela evidência de sua corrupção pelo dinheiro burguês? (MARX e ENGELS, 1979).

As obras de Marx e Engels trazem em seu conjunto a relação entre arte, política e sociedade, um tripé a partir do qual a obra de Balzac também se constituiu e para o qual forneceu uma resolução literária específica. A contradição entre o escritor reacionário e a obra revolucionária se resolve quando observamos o método utilizado por Balzac, um método assentado fundamentalmente na observação do meio como condicionante dos acontecimentos da realidade. E foi nesse sentido que a sua obra conseguiu apreender de um ângulo inusitado a ascensão da burguesia. “Do dinheiro elevado como o elemento primário das relações entre os homens – que dá o sentido revolucionário à obra de Balzac, que já foi considerada como correspondente na literatura, a *O capital* de Karl Marx” (LUKÁCS, 2011).

Engels constata essa afirmação em uma de suas cartas a Marx:

[...] que Balzac tenha sido forçado a ir ao encontro de suas próprias simpatias de classe e de seus preconceitos políticos, que tenha visto a inelutabilidade da queda de seus aristocratas queridos e que os tenha descrito como indignos de melhor sorte; que tenha visto os verdadeiros homens do futuro apenas onde se podiam encontrar, na época, isto eu considero um dos maiores triunfos do realismo e uma das maiores particularidades do velho Balzac.

Ao passo de figurar as relações sociais, Balzac delineou o que estava por vir, tal como analisado por Marx. As mazelas produzidas pelo capitalismo tendiam a espraiar-se por toda a sociedade e atingir todos os indivíduos. A busca por sobrevivência e por um espaço em um ambiente social em acelerado processo de transformação fez com que as representações sociais se convertessem em um fim em si mesmo, não como um meio. Tal como Goffman (1999) alerta:

[...] às vezes agirá de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter. Outras vezes, o indivíduo estará agindo calculadamente, mas terá em termos seletivos, pouca consciência de estar procedendo assim. Ocasionalmente, expressar-se-á intencionalmente porque a tradição de seu grupo ou posição social requer este tipo de expressão, e não por causa de qualquer resposta particular (que não a de vaga aceitação ou reprovação), provavelmente seja despertada naqueles que foram impressionados pela expressão. (GOFFMAN, 1999, p. 15).

Nas obras de Balzac aqui analisadas é possível perceber toda essa determinação apontada por Goffman quanto às posturas sociais representadas pelos indivíduos. O homem já não faz as coisas pelo seu prazer, mas as faz por algo em troca, em função de interesses pessoais. Raphael de Valentin, Lucien de Rubempré, César Birotteau, Goriot, todos esses personagens estavam envolvidos e enredados pelo capitalismo em ascensão. Seus modos, seus costumes, seus estilos, enfim, eram direcionados para a aquisição ou o alcance de status e poder.

A sociedade burguesa da qual esses personagens faziam parte estava embriagada por uma diversidade de máscaras e sentidos que norteavam os indivíduos para os fins mais obscuros, egoístas e traiçoeiros. Uma gama de representações destacada por Balzac por meio de protagonistas tais como os acima citados que lograram um fim trágico, sem poderem usufruir por uma consciência de si e tendo que encenar seus papéis até a morte.

Ao observar-se as obras *O pai Goriot*, *A pele de onagro* e *Ascensão e queda de César Birotteau* nos momentos em que os protagonistas estão prestes a morrer, é possível constatar como a morte é encarada como algo que não deveria estar ali naquele momento. A surpresa os faz refletir e rever em alguns instantes tudo o que fizeram e como poderiam ter feito e, por fim, reconhecem a “verdade” dos fatos ocorridos. A transformação dos valores tal como destaca nos romances de Balzac, desde o processo feudal até a desvalorização do homem em detrimento do poder do dinheiro, foi verificada com riqueza de detalhes por Marx, conforme analisado por Mészáros (2006):

Marx, após analisar a individualização e a personificação feudal, em contraposição ao estado posterior em que “somente a bolsa do homem se liga à propriedade, não seu caráter”, afirma que é necessário que a falsa aparência de unidade seja abolida, “que a propriedade fundiária, a raiz da propriedade privada e se torne *mercadoria*”. (MÉSZÁROS, 2006, p. 127).

Em *O capital*, Marx nos apresenta não somente um viés econômico amplo da estrutura do capital em si, mas também nos mostra as categorias que expressam as relações sociais histórico-concretas, o modo pelo qual em uma determinada etapa de sua evolução os homens dominam a natureza e criam novas e cada vez mais complexas formas de sociabilidade, uma relação histórico-social entre os homens. As relações sociais, em conjunto com as necessidades dos homens, nos mostram que as mudanças repentinas e percebidas por muitos como algo mágico e corruptível está nos detalhes das obras de Balzac desde o início. Por exemplo, o enredo de *A pele de onagro* que apresenta Raphael de Valentin como uma vítima da ambição demoníaca desenfreada do “Absoluto” sob a forma do desejo, da beleza e do conhecimento, buscando satisfazer um momento da vida. Quando Raphael de Valentin pergunta ao ancião sobre o seu olhar de ironia ao vê-lo contemplando a “pele mágica”, ele responde:

- Não sei responder. Ofereci o terrível poder que esse talismã confere aos homens dotados de mais energia do que você parece ter; porém, mesmo escarnecendo da problemática influência que poderia exercer sobre o futuro, nenhum deles quis arriscar-se a firmar esse contrato fatalmente proposto por não sei que força. (BALZAC, 2008, p.57).

Os primeiros objetivos de Raphael de Valentin depois de receber o talismã como consumação do pacto eram o prazer, a riqueza e a ascensão social, desejos almejados embora não conquistados efetivamente, um problema para os pretensiosos oriundos do capitalismo em expansão. As reações individuais estavam sendo escancaradas por parte daqueles que a analisavam e percebiam as mudanças nos comportamentos e movimentos realizados por cada indivíduo, que buscavam viver em conformidade com as classes

dominantes. A partir do envolvimento de cada indivíduo com essa lógica, podemos observar que suas vidas mudam. Em outro momento do enredo, ao sair da loja, Raphael de Valentin encontra-se com três rapazes que estavam à sua procura para levá-lo a uma festa, tal qual ele desejara. O dono da casa é Taillefer, homem riquíssimo que, para tal, não hesitou em assassinar pessoas, e que reaparece em outro romance de Balzac, *O pai Goriot*. Ele é o pai de Victorine Taillefer, uma moça rejeitada que perdeu a mãe e, por misericórdia da Sr.^a Couture (parente distante de sua mãe), viúva e pensionista, levava a moça à igreja para amenizar o sentimento de rejeição. Em *A pele de onagro*, o jantar oferecido na casa de Taillefer era uma verdadeira abundância: excesso de comida, de bebida, de riqueza e de mulheres que logo revelam o cinismo desencantado de uma prostituta, Aquilina:

O futuro? — respondeu [uma delas], rindo [à pergunta de Emílio, amigo de Raphael]. — Que é que chama de futuro? Por que hei de pensar numa coisa que ainda não existe? Nunca olho para trás nem para diante de mim. Já não é bastante ter de me ocupar com o dia inteiro numa vez só? Além disso, o futuro já conhecemos, é o asilo. (Balzac, 1992, p. 88).

A festa mostra uma faceta da sociedade pela qual Raphael de Valentin ansiava por ser aceito, e que alguns aprovam e outros reprovam. “[...] A embriaguez, o amor, o delírio e o esquecimento do mundo estavam nos corações, nos rostos, nos tapetes, expressos pela desordem” (p. 88). Nos romances aqui analisados, verificam-se todos os indícios deixados pelo autor de que seus enredos, a partir de determinados personagens, continuarão em outro momento em outras obras. A situação daquele personagem que desaparece ou é apresentado pela primeira vez ao leitor como um parente, ou por fazer parte apenas de uma cena, ou serve de transição, como Vautrin ou Eugéne de Rastignac em *O pai Goriot*, poderiam ter um momento para si, mas que são acrescidos para demonstrar que as mudanças sociais podem colocar os indivíduos em situações distintas. A variação ocorrerá a partir de suas relações sociais.

Ainda em *A pele de onagro* pode-se destacar a personagem Fedora, uma mulher de coração endurecido ou até sem coração como o protagonista, Raphael de Valentin. É ela o tema da segunda parte do romance, tema retomado por algumas vezes por Balzac, especialmente em *A duquesa de Langeais*. Fedora compõe mais um dos tipos de personagens que o escritor retrata: a mulher coquete e fria. Assim que a encontra, Raphael de Valentin apaixona-se, e ela aceita a companhia e as visitas do rapaz até que, certa noite, depois de voltarem do teatro, confessa ao seu novo pretende que a sua fortuna vem tentando alguns rapazes.

Tenho recebido declarações de amor capazes de satisfazer o meu orgulho; encontrei homens cuja afeição era tão sincera e tão profunda que se casariam comigo, mesmo que eu não fosse mais que uma moça pobre como outrora. Recebo constantemente Sr. de Valentin propostas de novas riquezas e novos títulos; mas fique também sabendo que nunca tornei a ver as pessoas que tiveram a infeliz inspiração de me falar em amor. (BALZAC, 2008, p. 133).

Suas palavras soavam como as de um advogado de sangue frio, seu timbre de voz claro e sedutor não transmitia nenhuma emoção, apenas sua fisionomia e maneira decente e nobre pareciam assumir alguma indiferença e segura diplomática.

Ela, sem dúvida, arquitetou suas palavras e organizou todo um plano daquela cena. “Oh! Meu caro amigo, quando certas mulheres sentem prazer em nos despedaçar o coração, quando se decidem a enterrar nele um punhal e girá-lo dentro da ferida, tornam-se adoráveis [...]” (Balzac, 2008, p. 133). Fedora Ihe foi apresentada por Rastignac em dezembro de 1829, isto é, seis anos depois da data que marca o início da trama em que Rastignac aparece como protagonista em *O pai Goriot*. Eugênio de Rastignac pertencia à nobreza empobrecida, como Raphael de Valentin, e é o responsável pela introdução de deste na sociedade parisiense, conseguindo se firmar e usufruir dos prazeres mais breves servidos a ele. Impressiona Raphael de Valentin por sua experiência e pela opulência que conquistara com sua habilidade:

“Os imbecis” — exclama Rastignac - chamam esse ofício de fingir; os moralistas o prescrevem sob o nome da vida dissipada; não nos detenhamos nos homens, interroguemos os resultados. Você trabalha, não é mesmo? Pois bem, nunca conseguirás nada. Quanto a mim, que posso fazer tudo e não trabalho, que sou preguiçoso como uma lagosta, conseguirei tudo. Comunico-me, mexo-me, e oferecem-me um lugar; gabo-me, os outros creem em mim, contraio dívidas, os outros pagam! A dissipação meu caro é um sistema político. [...] O dissipador, ao contrário, diverte-se em viver, em fazer de correr seus cavalos. [...] Conhecendo as engrenagens do mundo, ele as manobra em seu proveito. (BALZAC, 2008, p. 120-1).

Com esse mesmo discurso cínico e pretensioso, que também corroboram suas últimas palavras no desfecho de *O pai Goriot*, quando, do alto do cemitério, lança seu desafio a Paris (“- Agora é entre nós dois”) com o firme propósito de adentrar àquela sociedade, Rastignac parece ter convencido Raphael. Mais adiante, em *A pele de onagro*, vamos encontrar Raphael de Valentin no quarto de Rastignac esperando o amigo e refletindo:

- A vida de dissipação a que resolvera entregar-me surgiu de maneira singular diante de meus olhos, expressa pelo quarto onde [...] *a opulência e a miséria misturavam-se com toda a naturalidade no leito, nas paredes, em toda parte. [...] Era o quarto de um jogador cujo luxo é exclusivamente pessoal, que vive de sensações e não se preocupa muito com as incoerências.* (Balzac, 2008) (grifos meus).

A vida mostrava-se com adereços, imprevista e incompleta, como é na “realidade”, mas viva, mágica e fantástica. Aqui uma análise sócio-psicológica pode apontar para uma evolução de Rastignac dentro da *Comédia humana* quando da relação entre o seu quarto e dos objetos aí contidos, assinalando a integração entre o indivíduo e seu meio. Do mesmo modo, Raphael de Valentim levou às últimas consequências a relação entre meios e fins para atingir seus objetivos e que, ao fim e ao cabo, o fizeram agir e se envolver com a natureza e viver como um morto-vivo, abandonado por Fedora, a encarnação da sociedade que lhe havia encantado.

A sociedade, o mundo, nossos hábitos, nossos costumes, visto de perto, revelaram-se o perigo de minha crença inocente e o quanto eram supérfluos meus ardentes esforços. Essas provisões são inúteis ao ambicioso. Deve ser leve a bagagem de quem persegue a fortuna. O erro dos homens superiores é desperdiçar a juventude buscando serem dignos de favor. Enquanto os pobres acumulam força e ciência para carregar sem esforço o peso de um prestígio que os evita, os intrigantes, cheios de palavras e desprovidos de ideias, vão e vêm, surpreendem os tolos e alojam-se na confiança dos semitolos; aqueles estudam, estes marcham, aqueles são modestos, estes são ousados, o homem de gênio clã seu orgulho, o intrigante exhibe o seu e necessariamente obtém sucesso. Os homens de poder têm tanta necessidade de acreditar no mérito pronto, no talento desavergonhado, que é uma infantilidade o verdadeiro sábio esperar recompensas humanas. (BALZAC, 2008, p. 110).

As ações dos homens, ao se depararem com suas necessidades cotidianas, os fazem representar e enfrentar os diversos tipos de violência, inclinando-se a uma dissolução, em maior ou menor grau, e afastando-se da vida comum da qual fazem parte. Afinal de contas, tal como Balzac figurou em seus romances e Marx confirmou em suas análises, a política é uma atividade voltada para interesses de grupos sociais específicos e, por conta disso, não há espaço para os fracos. Uma das principais concepções presentes no *Manifesto do partido comunista* é justamente quando Marx deixa claro que a consciência dos homens muda conforme as mudanças em sua condição material de vida.

O interesse de Marx pelas obras de Balzac também pode estar relacionado com o fato de o mundo burguês, tal como ali representado, ter desmentido o paradigma do pensamento hegeliano, pois, com o materialismo histórico e dialético, o surgimento da classe burguesa revela os poderes que os homens podem mobilizar no sentido de criar, construir e fabricar a sua própria realidade por meio do trabalho, e não somente pelo pensamento. Em seu método, Marx salienta a importância das relações sociais como tributárias diretamente dos grupos sociais implicados nos meios de produção. Nesse sentido, uma ruptura de uma tradição intelectual é promovida na medida em que o ponto de partida para a transformação da sociedade deixa de centrar-se no indivíduo. Para o pensamento marxiano, não há transformação se não houver mudança nas relações sociais engendradas a partir das forças produtivas. As categorias econômicas e filosóficas, dessa forma, são apenas representações para uma apreensão de uma dada realidade concreta. Quando o homem produz mercadorias, também produz ideias, pensamentos ou, em outras palavras, “produzem categorias (tais como trabalho, ideologia, alienação etc.), que nada mais são do que as representações das relações sociais. Essas categorias são produtos históricos e transitórios” (MELO 2014).

Marx desvela o modo como os homens são construtores de sua própria história. Enquanto autores, modificam conscientemente a si próprios e a natureza por meio do trabalho. Nesse contexto, os indivíduos são simultaneamente sujeitos de sua própria história, mesmo estando limitados objetivamente pela realidade que os cerca. Alguns dos elementos que norteiam uma história de vida humana podem ser vistos nas obras de Balzac, tais como: o poder, o prazer, o dinheiro, as relações sociais, as classes, a sociedade, a imprensa, a exploração, enfim, uma diversidade de detalhes que nos remetem para um contexto histórico.

A imensidão de um projeto que abarca, a um só tempo, a história e a crítica social, a análise de seus males e a discussão de seus princípios, Balzac, em suas obras, retratou determinados momentos históricos onde personagens representam uma dada realidade delineada por desejos e entraves então forjados por uma sociedade que emergia.

Como o próprio Marx revelou em uma conversa com seu genro, Paul Lafargue, sobre a função historiador-artista em Balzac:

Balzac não foi apenas o historiador da sociedade de seu tempo, mas igualmente o criador profético de figuras que, sob Louis Phillippe, achavam-se ainda em estado embrionário e que só alcançariam o seu completo desenvolvimento após a morte do autor, sob Napoleão III. (LUKÁCS, 1965, p. 32).

Lukács (1965) assegura que Balzac tinha esse paladar apurado para retratar as representações sociais burguesas devido ao fato de não concordar com os modos e meios utilizados pela moderna filosofia burguesa, assim como com suas relações de opressão e exploração do homem pelo homem. Pode-se citar, por exemplo, os modos como cada um dos protagonistas das obras de Balzac aqui analisadas foram persuadidos pela ação deletéria do dinheiro, que alterou e deformou a essência do homem. O desenvolvimento, a evolução e o movimento de cada indivíduo representado estão no conjunto da vida humana devidamente transfigurados pelas imposições e limitações próprias da linguagem literária. O contexto histórico, por seu turno, faz com que tais imposições e limitações se configurem de tal modo que, a cada momento, novas soluções estilísticas podem ser buscadas e implementadas. No caso de Balzac, e como reação ao mundo moderno em ascensão, o seu realismo tende a apresentar a sociedade como alienante, onde o dinheiro transforma as forças essenciais do homem em algo que ele não é (Lukács, 1965).

Para Lukács, a ontologia de Marx está voltada para a compreensão do mundo dos homens e da história como o desenvolvimento das relações sociais, um desenvolvimento social que acontece pela interação dos indivíduos, uma transformação na essência imutável de todas as relações sociais onde o homem se converte em lobo do homem (LESSA, 2007).

Devemos notar, entretanto, que as categorias eventualmente apreendidas por Marx a partir das obras literárias o subsidiaram, de alguma forma, para uma compreensão de uma totalidade da realidade histórica. A sociedade burguesa impulsiona os indivíduos para viverem e conviverem como partes integrantes de si mesmos, não como resultantes de um todo articulado a partir da divisão e dominação entre grupos sociais. Como Marx esclarece, não é o passado que explica a complexidade do presente, mas é essa complexidade do presente que desvela os mecanismos de dominação existentes desde o passado. Na sociedade burguesa, por exemplo, a categoria dinheiro encontra-se mais desenvolvida do que na Antiguidade, pois o dinheiro ali opera com várias funções: meio de troca, equivalente real, medida de valor, meio de acumulação, meio de pagamento universal. Seu desenvolvimento vai se ampliando cada vez mais.

[...] A função criadora do sujeito se manifesta, por conseguinte, fato de que o homem se cria a si mesmo, se transforma ele mesmo em homem, por intermédio do seu trabalho, cujas características, possibilidades, grau de desenvolvimento, etc., são certamente determinados pelas circunstâncias objetivas, naturais ou sociais. Este modo de conceber a evolução histórica está presente em toda visão marxista da sociedade, e, também, na estética marxista.

Marx concretiza deste modo a abordagem do problema: “somente através do desenvolvimento objetivo da riqueza da essência humana, pode ser

primeiramente, em parte aperfeiçoada e em parte criada a riqueza da sensibilidade subjetiva humana. Isto é: beleza um ouvido musical, um olho capaz de colher a da forma; em suma, sentidos pela primeira vez capacitados para um desfrute humano, sentidos que se afirmam como faculdades essenciais do homem”. Tal concepção assume grande importância não só para uma compreensão do papel histórico e socialmente ativo do sujeito, mas porque nos esclarece o modo pela qual o marxismo enxerga os períodos da história da humanidade considerados em si mesmos, e como encara o desenvolvimento da civilização, os limites, as problemáticas e a perspectiva desse desenvolvimento. Marx conclui da seguinte maneira: “A educação dos cinco sentidos é trabalho de toda história universal até os nossos dias. O sentido subordinado a exigências práticas animais é um sentido limitado. Para o homem faminto não existe a forma humana do alimento e sim sua existência abstrata como alimento. [...] o homem angustiado por uma necessidade não tem senso algum, mesmo para o espetáculo mais belo: o mercador de pedras preciosas só vê o valor comercial delas, não vê a beleza nem a natureza peculiar de cada pedra. [...], portanto, a objetivação da essência humana, quer do ponto de vista teórico, quer do ponto de vista prático, é necessária tanto para tornar humanos os sentidos do homem como para criar um sentido humano adequado à inteira riqueza da essência humana e natural. (LUKÁCS, 1965, p. 15-6).

Em meio aos processos sociais estudados por Marx, os indivíduos burgueses se caracterizam como seres acumuladores, egoístas, insensíveis, interesseiros, audaciosos, espertos, materialistas, preocupados em manter seu status social, uma classe de jogadores, uma totalidade concreta. Usando uma expressão lukacsiana, “a sociedade burguesa é compreendida como um complexo constituído por complexos”, uma totalidade articulada, estruturada, dinâmica e inclusiva. Essa inclusão e a dinâmica da sociedade burguesa ocorrem a partir de seus interesses, vão sendo criadas diversas categorias. Da mesma forma, a divisão do trabalho surge para colocar cada um em seu devido lugar e acelerar o movimento burguês de expansão e consolidação de seu projeto primeiro, a expansão industrial e capitalista.

Caso comparemos as obras de Balzac com o intuito de constatar as características acima destacadas do tipo burguês, averiguamos que Raphael de Valentim, Eugênia Grandet, César Birotteau, Goriot, Sr. Grandet, coronel Chabert, Lucien de Rubempré, dentre outros, têm em si mesmos tais aspectos, presos em seu interior e transportados para suas ações. Ora, novamente reafirma-se que o pensamento marxiano está voltado para os detalhes encontrados por Marx nessa busca constante e exaustiva de trazer à tona as condições de existência dos indivíduos nas diversas formações sociais.

Marx demonstra que, no capitalismo, todas as categorias do ser econômico aparecem necessariamente de uma forma reificada; e que, com essa forma reificada, ocultam a sua verdadeira essência relação entre os homens. Nessa subversão das categorias fundamentais do ser humano reside a fetichização inevitável que ocorre na sociedade capitalista. Na consciência humana o mundo aparece completamente diverso daquilo que na realidade ele é: aparece alterado na sua estrutura, deformado nas suas efetivas conexões. Torna-se necessário um trabalho mental de tipo completamente particular para que o homem do capitalismo penetre nesta fetichização e descubra no interior das categorias reificadas (mercadoria, dinheiro, preço, etc.) que determinam à vida cotidiana dos homens a verdadeira essência delas, de relações sociais, relações entre homens. (LUKÁCS, 1965, p. 20).

Ao longo de todo o processo de construção de seu pensamento e método, Marx sempre buscou recorrer aos contextos históricos para agregar e juntar as peças de seu quebra-cabeça. Um empreendimento intelectual inovador que desvelou os elementos necessários para uma compreensão geral dos fatos. Algumas representações dos perfis burgueses expostas por Balzac em suas obras, como os representantes da burguesia formada por comerciantes, o Sr. Goriot, que enriqueceu durante a Revolução Francesa comprando trigo e vendendo a preços exorbitantes. Os banqueiros citados por Balzac em quase todas suas obras, César Birotteau, um perfumista e comerciante que almejou uma distinção social da alta burguesia. Outro exemplo é o Sr. Grandet, um vinhateiro, tanoeiro, sua face “anunciava uma sutileza perigosa, uma integridade sem entusiasmo, o egoísmo de um homem acostumado a empregar seus sentimentos nos prazeres da sovinice” (Balzac, 2006). Tinha confiança em si próprio, era metódico e tinha o hábito de vencer sempre nos empreendimentos.

A partir dos personagens criados por Balzac, pode-se encontrar uma diversidade de elementos, características, posições e argumentos que nos auxiliam a compreender a visão de Marx acerca do mundo burguês. Em *Ascensão e queda de César Birotteau* é possível verificar como as influências de uma classe podem ativar os anseios e desejos em um indivíduo e, em seguida, destruí-lo ou excluí-lo como se fosse um mero objeto de manipulação por parte de seus concorrentes e aliados. Mesmo sendo parte integrante desse jogo de luta pelo poder, dinheiro e prazer, César Birotteau é uma das figuras a demonstrar com perspicácia as maneiras mais capciosas que a sociedade burguesa joga em sentido próprio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pertinência da pesquisa residia em demonstrar, em um plano geral, como a sociologia foi forjada a partir de uma articulação sempre problemática entre os ditames impostos pelas ciências naturais e a literatura. Mesmo considerando-se a obra de Marx como um conhecimento ainda pré-científico do ponto de vista de uma disciplina sociológica institucionalizada, aquela articulação entre ciência e literatura mais explicitamente pode ser identificada para uma compreensão do modo como a lógica da sociedade capitalista foi desvelada pelo auto de *O capital*. A concepção em sua totalidade da sociedade capitalista levada a cabo por Marx e Engels não pode ser reduzida ou sintetizada somente ao aspecto do desvelamento da esfera econômica. O vigor do empreendimento de Marx extrapola as particularidades da dimensão econômica na medida em que promove uma articulação mais abrangente acerca de outras esferas sociais.

A influência da literatura de Balzac na obra de Marx revelou-se, inicialmente, em função das particularidades que um conhecimento acerca dos fenômenos sociais estabelece com a literatura, mesmo do ponto de vista de um método que se pretende científico, segundo os moldes das ciências naturais. Embora as preocupações de Balzac, ao projetar a sua *Comédia humana*, estivessem assentadas em uma visão tradicional ainda marcada pela

indistinção entre literatura e ciência, a visão de totalidade e crítica acerca da nascente sociedade burguesa do autor francês, associada ao seu método próprio de construção literária, viabilizou a Marx um modo próprio de apreensão da sociedade capitalista.

A fundamentação metodológica e os procedimentos quanto à análise aqui propostos foram construídos ao longo das leituras das obras literárias em articulação com os textos analíticos de Marx, buscando-se enganchar diferentes elementos que poderiam revelar-se comuns entre um e outro autor. Uma tarefa complexa a exigir certo rigor, mas que se tornou um incentivo para esmiuçar diferentes obras e textos. Porém, tal oportunidade para compreender as análises marxianas a partir das obras literárias de Balzac fez ver o quanto de novas possibilidades foram abertas.

Marx foi um dos autores que soube se apropriar das noções, recursos, categorias e elementos provenientes das narrativas literárias em prol de um discurso científico acerca da realidade histórica, econômica e social de seu tempo. Ele aparece como um autor de uma teoria que se tornaria emblema para correntes emancipatórias, pois seu engajamento político consistia em estabelecer uma sociedade na qual os seres humanos não estivessem alienados, desprovidos de uma possibilidade de apreensão da totalidade.

Em meio a esse turbilhão da modernidade, “Marx nos tempos de juventude funciona como uma espécie de esponja, absorvendo as mais variadas influências, tirando de cada uma os elementos com que pretende compor um grande sistema de conhecimento” (GIANNOTTI, 2009, p. 33). E, de fato, Marx compôs e soube utilizar cada elemento proveniente daquele ambiente cultural e intelectual variado para a construção de seu projeto arquitetônico com o objetivo de desvendar os meandros do capitalismo. Segundo Lukács, Marx estabeleceu o mais novo tipo de ontologia, pensando nas relações do homem com sua história, um ser historicamente determinado, trazendo novas possibilidades de relações do indivíduo com sua história. Tudo está integrado historicamente, formando uma totalidade; nada é a-histórico.

As obras analisadas contribuíram para corroborar o argumento de que é possível uma visão integradora entre as duas áreas do saber, sociologia e literatura, uma vez que fica patente que Karl Marx se apropriou de diferentes elementos oriundos de diferentes áreas, inclusive das narrativas ficcionais. Ao aproximar essas duas formas de “narrar histórias”, a análise realizada neste trabalho apresenta-se como uma colaboração concreta na superação da ideia de que o discurso literário é meramente imaginativo e, como tal, possui apenas função estética. As narrativas literárias e as abordagens analíticas de Marx mostraram-se complementares, evidenciando que as ciências sociais ainda em sua fase

pré-científica se apropriaram dos detalhes expostos nas concepções de sociedade estampadas nas obras de Balzac.

O mundo em que Balzac e Marx viveram certamente se transformou, mas a leitura de suas obras pôde trazer o que permanece daquele tempo: as relações sociais, a pressão econômica, a violência simbólica, etc., enfim, um caminho para entender a natureza do desenvolvimento capitalista. Nas palavras de Marshall Berman: “Como pode *O capital* morrer se ainda vive o capital?” (WHEEN, 2007). Constatamos que Marx e Balzac, de modos distintos, buscavam desvelar os mistérios escondidos por trás das relações sociais. Lukács, neste sentido, direcionou seus estudos para as obras marxianas e percebeu as novidades no trato com as obras literárias utilizadas por Marx, quando em suas primeiras reflexões fez a reconstituição das ideias estéticas de Marx e Engels. O autor nos confirma:

O verdadeiro conteúdo do legitimismo balzaquiano é a defesa da integridade do homem durante a ascensão capitalista. [...] esse processo traz consigo a dilaceração, uma deformação do homem, [...] os meios da verdadeira objetividade realista. [...] Através das suas relações com a integridade do homem, sua consciência discerne as contradições da ordem econômica capitalista, a problemática da civilização capitalista; e a imagem do mundo por Balzac criador aproxima-se extraordinariamente do quadro crítico da sociedade capitalista em formação (LUKÁCS, 1965, p. 38).

Nesse mesmo sentido, o crítico literário e historiador francês Hippolyte Taine fez a seguinte observação: “Como William Shakespeare, Balzac é o maior repositório de documentos que possuímos sobre a natureza humana” (Balzac, 2009).

Esse trabalho, evidentemente, não traz todas as possibilidades de se fazer pesquisa com obras literárias e suas eventuais relações com obras e autores vinculados às ciências sociais, mas ela pode abrir portas para novas reflexões e pesquisas, muitos questionamentos podem ser levantados, muitas brechas podem ser percebidas com o direcionamento aqui tomado e com as escolhas feitas. Georg Lukács, um autor que toma as obras literárias de Balzac como dotadas de um realismo propício para o entendimento do processo transformador dos indivíduos e da sociedade do século XIX e, do mesmo modo, identifica na obra de Marx uma demonstração científica dos fundamentos da sociedade capitalista, foi aqui utilizado como um intermediador entre ambos os autores. Lukács, ao buscar aprofundar-se nos estudos marxianos, nos mostrou como Karl Marx não se aproveitou somente do sentido estético das obras literárias, mas observou a concepção materialista da história em sua unidade, o valor estético e o processo histórico das obras literárias.

Decerto as grandes contradições da sociedade burguesa adquiriam uma forma concreta quando representadas por Balzac a partir de seus personagens na medida em que estes vivenciavam seus problemas individuais, manifestando um estado de revolta subjetivamente justificada por seus sentimentos mais íntimos. As alternativas para o desenvolvimento das análises aqui propostas, a partir da compreensão das obras de Marx com uma aproximação com os romances de Balzac, viabilizaram uma reflexão acerca de um passado que ainda está bem presente nos dias atuais. E isso pode ser considerado o melhor resultado da pesquisa aqui empreendida.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Mimesis**; a representação da realidade na literatura ocidental. 4. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

AUERBACH, Erich. “La cour et la ville”. In: **Ensaio de literatura ocidental, filosofia e crítica**. Trad. Samuel Titan Jr. & José Marcos mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2007, 211-278.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**; a teoria do romance. Trad. Aurora Bernardini e outros. 5. ed. São Paulo: Ed. Hucitec/Annablume, 2002.

BALZAC, Honoré de. “Prefácio à *Comédia humana*”. In: **Estudos de mulher**. Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2006.

BALZAC, **Honoré de Eugénie Grandet**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

_____. **Ascensão e queda de César Birotteau**. Trad. Herculano Villas-Boas. Porto Alegre: L&PM, 2009.

_____. **A pele de onagro**. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre, RS. Ed. L&PM, 2008.

_____. **Ilusões perdidas**. Trad. De Ernesto Pelanda e Mário Quintana. São Paulo – SP. Ed. Abril Cultural, 1978.

_____. **O Pai Goriot**. Tradução de Celina Portocarrero e Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. “Epos e romance (sobre a metodologia do estudo do romance)”. In: **Questões de literatura e de estética, a teoria do romance**. Trad. Aurora Bernardini e outros. 5. ed. São Paulo: Ed. Hucitec/Annablume, 2002, p. 397-428.

BASTIDE, Roger. **Arte e sociedade**. Trad. Gilda de Melo e Souza. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar; a aventura da modernidade**. Trad. Carlos Moisés & Ana Maria Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Aventuras no marxismo**. Trad. Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte; gênese e estrutura do campo literário francês**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

GUYAU, Jean-Marie. “Essência sociológica da arte”. In: **A arte do ponto de vista sociológico**. Trad. Regina Schöpke & Mauro Baladi. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2009, p.73-256.

FONTIUS, Martin. "Literatura e história: desenvolvimento das forças produtivas e autonomia da arte (sobre a substituição de premissas estamentais na teoria da literatura). In: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2002, p. 97-197.

Garcia, Eurimar Nogueira. **A representação de aspectos da cultura camponesa nos romances O cura da aldeia, O médico rural, e Os camponeses, de Honorè de Balzac** [manuscrito] / Eurimar Nogueira Garcia. – 2012.

GIANNOTTI, José Arthur. **Marx além do marxismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Trad. Luiz Sérgio Repa & Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KONDER, Leandro. **Marx- vida e obra**. São Paulo, Paz e Terra, 1999. (Coleção Vida e Obra).

LEPENIES, Wolf. **As três culturas**. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Edusp, 1996.

LESSA, Sérgio. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

LIMA, Luiz Costa. A análise sociológica da literatura. In: LIMA, Luiz Costa (org.) **Teoria da literatura em suas fontes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 659-687.

LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário & a afirmação do romance**, *Dom Quixote, As relações perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**; um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Livraria Duas Cidades/Ed. 34, 2000.

_____. **Arte e sociedade**; escritos estéticos (1932-1967). Trad. Carlos Nelson Coutinho & José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

_____. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.

_____. Narra ou descrever? (contribuição para uma discussão sobre o naturalismo e o formalismo). Tradução de Giseh Konder. In: **Ensaio O romance histórico** / Gyorgy Lukács; tradução Rubens Enderle; [apresentação Arlenice Almeida da Silva]. – São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Sobre literatura e arte**. Trad. Olinto Beckerman. São Paulo: Global Editora, 1979.

_____. MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad. Marcus Vinicius Mazzare. Estudos Avançados. São Paulo: USP, 12 (34), 1995. (p. 17 - 43).

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. **Manuscritos-econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luis Bonaparte** / Karl Marx; [tradução e notas Nélío Schneider; prólogo Herbert Marcuse]. – São Paulo: Boitempo, 2011.

MELO, Luciana da Silva. **Elementos literários na arquitetura narrativa de Marx** / Luciana da Silva Melo. -- 2014. 117 f.: il.; 30 cm.

MÉSZÁROS, István, 1930, **A teoria da alienação em Marx**/ István Mészáros; tradução Isa Tavares – São Paulo: Boitempo, 2006.

MICELI, Sérgio. **Vanguardas em retrocesso**; ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NISBET, Robert. A sociologia como forma de arte. **Plural**. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, USP, 1º semestre/2000, p. 111-130.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

PAIVA, Marco Aurélio Coelho de. **O papagaio e o fonógrafo – os prosadores de ficção da Amazônia** – Manaus: Fundação Universidade do Amazonas, 2010.

RINGER, Fritz. **O declínio dos mandarins alemães**: a comunidade acadêmica alemã (1890-1933). Trad. Dinah Azevedo. São Paulo: Edusp, 2000.

SAMUELS, Maurice. Metaphors of modernity: prostitutes, bankers, and other jews in Balzac's *Splendeurs et misères des courtisanes*. **Romantic Review**. Columbia University, v. 92, number 2, march/2006, p. 169-84.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**; forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 5. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades/ Ed. 34, 2000.

SILVA, Ludovico, 1937-1988. **O estilo literário de Marx**. / Ludovico Silva; tradução José Paulo Netto. – São Paulo: Expressão Popular, 2012. 112p. : (Coleção Arte e sociedade).

TAILLANDIER, François, 1955- Balzac / François Taillandier; tradução de Ilana Heineberg. _ Porto Alegre, RS: L&PM, 2006.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**; estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WEBER, Max. "A 'objetividade do conhecimento nas ciências sociais". In: COHN, Gabriel (org.). **Max Weber**. Trad. Amélia Cohn e Gabriel Cohn. 3. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1986, p. 79-127.

WHEEN, Francis. "O Capital" de Marx: uma biografia / Francis Wheeen. Trad. Sérgio Lopes. – Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**; de Coleridge e Orwell. Trad. Vera Joscelyne. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.